um disco de ivan e pricila

Hortelã

um songbook por ana cecília e joão vitor

edição de lançamento

abra o olho

Não perca a oportunidade. É ficar conhecendo a nunca mais largar. Assista seus shows, compre seus discos, ouça, divulgue, prestigie, apóie seu trabalho diferente, lírico, musical, belo como as borboletas amarelas e azuis que insistem em tornar mais agradáveis as cacheoeirinhas do Mandu. Apóie o artista independente e recupere o sentido da beleza.

Superintendência de Cultura
PREFEITURA DE POUSO ALEGRE
LEI PAULO GUSTAVO
MINISTÉRIO DA CULTURA
GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

quantos caminhos até te encontrar?

ana bustamante

Descobriram a lua quebrada, mas quem fez isso com ela?

Conheci o Hortelã, nos primórdios dos anos 1980, despretensiosamente, ouvindo o disco que meu irmão Toninho havia comprado. Rolava um burburinho pela cidade afora sobre o lançamento, que tinha sido um sucesso. Eu, como curiosa que sou, decidi ouvir. Foi amor à primeira escuta. Ouvi, ouvi, ouvi... mudei do lado A para o B trilhões de vezes e, na mesma semana, decorei todas as letras. Em pouco tempo, o disco já era sinônimo de ciúmes entre irmãos e eu tive que comprar o meu próprio. Fiquei “me achando”, por ter um LP só meu!

Não conhecia os cantores pessoalmente. Virei fã de carteirinha, daquelas que têm vontade de chorar com a aparição dos artistas! Lembro de tê-los visto à distância e de ter sentido um baita frio no estômago. Que gostoso é lembrar desse tempo, das músicas e de tudo que eu vivia na época!

O álbum trouxe a natureza, o amor, a poesia e a boa música, para nos encantar. Um sonho gerado em muitos ventres! Muitas mãos fazendo o mesmo ser. Virou “gente” em 1985. Uau! E que lançamento! O Teatro Municipal de Pouso Alegre ficou lotado. Infelizmente não fui, mas ouvi atentamente todos os depoimentos que pude de quem teve a honra de ir.

Hortelã criou tendência, despertou poetas, músicos e transcendeu os ouvidos dos sul-mineiros, numa das épocas de maior criação artística de que já ouvimos falar. Transbordou o azul nos poros dos nossos sentidos. De Minas, ultrapassou fronteiras. Se tornou frisson! Voou, num lindo embalo de liberdade. Cresceu, virou gente grande, amadureceu e se imortalizou no coração de tanta gente...

Ivan Vilela e Pricila Stephan, na época, um casal lindo, doaram o amor que sentiam um pelo outro para o disco — tanto que, até hoje, ao ouvi-los, sinto um amor imenso brotando do meu peito. Vivi uma história de amor linda, ouvindo Hortelã... Quem não viveu? Virou moda as músicas mais sensíveis, que traduziam sublimes sentimentos, serem tocadas em casamentos e ocasiões especiais. O amor estava no ar!

E as voltas que a vida dá me deram de presente uma amizade pura e sincera com a Pri, quase trinta anos depois do lançamento do disco. No começo do nosso entrosamento, confesso que eu ainda ficava embaraçada por estar conhecendo pessoalmente a minha ídola! Com o tempo, a sintonia entre nós se instalou naturalmente e a amizade fluiu deliciosamente. Pude constatar a imensidão da mulher dona da voz que embalou tantos corações! Curiosamente, também fiquei amiga do Ivan. Pessoas muito especiais! Não foi à toa que foram cocriadores desse projeto magnífico.

Para mim é, até hoje, uma emoção ímpar escutar Hortelã. ***"Mina que mina do fundo do coração"***, entra pelos ouvidos e transborda no peito.

O disco valorizou, em letras, nossas montanhas, nossa região sul-mineira. Nosso verde, que é tão nosso. Nossa terrinha tão linda. A obra resgatou a magia e a beleza mineira. Itajubá, Pedralva, Pouso Alegre, Cristina, Carmo de Minas, São Lourenço, Delfim Moreira... Cantaram Minas! Valorizaram Minas! ***"O mar de Minas não é no mar... o mar de Minas é no céu".*** Quanta poesia e sensibilidade numa única música! O mundo olhou para cima e navegou nos mares de Hortelã.

E o Gildes Bezerra? Que alegria deve ter sentido em ver suas letras tão bem cantadas pelos dois? E pelos músicos sensacionais que fizeram parte da criação do LP?

Hortelã ultrapassou gerações, pessoas de vários estados passaram a conhecê-lo, foi contagioso. É contagioso! Atemporal.

"Amor, amor, quantos caminhos até te encontrar?". Uma sementinha linda plantada pela Pricila, Ana Cecília Stephan — a nossa Ceci! Que não nega o talento da mãe! —, e o amigo João Vitor Junqueira, se uniram para imortalizar mais um cadinho todo esse encanto. Criaram este Songbook lindo que está nas suas mãos, para que mais músicos possam poetizar em partituras o amor que cada nota musical ressoa nos ouvidos sensíveis, sedentos por poesia.

Afinal, ***"Minas tem moça bonita que se banha nos quintais"*** e os quintais precisam ser cantados, devidamente, com hortelã plantadinho num cantinho da horta, e com Hortelã tocando em cada instrumento, em cada roda de viola que se preze... Pelo mundo afora!

"Há tanto medo de se revelar, entre os dilemas presos nesse ar", mas Ceci e Junqueira, garotada com alma de gente grande, sacaram logo que o álbum precisava de um empurrãozinho para ser eternizado de vez. E está aí, lindo de viver, o Songbook que tanta gente esperava e queria! Todos podem agora vivê-lo na íntegra.

"Essa estrada eu não sei pra onde vai, eu só sei: ela sai do Sul de Minas Gerais". Eu só sei... Já é um sucesso.

Voa Songbook Hortelã!

caiu do céu um vinil

madhav bechara

Em meados dos anos 1980, o Brasil estava reavendo sua democracia; e mesmo que de forma tão distinta da que vislumbramos, havia, sim, naquele limiar, um outro tom de azul no céu, e um frescor arejando nossos jovens corações, tão ávidos de liberdade, arte e amor. Milhares de caminhos pareciam se mostrar disponíveis; não traduzidos em concretas estradas no vasto chão do país, mas em trilhas imaginárias partindo de nossos peitos vibrantes para os mais diversos destinos — um deles: a Música. A Música, que, por tantos anos, nos servira de sagrado refrigério em face do claustro do autoritarismo, haveria agora de nos dar asas, para horizontes mais amplos e insuspeitados; mesmo que em nossas próprias cercanias.

E justamente no universo íntimo dessas nossas cercanias, sucedeu a construção de uma ponte, arquitetada pelo sonho de tantos devotos da Deusa Música, inquietos desenhistas melódicos, versados das profundezas dos vales às mais altas montanhas... uma ponte pronta para o ir e vir de violas e vozes, de amizades e paixões, de tantas vidas entrelaçadas às canções. O eixo Itajubá-Pouso Alegre fervia num pulsar intenso, a inspiração andava à solta, madrugadas eram curtas para tanto, para tudo aquilo que precisava ser dito, em forma de canto.

E como por encanto, eis que cai do céu um vinil, em meu colo o encarte aberto, meus olhos degustando delícias... e os sentidos todos em transe ao desaguar de cada canção; paladar de Hortelã macerado n'alma, voz de Pricila, violão de Ivan, tudo o que era gente bela andava por ali — no céu, Mesquita, Jorge e Dércio não me deixam mentir — e o vinil girava, girava, pelas tardes afora, em minha casa, na casa de todo mundo que eu amava; o vinil girava, girava, e cada verso que a voz da fada expressava, cada nota que o violão ressoava, tinha força de um mandamento mineiro: amar as montanhas sobre todas a coisas. Hortelã dividiu as águas... depois dele, esse Sul jamais foi o mesmo... Hortelã era a pura delicadeza, e agora se faz prova da existência de um mundo que não resistiu a tantos maus tratos. Ao redor daquele vinil, uma egrégora... e uma diáspora. Hoje, além dessas lágrimas rolando na face madurada, e o sangue vagando sem pressa nas veias, sinto no vento a indelével fragrância de Hortelã, na voz de Pricila, no violão de Ivan.

Hortelã, que, em 2025, sopra velas e canta parabéns, celebra quarenta anos de vida. Filho de um tempo e de uma cena artística independente, que se espalhava pelo Sul de Minas como uma febre mansa, permanece como testemunho encarnado de uma musicalidade organizada no afeto, na partilha e na escuta demorada do entorno.

Lançado em 1985, por Pricila Stephan e Ivan Vilela, marcou um momento em que a cultura local se fez, espontaneamente, inspiração para a maioria das produções. Carrega em si o território de onde emergiu: o relevo montanhoso, o lado solar e o lado lunar que herdamos no corpo, o clima úmido das manhãs. Cultura interiorana pura, com suas festas, seus modos de dizer e de calar. Tudo isso se inscreve na tessitura sonora do álbum.

A estética se constrói em planos horizontais, onde voz e instrumentos se enlaçam como paisagens que evitam o espetáculo e preferem o devaneio. Há digitações abertas. Suspensões. Dissonâncias. Acordes sustentados mais pela sensação que provocam do que por sua função harmônica. Também há grooves que escorrem como riachos entre compassos, criando um ambiente interdependente, conversadô — essa conversa cantada que a música mineira cultiva como erva de quintal.

HORTELANDO POR AÍ

onde a memória encontra o movimento

ana cecília stephan

No plano da forma, o álbum nos enreda com canções cíclicas, feitas para morar na lembrança; e sa em porta de cozinha. Não é progrock, mas o pedralvense gosta dos dois!

Os vocais são névoas de aurora. Etéreos, sutis. Costumam vir sobrepostos, duas ou três vozes ao mesmo tempo — tecido fino, renda de som. Assim, surgem nos olhos texturas tímbricas que acentuam a estética da leveza. Grudado nelas, uma poética que se volta para contemplar a fisionomia da região. Por fim, no fundo disso tudo, pulsa a fantasia: esse jeito de tocar o real por um caminho torto e bonito, que faz brotar a reinvenção do dia a dia como território simbólico, espaço encantado.

Esses elementos revelam uma música que é ao mesmo tempo apurada e de chão. Uma arte que compreende o fazer musical como parte de um ecossistema: gente, instrumento e paisagem em laço apertado. Uma micro-história. Foco no pequeno: o detalhe, o quase invisível. Trem profundo, como ser um serzinho por entre gigantes hortelãs. Algo que parece estar sempre à beira de alguma coisa... Uma intuição, um segredo por dizer. Foi desse barro fértil que nasceu o projeto *Songbook Hortelã.*

Idealizado por mim, Ana Cecília Stephan, e João Vitor Junqueira — músicos e pesquisadores que também têm os pés fincados na poeira que viu nascer o disco —, o projeto traz um material inédito de transcrição, análise e documentação da obra. Um ato de guardar e germinar. Tudo isso guiado pela vontade de manter acesa a centelha de um trabalho que representa não só uma cena artística, mas também um jeito de estar no mundo. Uma sensibilidade que chamamos, com carinho, de *Cultura Hortelã.*

A cultura popular não se sustenta p or feitiço. Precisa de presença. De permanência. O esquecimento ronda — é a regra, não a exceção — e só não vence quando alguém finca o calcanhar e resolve permanecer de pé. Origem é a palavra que abriga. Lugar de onde a gente fala. O conectar de uma linha que se estica... se dobra... se enrola... e rasteja... e se diz no cuidado, na lida, no rastro deixado por quem veio antes. Há muitos no Brasil que não sabem de onde vieram, em linhas distantes. Mas sabem onde cresceram. E onde, talvez, gostariam de voltar para morrer.

Para mim, o Hortelã não é apenas parte da minha história familiar — por ser filha de Pricila —, mas também um norte estético e herança de toda uma geração que reconhece nesse disco a imagem de uma arte mineira e brasileira. Aqui, incorpora-se uma ponte entre tempos, entre artistas, entre linguagens.

Ser corpo em travessia é esse gingado que fortalece os vínculos entre as gerações que fizeram, fazem e farão cultura em nossa região. Posso, então, afirmar sem medo que um disco lançado em 1985 ainda pode nos apontar o futuro.

É estranho, mas essas vontades de manter o Sul de Minas vivo me atravessam intensamente. Não sinto como um chamado hollywoodiano, como se eu tivesse sido escolhida por algum destino heroico. Eu chamo a Mantiqueira; e ela, abundante, se abre inteira para quem a evoca. Sinto como busca — minha por ela, e dela por mim.

Enquanto faço isso por mim, sei que faço também por ela. E por todos que a amam com o mesmo espanto. ***Porque tudo está emaranhado: bicho, pedra, som; barro, pedra, pó.*** Preservar essa memória artística talvez seja meu jeito de dizer *"eu me importo".* Meu jeito de nutrir o que me mantém viva dentro do sistema. De deixar, para quem ainda há de chegar neste mundo em fratura, alguma coisa que valha o esforço da luta. Uma mudinha para se plantar quando o solo já não for veneno.

A coisa é grande. Trata-se de preservar a história e defender o direito ao acesso à cultura. Materializar partituras e cifras que até então nunca haviam sido publicadas, para que cada um, dentro da sua própria musicalidade, possa ter seu espaço-tempo de mergulho. Trata-se também de instaurar uma leitura expandida do álbum: entrevistas com os artistas envolvidos, textos de contextualização histórica e cultural, ensaios visuais, e um esforço sensível de aproximar som, imagem e palavra num mesmo gesto editorial.

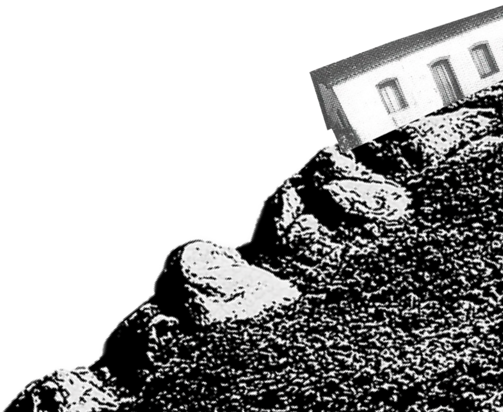
Como um acorde suspenso, bem mineirinho, esse projeto também deseja permanecer vibrando. Que as vozes sublimes do Hortelã sigam timbrando. Que a conversa continue, entre um gole de café e o alívio de ter com quem partilhar o dia. Em tudo isso, seguimos fiéis à sua forma: feita de curvas e frescor, de desvios, contradições e contemplações. Uma estética de admiração cotidiana, onde a dissonância tem lugar e a leveza se faz necessária.

E, como todo projeto independente, este também carrega a mão de muitos agentes. Agradecemos à Prefeitura Municipal de Pouso Alegre, que viabilizou o trabalho por meio de uma bolsa de pesquisa, e a todas as pessoas que contribuíram com seus relatos, saberes e esforços.

Aproveitamos o espaço para um enorme agradecimento aos entrevistados: **Ivan Vilela, Pricila Stephan, Chico Villela, Rodrigo Prates, Sônia Bezerra, Paulinho do Bandolim, Ana Bustamante — e todo o pessoal de Pedralva que emprestou sua memória viva a este trabalho.**

E à equipe:

Ana Cecília Stephan /produção geral, pesquisa e textos
João Vitor Junqueira /produção geral, pesquisa e partituras
Gabriel Stephan Porto /projeto gráfico e diagramação
Beatriz Cotrim /elementos visuais de composição gráfica
João Vitor Ambrósio /arte de capa e contracapa
Rodrigo Prates /fotografias
Pricila Stephan /ilustrações
Ana Claudia Almeida /revisão textual
Luísa Carvalho /revisão de partituras
Ivan Vilela /revisão de partituras



Para concluir, um abraçim para **Ana Bustamante, Beto Silva, Ivan Vilela, João Vitor Junqueira, Madhav Bechara, Pricila Stephan, e Tatiana Meirelles, que não apenas cederam textos tão lindos e pessoais, mas também ajudaram a tornar este projeto um espaço de diálogo, amor e cuidado entre gerações.**

comecei este texto sem título

joão vitor junqueira

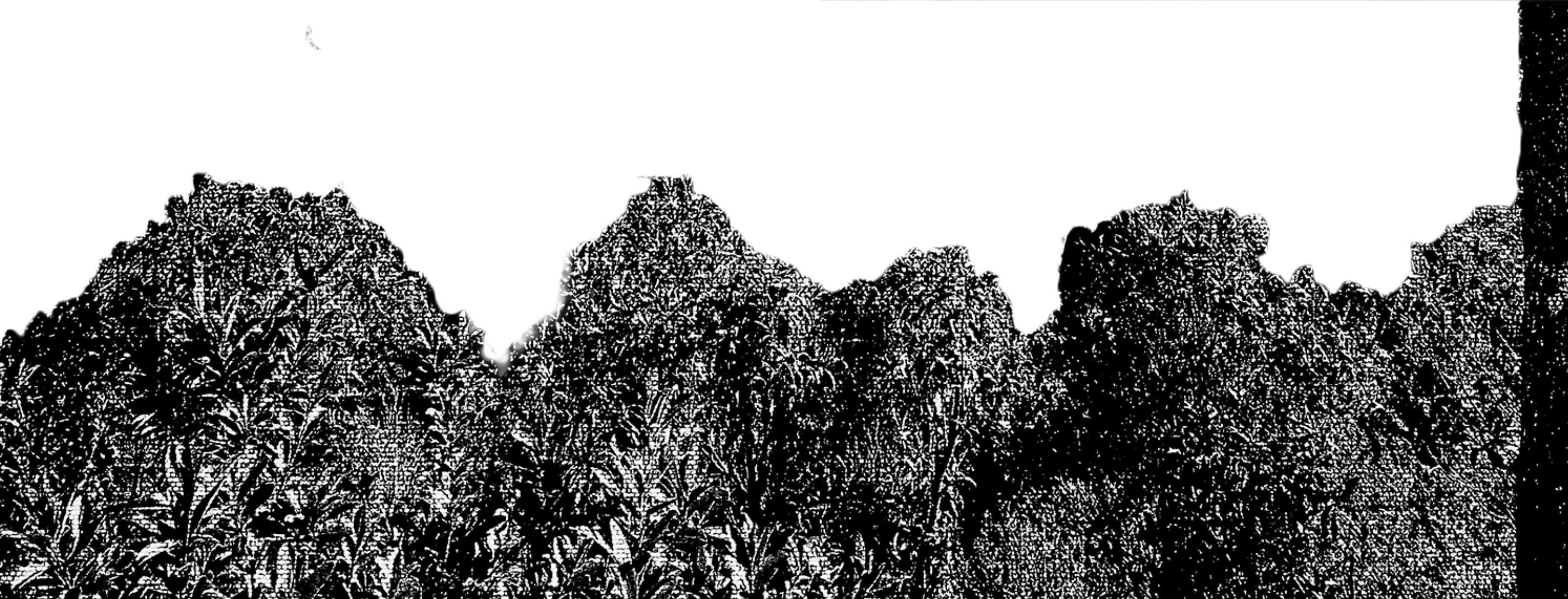
Comecei este texto sem título... Propositalmente! Não sei como intitular de forma analítica o álbum Hortelã e muito menos minha relação com ele. Posso contar um pouco sobre como descobri o disco, e, assim sendo, será uma história de amizade, admiração e memória. A memória é uma coisa misteriosa, assim como as músicas deste disco. Ela mistura realidade e fantasia, sonhos e vivências, nomes e rostos, cores, sabores, cheiros e sensações. É impressionante pensar como tudo isso acontece no hipocampo e passa pelo discurso para o campo simbólico da vida. Hortelã tem muito disso, misturam imagens, paisagens, cores, sabores, emoções. Fala da vida, da poesia e da terra.

Sinto que conheço as vozes **da Pricila e do Ivan** desde muito cedo. Desde a primeira vez que escutei, sinto que conheço há muito tempo. É bem possível que eu estivesse em algum show em que foi tocada alguma música do Hortelã nos anos 2000, quando eu era uma criança acompanhando meus pais pela vida cultural e boêmia da cidade. Só posso afirmar uma coisa: sinto que conheço essas canções desde antes do período amniótico de minha vida. Sempre amei fantasiar que já vivi tudo o que não conheço. Talvez seja daí minha nostalgia com o disco.

Conheci **Pricila, Cecília e Gabriel*** em 2019. Desde então, o Hortelã passou a fazer parte da minha vida. Eu já tinha internalizado as canções Minas e Mandu. Mas sabia que precisava começar a digerir o restante daquele repertório, pois tudo que é genial pede para ser apreciado com calma — assim como quando se toma um chazinho de hortelã no fim de tarde de domingo, na casa da vó que mora no interior.

*Gabriel é o primeiro filho da Pricila, irmão e parceiro inseparável de Ana Cecília.

A natureza não tem pressa, e eu não tive pressa para adentrar nesse mundo de canções, poemas e histórias. Passei a escutar quando tinha vontade, a tirar as músicas no violão quando sentia desejo, a descobrir as histórias em conversas descontraídas com Cecília, Pricila, Gabriel e Ivan. E, dessa forma, foi surgindo a ideia de trazer à superfície novamente a grandeza desta obra.



Durante algumas semanas, eu vinha matutando a ideia de escrever sobre algo que estivesse próximo — algum movimento ou álbum que marcou o cenário musical da região. A primeira e única ideia possível era a de escrever sobre o Hortelã. E, apesar do desejo de trabalhar para conservar a memória desta obra, eu ainda me sentia um intruso por não ter vivido aquilo tudo. Era imprescindível me juntar com Cecília, que é uma herdeira direta da cultura Hortelã e uma das artistas próximas que mais admiro.

A partir daí, tivemos ajuda e contribuição de muitas pessoas especiais que acolheram a ideia de escrever sobre o álbum. Assim como na história do disco, este trabalho foi feito por muitas mãos. Não somente mãos, mas muitas presenças, encontros e carinhos. Hoje, sinto que ele mudou minha vida assim como mudou a das pessoas que tiveram contato com este movimento desde a década de 1980!

Gostaria de falar um pouco sobre a musicalidade do Hortelã, já que fiquei encarregado das transcrições das partituras neste livro. Como disse no começo do texto, sua sonoridade me traz muita nostalgia... Aquela sensação de se lembrar de algo que não viveu. **Aos músicos "cabeçudos" de plantão:** sempre associei este sentimento à sonoridade lídia — se tratando de acordes maiores — e ao modo dórico — nos menores. Não por coincidência, as canções exploram muito dessas sonoridades.

Além disso, a escolha dos instrumentos é bastante interessante. Na maioria das faixas temos duas vozes, violão, bandolim, viola e baixo acústico e elétrico. A textura dessa escolha me traz uma sensação de organicidade. Parece que os instrumentos são frutos da terra, da água, do vento e da madeira.

Ah, a madeira... Não tem coisa mais linda nesse mundo do que quando se cria uma relação com um instrumento de madeira! Por mais que essa madeira tenha sido extraída, manipulada e agora utilizada para um propósito do qual originalmente ela nunca imaginava servir, mesmo assim continua viva. O músico manipula o instrumento, mas também se deixa ser manipulado por ele. Tem que afinar, regular, trocar as cordas, passar um paninho, guardar com cuidado, encontrar a melhor posição para encaixar com o corpo e com os dedos. É como se fosse um ser sob nossos cuidados, com o qual criamos vínculo e afeto, e ao qual ensinamos e aprendemos.

Abordei esse assunto pois, para mim, a sonoridade dos instrumentos do Hortelã é natureza viva, dedicação, cuidado, "começo, meio e recomeço" — como diria Nego Bispo. Ou, como diria Chico Vilela: *Dojeitoqueróla.*

Assim como tudo que há na natureza, o disco também traz a contradição à tona. Temos o lado A e o lado B... Ou melhor: **o lado Lua e o lado Sol.** Diferentemente do esperado, temos no lado A as canções mais densas e no lado B, as mais populares. As canções escolhidas para lado A são lunares, trazem no som os aspectos da noite: são mais silenciosas, tem algumas músicas em tonalidades menores, as quais geralmente são mais subjetivas e suscetíveis aos mistérios do mundo. Já as lado B são completamente solares, bem definidas, todas em tonalidade maior.

Dojeitoquerόla

Lua Quebrada

Para Aninha
Letra de Gildes Bezerra, música de Plínio Ribeiro Leite, arranjo de percussão de Manoel Pacífico
Violão, violas e "viola tonta"/*Ivan Vilela*
Bandolim (improviso)/*Paulinho Faria*
Baixo acústico/*Maurício Brandão*
Zabumba, caxixi, triângulo e efeitos/*Manoel Pacífico*
Reco-reco/*Edson Caparroz*
Pau-de-chuva/*Cao Alves*
Voz/*Pricila Stephan e Ivan*
Coro/*Doroty, Pricila e Ivan*

Minas

Para Cabral
Letra de Arimatã Martins, música de Sérgio Mattos
Violões/*Ivan Vilela*
Donum e efeitos/*Manoel Pacífico*
Voz/*Pricila Stephan*
efeito vocal/*Doroty Marques*

Vida maneira

Para Arlindo e Popy
Letra de Gildes Bezerra, música de Ivan Vilela
Violões/*Cao Alves e Ivan*
Bandolim/*Paulinho Faria*
Flauta/*Guto Carmo*
Baixo elétrico/*Maurício Brandão*
Voz/*Pricila Stephan e Ivan*

Sul das Gerais

Para Fernando Feichas
Letra de Gildes Bezerra, música de Luis Celso de Carvalho
Violões/*Cao Alves e Ivan Vilela*
Violão requinta/*Ivan*
Bandolins *Paulinho Faria*
Flauta/*Guto Carmo*
Voz/*Pricila Stephan e Ivan*
Coro/*Cao, Maurício, Pricila e Ivan*

Mandu

Para o grupo Vaiados na Vendinha
Letra e música de Marcos Mesquita Filho
Temas incidentais: "Coração Brasileiro", de Celso Adolfo, e "Canoa, Minha Canoa", do folclore
Arranjo de percussão de Manoel Pacífico
Violão e violas/*Ivan Villela*
Zabumba, caxixi, agogô, castanhola, pandeiro gay, xilofoninho e pios/*Manoel Pacífico*
Triângulo e afoxé/*Cao Alves*
Palmas/*Muitas mãos*
Voz/*Pricila Stephan e Ivan*
Coro/*Doroty, Cao, Pricila e Ivan*

Plínio, um abraço

Além de um penetra, que soterramos sob a etiqueta de hortelã, saiu nos rótulos o crédito da música Lua Quebrada no meu nome. Quando vimos, não dava mais tempo, já tava colado no disco, e a correção ia exigir mais gráfica. Ficamos no registro do encarte, que toca a mesma música, a sua, Plínio (Ivan)

Pérola

Para Otto e Branca
Letra de Fernando D'Andréa, música de Ivan Vilela
Violões/*Ivan*
Piano *Paulinho Faria*
Bandolins/*Paulinho Faria*
Flauta/*Guto Carmo*
Baixo elétrico/*Maurício Brandão*
Voz/*Pricila Stephan e Ivan*

Bem

Para Ick e Lúcia
Letra de Marcellus Bezerra, música de Ivan Vilela
Violão *Ivan Vilela*
Baixo acústivo *Maurício Brandão*
Voz *Pricila Stephan e Ivan*

Mana

Para Fio Cego
Letra de Marcellus Bezerra, música de Ivan Vilela
Violão/*Cao Alves*
Piano/*Paulinho Faria*
Contrabaixo acústivo/*João Rio Preto*
Voz/*Pricila Stephan e Ivan*
Efeito vocal/*Dércio Marques*

Colar de Carolina

Para Sérgio e Lu
Poema de Cecília Meirelles, musicado por Dércio Marques e Diana Pequeno
Violão e viola/*Ivan Vilela*
Bandolim/*Paulinho Faria*
Contrabaixo acústico/*João Rio Preto*
Voz/*Pricila Stephan e Ivan*

Em trilhos

Para José e Elza
Letra de Marcellus Bezerra, música de Luis Celso de Carvalho, tema inicial de Clóvis Maciel
Violão e viola/*Ivan Vilela*
Bandolim/*Paulinho Faria*
Voz/*Pricila Stephan e Ivan*

Eduardo Mandell

Ivan e Pricila

Uma vez, no quintal da casa da Jussara, pendurados na goiabeira pra alcançar uns encantos além do muro, nós vimos um sabiá azul. Tempos depois, após jogar fora a capa feita às pressas para vocês (a foto, os nomes e a palavra Hortelã) fomos em busca do Estúdio Meioton, naquela casa mineira da Mooca paulistana, levando textos, fotos, provas, e a intenção de preservar a atração simples e gostosa de vocês dois na foto-capa. Mas não foi preciso dizer nada; logo que entramos, vimos os canteirinhos no quintal, o de hortelã debaixo de uma goiabeira, parecia brinquedo. A partir daí as idéias enxurraram, emoção e afeto abraçados como na lembrança do sabiá azul. A capa e o encarte brotaram assim, com Roberto e sua gravidade, Amilton cheio de bichos no lápis, Nô de cristalinas mãos que organizam, a chegada de Eduardo Mandell na pesca de fotos de gotas espertas nas folhas de hortelã e dos momentos de um recente vôo a Minas, tudo isso sob a risadona e a sombra generosa da pança do Miltão, do jeito que a vida rola, sem muito lero, sabiá não gosta. Um beijo

Buzuki e Lirimírili

Gravado no Estúdio CVE, Penápolis, em agosto e setembro de 1985.

Direção musical: *Ivan Villela*
Produção: *Cao Alves*
Técnico de gravação: *Toninho Campos*
Assistente de estúdio: *Edson Caparroz*
Mixagem: *Cao, Toninho e Ivan*
Corte: *Fermata*

Além deste ponto, a contradição natural da vida se faz clara na musicalidade do álbum, já que diversas canções brincam com modulações de uma mesma tonalidade; num movimento do maior para o menor. Isso ocorre em **Sul das Gerais, Bem, Vida Maneira, Colar de Carolina e Em Trilhos.** Sem contar que nas outras canções é bem comum surgir um momento em que a música está em tonalidade maior — *jônia* — e depois vai para a tonalidade menor relativa — *eólia.* É a natureza da vida se impondo em forma de música, trazendo a vida e a morte, a alegria e a tristeza, o movimento e a calmaria, a contradição genealógica do mundo.

Até aqui me ative à sonoridade dos instrumentos, dos acordes e melodias, porém um elemento central no disco são as letras. Sinto como se funcionassem em formato de recitação. São verdadeiros poemas. Falam sobre amor, tradição, alegria, paixão, angústia, e até mesmo sobre papéis sociais na civilização. Criam paisagens, imagens e situações. Revelam trajetórias, contam histórias, levam à contemplação e criam fantasias. E o mais lindo: abordam tudo isso com a ternura que somente os poetas são capazes de possuir. Tem canções, como **Colar de Carolina,** em que claramente a música e a instrumentação estão trabalhando a favor do poema. Acredito que é mais fácil aprendê-la lendo a letra do que lendo a partitura!

Essa veia poética do Hortelã está escancarada no encarte e nos nomes dos compositores. Grande parte das letras é de **Gildes Bezerra e Marcellus Bezerra** — pai e filho, respectivamente. Esses dois são poetas que trazem a aura bucólica e nostálgica de Minas na ponta do lápis. Ler as letras-poemas de Gildes e Marcellus é como estar de frente para uma grande pintura. Os mínimos detalhes devem ser apreciados: as pinceladas, as texturas, as cores, as camadas. E, por fim ou começo, a totalidade da obra.

Já no encarte, Chico Villela e outros contribuintes trazem a tal da "molecagem". Ler e brincar com esse encarte é como pegar um bom jornal de bar ou uma revista requintada, sentar em uma mesa de bar em Belo Horizonte ou Três Pontas, pedir pro garçom uma cerveja e perder horas se divertindo naquela leitura. Tem de tudo ali: receita, foto, ilustração, charge, poema, letra de música, história e, claro, um senso de humor pra lá de bão. Eu e a Cecília já nos divertimos muito lendo esse encarte juntos!

Pois bem! Falei um pouquinho sobre a sonoridade, as letras, o encarte e as sensações que o disco me evoca. Agora, gostaria de me arriscar a falar brevemente sobre meu instrumento: o violão. Conversando com Ivan Vilela sobre os violões do Hortelã, ele me mostrou as linhas e acordes da maioria das músicas e fez questão de ressaltar a influência de **Luiz Celso de Carvalho.** Ivan conta que ele foi um dos seus grandes professores. Foram vizinhos por algum tempo em Itajubá e Ivan frequentava sua casa — e assistia aos ensaios e devaneios no instrumento.

Luiz Celso tinha um jeito particular de formar e encadear os acordes. Isso ficou claro enquanto eu tocava suas músicas presentes no disco, como **Sul das Gerais e Em Trilhos.** O interessante é que, ao longo da escrita e aprendizado dos violões do disco, chegou um momento em que eu não conseguia mais distinguir o que era composição dele e o que era de Ivan! Ficou claro, então, que Ivan se apropriou desta linguagem para criar o Hortelã junto com Pricila.

Quando falo *"jeito particular de formar e encadear os acordes"*, me refiro à maneira quase intuitiva de encontrar as melodias no instrumento. Tem momentos em que basta mover um dedo a partir de algum acorde já montado para se criar uma modulação ou um empréstimo modal complexo! Não me parece que Luiz Celso de Carvalho e Ivan Vilela, no ato da composição, pensaram coisas como: *"Agora quero modular" ou "Neste momento da música, preciso de um empréstimo modal".* O que me soa mais coerente é a possibilidade de que somente moveram um dedo dentro do acorde e assim descobriram outro acorde — trazendo consigo outra sonoridade e levando, assim, a melodia junto... Ou vice-versa, da maneira mais natural e intuitiva possível.

Pérola

Para Otto e Branca
Letra de Fernando D'Andréa, música de Ivan Vilela
Violões/*Ivan*
Piano *Paulinho Faria*
Bandolins/*Paulinho Faria*
Flauta/*Guto Carmo*
Baixo elétrico/*Maurício Brandão*
Voz/*Pricila Stephan e Ivan*

Bem

Para Ick e Lúcia
Letra de Marcellus Bezerra, música de Ivan Vilela
Violão *Ivan Vilela*
Baixo acústivo *Maurício Brandão*
Voz *Pricila Stephan e Ivan*

Mana

Para Fio Cego
Letra de Marcellus Bezerra, música de Ivan Vilela
Violão/*Cao Alves*
Piano/*Paulinho Faria*
Contrabaixo acústivo/*João Rio Preto*
Voz/*Pricila Stephan e Ivan*
Efeito vocal/*Dércio Marques*

Colar de Carolina

Para Sérgio e Lu
Poema de Cecília Meirelles, musicado por
Dércio Marques e Diana Pequeno
Violão e viola/*Ivan Vilela*
Bandolim/*Paulinho Faria*
Contrabaixo acústico/*João Rio Preto*
Voz/*Pricila Stephan e Ivan*

Em trilhos

Para José e Elza
Letra de Marcellus Bezerra, música de
Luis Celso de Carvalho,
tema inicial de Clóvis Maciel
Violão e viola/*Ivan Vilela*
Bandolim/*Paulinho Faria*
Voz/*Pricila Stephan e Ivan*

Lua Quebrada

Para Aninha
Letra de Gildes Bezerra, música de
Plínio Ribeiro Leite, arranjo de
percussão de Manoel Pacífico
Violão, violas e "viola tonta"/*Ivan Vilela*
Bandolim (improviso)/*Paulinho Faria*
Baixo acústico/*Maurício Brandão*
Zabumba, caxixi, triângulo e efeitos/*Manoel Pacífic*
Reco-reco/*Edson Caparroz*
Pau-de-chuva/*Cao Alves*
Voz/*Pricila Stephan e Ivan*
Coro/*Doroty, Pricila e Ivan*

Minas

Para Cabral
Letra de Arimatã Martins, música de Sérgio Mattos
Violões/*Ivan Vilela*
Donum e efeitos/*Manoel Pacífico*
Voz/*Pricila Stephan*
efeito vocal/*Doroty Marques*

Vida maneira

Para Arlindo e Popy
Letra de Gildes Bezerra, música de Ivan Vilela
Violões/*Cao Alves e Ivan*
Bandolim/*Paulinho Faria*
Flauta/*Guto Carmo*
Baixo elétrico/*Maurício Brandão*
Voz/*Pricila Stephan e Ivan*

Sul das Gerais

Para Fernando Feichas
Letra de Gildes Bezerra,
música de Luis Celso de Carvalho
Violões/*Cao Alves e Ivan Vilela*
Violão requinta/*Ivan*
Bandolins *Paulinho Faria*
Flauta/*Guto Carmo*
Voz/*Pricila Stephan e Ivan*
Coro/*Cao, Maurício, Pricila e Ivan*

Mandu

Para o grupo Vaiados na Vendinha
Letra e música de Marcos Mesquita Filho
Temas incidentais: "Coração Brasileiro",
de Celso Adolfo, e
"Canoa, Minha Canoa", do folclore
Arranjo de percussão de Manoel Pacífico
Violão e violas/*Ivan Villela*
Zabumba, caxixi, agogô, castanhola,
pandeiro gay, xilofoninho e pios/*Manoel Pacífico*
Triângulo e afoxé/*Cao Alves*
Palmas/*Muitas mãos*
Voz/*Pricila Stephan e Ivan*
Coro/*Doroty, Cao, Pricila e Ivan*

Penso que na arte deve ser assim: faça e depois compreenda! Com isso em mente, aconselho aos tocadores de instrumentos harmônicos, primeiramente, a tocarem com a cifra e depois com a partitura. Vale a pena sentir os sons dos acordes, tocar com a alma e cantar junto, se possível. Feito isso, aí sim vá pensar de qual campo harmônico vem cada acorde, qual substituição estão desempenhando, ou quais sobreposições tocar em cima deles.

Mesmo assim, no caso dos violonistas, não vá pensar que basta ler os acordes que estão escritos nas cifras! Não, não... Prestem bastante atenção aos diagramas, pois ali está a cereja do bolo! É pelos diagramas que vocês vão descobrir as sutilezas das formas de Luiz Celso e Ivan. Com esse apoio dos diagramas, vocês poderão compreender o que estou dizendo aqui: a maneira inusitada de formar acordes já manjados, os pequenos movimentos de vozes nos acordes — que transformam completamente a órbita tonal —, a brincadeira com formas — que se repetem em diferentes lugares do braço —, os acordes com formações nada previsíveis e a ternura das inversões.

O que mais aparece nos violões das músicas são inversões. Nós, violonistas, estamos demasiado acostumados a sempre tocar a tônica dos acordes... É quase um vício! Nisso, Luiz e Ivan trazem outra perspectiva para o violão. Porque, assim como os pianistas costumam fazer, nem sempre é necessária a presença da tônica na ponta grave do acorde. Sinto que as inversões trazem uma aura de subjetividade e complexidade. Exatamente o que sinto do álbum na íntegra e como poderia descrever tudo o que é natural e orgânico.

É isso! Acho que já consegui elucidar como enxergo e sinto este disco. Espero, agora, que todos se deliciem com este material. Se lambuze dos frutos desta pesquisa que fizemos. Use e abuse! Contemple tudo isso da forma como for de melhor proveito para você, mas sempre com calma, para não perder nenhum detalhe. Leve o tempo que levar.
Use este livro-songbook-pesquisa-revista-matéria orgânica como se pode usar as folhas de hortelã: de várias formas.

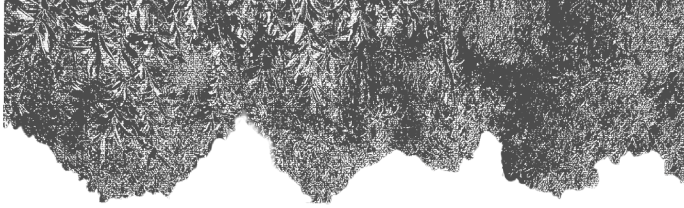
Com o Hortelã pode-se fazer um chá, usar como tempero, extrair o óleo, fazer um suco, usar na pele como anti-inflamatório, fazer uma compressa com água quente. O que tem em comum em todas essas opções de uso da planta é que acredito que todas são medicinais. Então, como as folhas, busque usar este material para exercitar a mente e alimentar a alma. Acredito que todo uso disso que lhes apresento há de ser também medicinal. A arte cura!

prepara um cigarro de palha e espera o carro de boi passar

beto silva

Com uma música aromática, como o nome já anuncia, o Hortelã de Ivan e Pricila tratou de anunciar Minas como uma grande festa. Como o estado e seu povo realmente são: uma festa de encantos poéticos, de espectros de bicho do mato misturados com o aroma da erudição e mistérios das montanhas que só Minas Gerais tem.

Hortelã é menta natural nos contornos divinais das harmonias e nas pasmas belezas das letras das canções. Fez-se surgir como um cigano que dança, canta e evoca tudo que não conseguimos enxergar; precedendo a mágica dos matos com suas bruxas e elfos enfeitados em seus ritos sagrados. Hortelã é calma, Hortelã é cura, terra, chão e montanha.

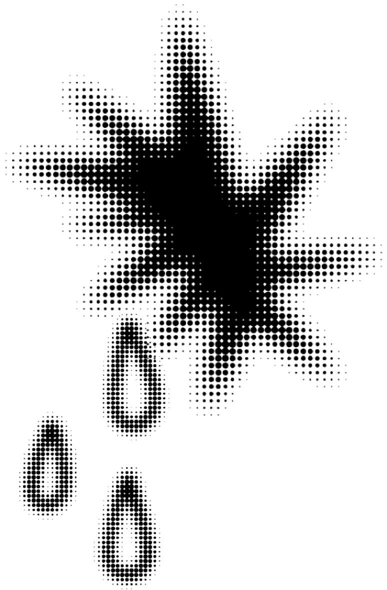


Uma beleza suave que marca uma época de indagações entre rock rural, grudado no chão de terra batida, com a eletricidade dos psicodélicos urbanos de muitas Ritas que surgiam naquele tempo. Entre São Paulo e o Jequitinhonha, a passagem obrigatória era o Sul de Minas. Entre o urbano desvairado do moderno e as crenças das lavadeiras cantadoras de ciranda, tinha o místico acústico e o lombo do burro pelas estradinhas caipiras da Mantiqueira. Pimenta, queijo e cachaça davam o tom da cantoria feliz e fitoterápica muito natural do Hortelã de Ivan e Pricila.

Do padre ao médico e do porco à cachaça, tinha um povo feliz com as canções desses jovens das Gerais. Terras entoadas pelo Hortelã, de cachoeiras, de ocultismo, de gente feliz, eram a ocupação primeira de Ivan e Pricila. *"Quando der eu faço".* Frase sem compromisso com o tempo, deslocando o Cronos e o Kairós para a mesma atmosfera de quem prepara um cigarro de palha e espera o carro de boi passar.

Muito mais que a música, importava a alegria. O hortelã era verde... Era cuidado para ser muito verde, com cheiro e paladar. Por *Gildes Bezerra, Mesquitão e Dércio Marques,* foram feitos alguns escritos maravilhados para que a dupla colocasse a voz, que viajaria com glória pela maria fumaça da cultura brasileira.

Muitos sonhos se encontraram pelas estradas, que faziam de todos os encontros um motivo para cantar a vida e disfarçar a tristeza de viver. Como quem cuida do que ama, o povo mineiro cantou, dançou e comemorou o sagrado que permanece no disco até os dias de hoje. Viva a música, viva a arte e viva a vida com a magia inesquecível do Hortelã!



eu ia ser feliz mas choveu

ana cecília stephan

No dia 4 de agosto de 2024, Pri e eu fomos até Itajubá entrevistar ***Sônia Maria Bezerra,*** companheira de vida de ***Gildes Bezerra.*** Também conversamos com R***odrigo Prates,*** fotógrafo da cena cultural oitentista e independente da cidade, autor das fotos de capa e contracapa do Hortelã. Sônia, animada, tentou juntar a coisa toda e fazer uma farrazinha na casa dela — é grande amiga de Rodrigo —, mas ele preferiu recusar, porque achou que ia dispersar demais. E estava certo! Ficamos quase que amarradas ali, naquele papo bom, entre memórias e uma das melhores canjicas que já comi na vida.

Sônia faleceu pouco tempo depois dessa conversa, transformando esta memória num abraço à sua presença... É bonito pensar que, naquele dia, ela também compartilhou o amor que acompanhou Gildes por tantos anos. Talvez pudéssemos tê-lo escutado diretamente, mas foi com ela que esse pedaço da história se revelou. E é justo assim: Sônia sempre foi a tecedora por trás de tantos caminhos, inclusive o dele.

Assim, nos contou: Gildes Bezerra, mineiro da Paraíba, é poeta há 87 anos, mesmo tendo começado sua carreira no exército.

"Quando ele vivia com a família dele, o pai dele passou sete meses sem receber salário e ele foi pro exército por causa disso. Não tinha nada a ver com ele e ele foi afastado justamente por causa disso. O exército não combinava com ele."

Ao se aposentar, Gildes pôde ser artista em tempo integral — e o Sul de Minas, presenteado com sua poesia.

"Todo mundo achava que ele era um vagabundo, que ele não fazia nada, e ele só escrevendo! Igual o filho do Fernando Sabino: 'Ô pai, quando eu crescer eu quero ser igual ao senhor... Não fazer nada!'" (risos)

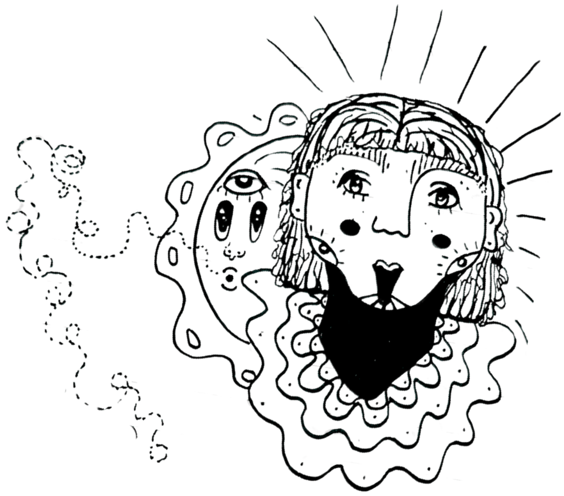
Além dos livros Recantares e Cantações, Gildes escreveu letras para ***Kátya Teixeira, Clóvis Maciel, Dércio Marques, Rubinho do Vale, Amaury Vieira, Amauri Falabella, Gereba, Plínio Ribeiro Leite e tantos outros.*** E onde termina a poesia e começa a canção? Melhor não dissociar! Recomendo, em vez disso, o documentário Palavra (En)Cantada, de ***Helena Solberg*** — um mergulho no que há entre a música e a palavra, com ***Bethânia, Chico, Hilda Hilst com Zeca Baleiro, Tom Zé sendo Tom Zé, BNegão, Lirinha, Wisnik, Tatit*** —, um prato cheio pros nerds da canção popular.

Mas voltemos à dúvida que me inquietava: o que vinha antes, o ovo ou a galinha?

"Sempre mencionaram que as letras já vinham prontas, que não tinha aquele trabalho de procurar e tudo. As poesias já chamavam a música."

Hoje sei que o que vem primeiro é um ovo mutante de um bicho quase-galinha, uma ave-mãe-ancestral. Nesse caso, o bicho primal é este lugar dentro de Gildes onde a linha entre música e poesia nunca existiu.

Para essa história, as parcerias de ouro são com Luiz Celso de Carvalho e Ivan Vilela, então fui cavucar mais o assunto:



CECI: E como foi que Gildes conheceu a turma?

SÔNIA: O Ivan foi o seguinte: O Ivan saiu de casa e veio morá aqui do lado. Aí o Gildes ficou de pai do Ivan, porque ele era menino, um rapazote, quando saiu de casa. Ele tinha uma república e o pessoal vivia aqui em casa. Então, o Ivan começou com a música, junto do Amaury e da Alba, e foi assim que se conheceram! Aí a Pricila começou a namorar o Ivan e houve esse entrosamento. Ele conheceu sua mãe e viajaram diversas vezes juntos. Participaram de festival, né?

CECI: E cês faziam esse formato diferente — que é essa coisa de cantá e recitar coisas —, que é bem diferente né?

PRI: Sim! A gente intercalava as poesias e as músicas. Tinha uma história, né?

CECI: Mas cês tocava junto enquanto o Gildes declamava?

PRI: Não, era tipo uma pausa no show.

SÔNIA: Deu certo! Era lindo o show, né? Muito bonito.

PRI: Sim, a gente ornava bastante fazendo essa proposta. O Gildes tinha uma paciência com nóis... Já pensô? Porque nóis ficava em cada lugar ruim!

CRIS [filha de Gildes e Sônia]: Mas quem que era a república? O Ivan e quem mais?

SÔNIA: Era o Ivan, o Paulinho Faria, o Guto Carmo...

CECI: Oia... Então tava o disco inteiro na mema república! (risos)

CRIS: O Chico Parede-meia* também?

SÔNIA: Eu acho que o Chico Parede-meia também. Um grande poeta agora. Se revelou, né?

* Casa grudada na outra, geminada.

THIAGO [neto de Gildes]: Então, ele lançou lá em São Paulo.Fez homenagem pro vô lá.

PRI: Oia... E o nome artístico dele é esse?

CECI: Não, é porque morava aqui do lado! (risos) É Chico Donizete!

PRI: E como é que cê aguentava esse povo aqui?

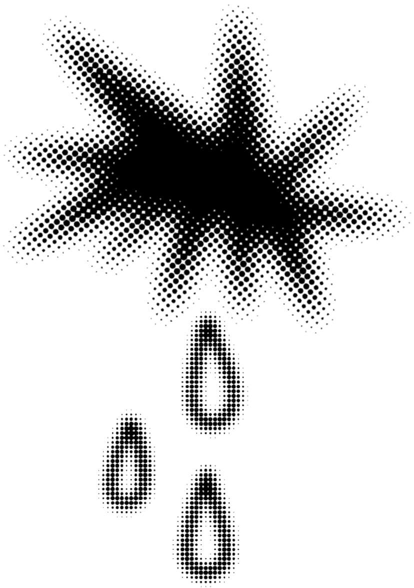
SÔNIA: O pessoal era muito bom! Mas tudo, assim, com uma ligação com a gente que... Nossa Senhora!

CECI: Quantos anos você e Gildes tinham nessa época ?

SÔNIA: Quantos anos atrás, Pricila?

PRI: Uns quarenta anos.

SÔNIA: Então eu tinha quarenta anos — fiz 81.

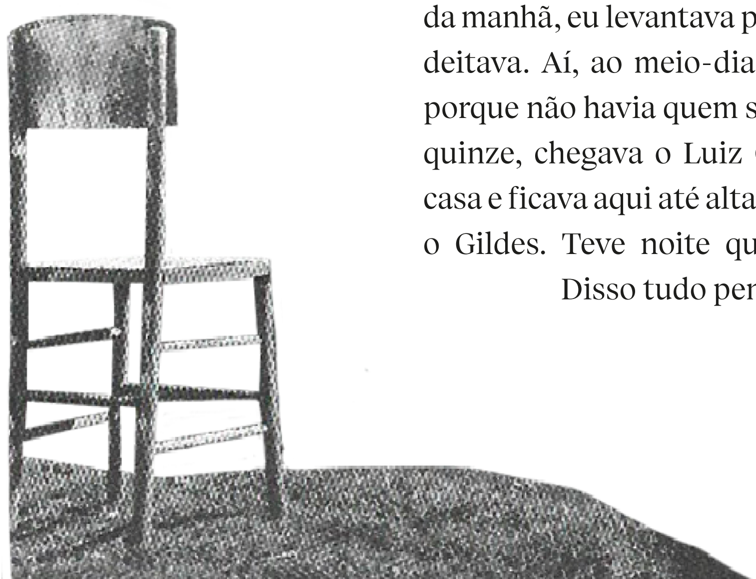


CECI: Vocês gostavam da juventude então!

SÔNIA: Nossa, até hoje! Aqui em casa, ocê precisava ver: o Gildes adotava! Ele achava que tinha uma responsabilidade sobre essa moçada.

CRIS: E o Luiz Celso também, né? Ele num saía aqui de casa!

SÔNIA: O Luiz Celso ele conheceu através da irmã da Alba. Foi uma coisa muito especial, porque os dois fizeram muitas músicas juntos, né? Era assim: quando chegava as sete horas da manhã, eu levantava para pôr as crianças pra aula e o Gildes deitava. Aí, ao meio-dia, ele acordava com humor de cão — porque não havia quem suportava! Meio-dia e dez, meio-dia e quinze, chegava o Luiz Celso. Ele almoçava, vinha aqui pra casa e ficava aqui até altas horas da noite compondo junto com o Gildes. Teve noite que compuseram sete, oito melodias. Disso tudo peneirando umas três obras-primas, né?



CECI: E o Gildes cantava ou tocava algum instrumento?

SÔNIA: Só curtia.

THIAGO: Mas tem bastante música — pelo menos que eu saiba — com o Amaury, que é letra e música do vô. O Amaury também fazia parte da composição em termos de escrita, mas muita coisa de música o vô já fazia também.

CECI: Oia, então ele compunha melodias!

SÔNIA: Compunha.

CRIS: Ah, ele cantava as música dele também.

SÔNIA: Mais aqui, né? Só aqui. Ele não tinha voz para cantá não! (risos)

PRI: Eu tava falando pra Cecília que ele trabalhava muito em cima das letras dele, né? Não era uma coisa puf, saiu! Ele era virginiano mesmo.

SÔNIA: Não, não. Era burilado o negócio... Era bu-ri-la-do!

CRIS: Ele adormecia o texto.

SÔNIA: É, ele não fazia nada de imediatismo. Era uma coisa muito pensada.

CECI: E o Gildes tava participando do processo do disco, o Hortelã?

SÔNIA: Demais da conta. Viveu cada luta.

PRI: Ah, as primeiras pessoas que a gente veio trazer pra ouvir o disco foi o Gildes e o Luiz Celso. Eu lembro direitinho da gente sentado aqui ó, numa escadinha, ouvindo o LP. O Gildes era nosso pai artístico, né?

CECI: E ele expressava pensamentos em relação a esse movimento artístico, estético? Ele entendia a coisa toda como um movimento?

SÔNIA: Sempre pensou. Ele foi uma pessoa que lutou muito pela arte aqui em Itajubá. Ele fazia a QuartArte, que era um programa que apresentava artistas no bar do Diretório Acadêmico. Foi um dos fundadores — ele e o João Luiz.

CECI: Itajubá ser uma cidade universitária ajudou nisso, né?

SÔNIA: Ajudou. E o pensamento da época, né? Eles pensavam muito mais na arte, não na parte financeira. E eles vendiam bebida lá e tudo, mas só isso. Não cobravam o local.

PRI: Tinha um palquinho e a gente ficava tudo em pé ou sentado no chão!

SÔNIA: Era um movimento forte. Na época que o Gildes lançou o primeiro livro, aqui em Itajubá tinha cinco grupos de teatro! Tinha o teatro da medicina, tinha o Lama...

CECI: Então ele tinha essa noção e ia agitando a galera que ele achava boa?

SÔNIA: Ia agitando. Toda vida lutou pra esse lado da cultura aqui em Itajubá. E muitos outros, né? Num era sozinho.

CECI: E, ao meu ver, as artes dialogavam muito, né? Vocês faziam shows musicais com poemas, tinham vários grupos de teatro, a galera da fotografia, pintura... Tudo muito junto.

PRI: A gente se encontrava muito. Era uma coisa de tá junto sempre.

CECI: Então cês era rolezeiro, né? E fazia a cumida e tudo pá galera?

SÔNIA: Cumidaiada! Mai num bastava! Deixava janta praquele povão: Doroty, Dércio, com mulher, amiga... Tudo. Ficavam tocando a noite inteira. Vinha aquele povão, mai eles comiam tudo que tinha na casa — mai tudo! Eu dava janta, mai dipois eles ficavam. Aí eu comprava laranja pra semana inteira e eles chupavam tudo. Até banana, se não tava verde! (risos)

CECI: E o Dércio Marques, cês lembra?

CRIS: Até demais!

SÔNIA: O Dércio... Vô te falá!

PRI: É Hilda Furacão e Dércio Furacão!

SÔNIA: Lançou um livro novo* dele, né?

CECI: Ah, eu comprei esse livro esses dias!

THIAGO: É uma biografia, um apanhado histórico da vida dele. Foi ano passado o lançamento lá no CPT SESC, em São Paulo. Tava ***a Kátia Teixeira, a Ceumar, a Bia*** — produtora dele.

SÔNIA: Elas estavam todas lá, né, Thiago? A Daniela Lassálvia também. A Kátia Teixeira fez um disco** lindíssimo pra pandemia — até mandou pra nós — e fez uma música, parceria com o Gildes. Ela é fantástica! Um dos bolachões mais bonitos que eu tenho é da família dela. Agora, o Dércio era aquela figura, né?

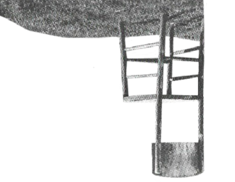
CECI: Ele ficou um tempo aqui em Itajubá, não foi isso?

SÔNIA: Ele morou aqui em Itajubá um tempo, teve três filhas itajubenses. Era casado com a Soninha... Tenho saudade da Soninha, viu? Mas ele não parava em Itajubá, né?

PRI: Nessa época, eu já não acompanhava muito.

* Livro de ***Letícia Queiroz Bertelli,*** intitulado ***Dércio Marques***, da Latinoamérica ao Brasil Adentro, RECOMENDAÇÃO MÁGICA!

** Disco As Flores do Meu Terreiro (2017), outra recomendação linda de Sônia.



SÔNIA: Eu acho que você tava com as criança muito pequena. Mas o Dércio não tinha noção da potência que ele era. Mandaram outro dia pra mim uma homenagem que o Rolando Boldrin fez pra ele. É um cantador mesmo, né? Mas uma pessoa completamente fora da casinha! Nossa Senhora!

CECI: E como que era a parceria entre ele e o Gildes?

SÔNIA: Poisé, ele falava do Gildes com muita reverência e tinha conhecimento que ele é um grande poeta. Foi muito engraçado esse negócio, porque ele participou de um festival com aquela música Pinhão de Amarração*. E quando o Gildes escutou, ficou desesperado, porque ele não conhecia, nunca tinha visto na vida. Foi aquela completa sintonia! Ele ficou maravilhado, sabe? Aí um dia o Dércio veio pra Itajubá, ficou lá num bar; e o pessoal, os músicos, foram chegando. Aí telefonaram pro Gildes e eles se reuniram na casa do Nogueira. Foi quando ele tomou maior conhecimento da poesia do Gildes e, a partir disso, fizeram muitas parcerias. Ele cantou muito as coisas do Gildes e teve um projeto espetacular que eles fizeram, mas nunca concluíram.

PRI: Ah, eles tinham outros projetos juntos!

SÔNIA: Aí coincidiu dele ir para Portugal. E lá ele conheceu um poeta, um cantador, que tinha tudo a ver com a poesia do Gildes. A partir disso, eles fizeram um trabalho intercalando as melodias: o Gildes falando e ele cantando. Era tudo fita cassete nesse projeto.

THIAGO: Mas o Canções Bordadas** ficou pronto, né?

SÔNIA: A ideia dele, naquela época, era distribuir o livreto e o CD. Na época. Hoje não seria mais desse jeito, né?

THIAGO: Pessoal tem lançado mais virtual. E quem quer ter físico, o vinil né?

SÔNIA: Mai naquele tempo era tudo muito amador, né? Vocês muito inocente.

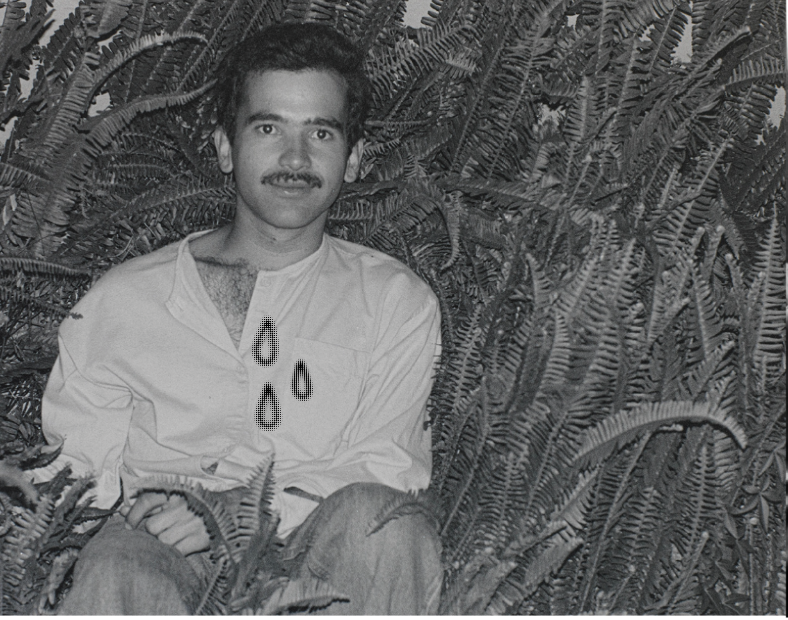
* Composição de ***Elomar Figueira de Mello.*** Regravada por Dércio no disco Fulejo (1983).

** Canções Bordadas é um livro de ***Dércio Marques, com poemas de Gildes Bezerra, Sergio Godino*** — o português — e muitos outros. Um CD também foi produzido, com as músicas que surgiram a partir desses poemas. Lindo, né? E se alguém tiver esse CD, por favor, me venda. Sério. Me. Venda. Agora.

PRI: Era difícil, mas não era difícil, porque tinha mercado pra isso, né? Quando a gente fez o Hortelã, a gente tinha a intenção de viver do disco. Tinha como fazer show e comercializar o trabalho da gente, né? Se a pessoa gostava, comprava o seu disco. Era um recurso a mais pra você ganhar o dinheiro. Eu lembro quando eles começaram com essa história de ser tudo digital e num sei o quê. Eu pensava: *"Gente, mas isso é uma covardia com a gente! Como que a gente vai fazer pra viver de música?"*. Era a preocupação que a gente tinha como músico independente.

THIAGO: Se deslocou o eixo do valor da obra, né? É como se o músico num tivesse valor monetário, financeiro, em si, né? Cê tem que dar a música de graça e convencer a pessoa a virar seu fã. É muito mais cruel, né? Mas ganha com show, merchandising, contrato, publicidade. Com a música, música mesmo, acaba sendo uma coisa muito pequena.

SÔNIA: É, o Gildes nunca ganhou nada com a música. De vez em quando, parece uns 150 reais. É muito pouco!



PRI: Mas isso sempre foi uma questão. Por que eu fui inventar isso, né, Cecília?

CECÍLIA: Ah, podia ter inventado pior, eu acho! (risos) Mai mudando de pato pá ganso, eu queria saber o que o Gildes achô do encarte do Hortelã, porque tem poema e letra dele, do Marcellus*, dedicatórias...

SÔNIA: Ele achou tudo lindo, bem! Tudo maravilhoso!

PRI: Nossa... As letras do Marcellus são lindas.

SÔNIA: Aquela do trem é maravilhosa, né?

PRI: Ah, eu fiz uma música com a letra do Marcellus também, Chuva Noturna**. Preciso gravar ela!

SÔNIA: Ah, num diga! Precisa mostrar!

PRI: O Marcellus era outra coisa, né? Sensibilidade pura.

CECI: Mana, que é letra dele, é a coisa mais linda. É a minha música favorita do Hortelã!

* ***Marcellus Bezerra,*** poeta, filho de Gildes com Sônia.

** *"Chuva noturna, lava de mim a força bruta dos tempos sem fim. Vem água pura a quem busca o que procura. Te antecipa nos meus olhos. Clareia coração."* Lindo.

SÔNIA: E do Milton Nascimento também!

PRI: Minha também! Com piano e Dércio no fundo... É de arrancá o sabiá do gaio!

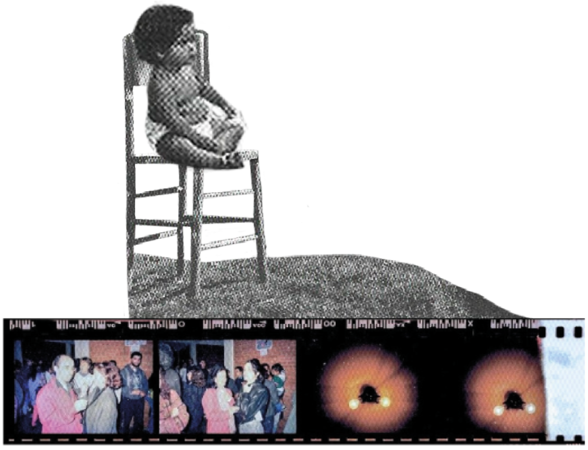
SÔNIA: É de uma sensibilidade... O Marcellus era muito sensível — demais da conta. Muito coração.

CECI: Ele era meio serzim, né?

PRI: Ele percebia um outro movimento, um outro lugar, que a gente só tinha acesso pelas poesias dele. O imaginário dele era muito rico, muito fora dessa realidade; mas muito possível, porque existia dentro das emoções dele.

SÔNIA: O Gildes também é muito sensível. Vive num outro mundo, mas ele sabe o que tá acontecendo. Se você perguntar de tudo quanto é parte do mundo, ele sabe o que tá acontecendo. E o Gildes é muito religioso — daquela religiosidade profunda mesmo. Às vezes eu tô apavorada com uma coisa, falo pra ele, e ele vem com uma palavra tão suave... Uma coisa tão assertiva. Eu tenho a impressão que tem uma entrega total à Deus, da parte dele. De não se preocupar.

Nesse ponto, já começávamos a fofocar, enquanto a Cris esquentava a canjica — doce, claro! Mas tem gente que não sabe que a canjiquinha é salgada; e canjica, doce. Foi uma delícia. Fazia tempo que não comia uma canjica tão boa — males de estar morando em São Paulo capital. Isso dá tristeza de verdade, viu? É uma saudade que gruda no dente.



Depois, eu e Pri fomos encontrar ***Rodrigo Prates*** no seu apartamento — contrariando a vontade da Sônia, como eu disse lá no começo. Eu preferiria um rolê? Sim, mas precisava tentar manter o profissionalismo! A mineirice tem dessas.

Agora, queria lhes apresentar o cara.

Rodrigo é low profile. Analógico até o osso. Fotografava a cena cultural crua, com movimento, erro, rastro de luz. Emprestava seu olhar tipo uma vela no breu. Sem ele, talvez precisássemos de imaginação demais para entender o que foi — o que é — o movimento artístico sul-mineiro. Quase todas as fotos aqui, essas sobreviventes, são dele. Citando Chico Villela: *"Fotógrafo de horizontes, de galáxias e estrelas. Volta os olhos para os homens e vê, poeta, os brilhos nas transparências da pedra".*

Trabalhou quase toda a vida com outro tipo de fotografia — a dos astros, lá no Pico dos Dias, observatório astronômico de Brazópolis. Coisa bem técnica, científica, cheia de astros, nebulosas e aquele silêncio maldito das coisas imensas. Ele fala como se fosse coisa pouca, mas eu acho que é poesia. Ou quase. Num plano maior, lá de cima... um "quase" pode ser visto como "é". Afinal, tudo fica tão miudinho.

Quando a gente conversou, muitas perguntas ficaram queimando na minha cabeça: *Se um artista vive no anonimato, ele deixa de ser artista? E se se afasta da arte por anos, engole outros trabalhos, se dobra, se some? Ainda é artista? E se não vive daquilo — se aquilo não paga nem o cigarro? Pode dizer eu sou artista? Eu acho que sim.*

É cruel demais esse sistema que obriga o artista a se estilhaçar em três, quatro, cinco profissões para sobreviver — e ainda assim nega o direito de existir enquanto artista. E a arte, danada, continua, mesmo que pelas brechas. Inclusive pelas brechas. E pelas madrugadas. No que sobra de tempo e corpo. Por isso, e talvez por tudo o que não sei como elaborar, eu discordo do Rodrigo. Acho que ele sempre foi e ainda é artista.

Depois de tudo isso, achei melhor deixar que ele mesmo contasse.

Vigarices da Natureza

CECI: Cê fez amizade primeiro com quem?

RODRIGO: Quem que foi o primeiro? Primeiro foi com o Gildes, sabia? A gente tava assistindo Dércio Marques na praça. Por coincidência, Gildes tava na frente, aí eu falei assim: “Poxa, o cara é bom pá daná! Não conhecia ele não!”. E ele sem o microfone... Aí Gildes ficou lá preocupado com eles. Cê lembra que tinha uma mania de vocês, assim, de cantar sem microfone? Tinha gente que era contra!

CECI: Uai, tinha gente que era contra?

PRI: O Dércio tinha um vozeirão, né? Ele gostava de abrir o peito.

CECI: Vozeirão de cantador. Mas ocê, mãe, com esse agudinho, sem microfone... Coitada!

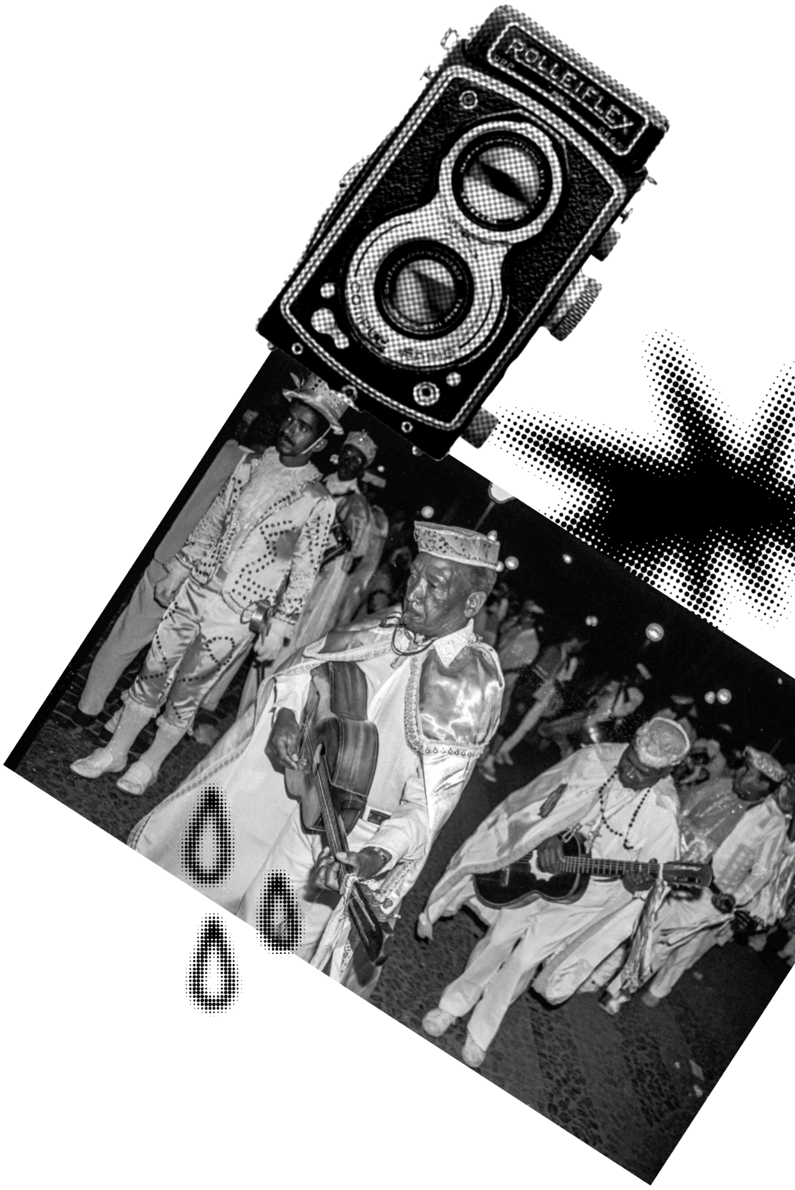
RODRIGO: Tinha uma coisa natural, assim, mas aí ele foi vencendo isso.

PRI: Os aparelhos de som — as coisa que a gente tinha acesso — era tudo muito ruim. Acho que a questão era meio essa também. Não tinha mesa, não tinha nada. Era caixa, microfone e pronto cabô!

RODRIGO: É! Ainda bem que era o Dércio lá na praça com aquele vozeirão mesmo. Mas fez falta. Aí eu e Gildes, acho que a gente começou a conversar ali. Eu tinha acabado de chegar aqui em Itajubá.

CECI: Cé é da onde?

RODRIGO: Belo Horizonte.



CECI: Mai cê veio pá cá pá quê?

RODRIGO: Aí é que tá! Eu era fotógrafo em Belo Horizonte. Quer dizer, antes eu não era fotógrafo — gostava muito de carro de corrida, de kart. Fui três vezes campeão! Aí parei com esse negócio, porque era muita competição e gente pisando no outro, sabe? Aí entrei na geografia, fui estudar, fazer movimento estudantil. E ganhei uma câmera do meu irmão, que ele trouxe dos Estados Unidos, em 1975. Aí comecei a fotografar e tive aula com bons professores... Fui atrás, sabe? Estudei com gente muito boa e comecei a trabalhar numa agência de publicidade como assistente dum professor e tal. Daí montamo um laboratório, eu e ele — tudo analógico naquela época. E eu num tinha grilo ou medo nenhum de mostrar minhas coisa, sabe? Conhecia toda turma de Belo Horizonte e tava bem entrosado. Aí esse professor recebeu uma proposta de vir pra Itajubá em 1979 e falou: *“Ah, num vô, que meu negócio é aqui, publicidade e tal”.* Então, pensei: *“Vô lá ver o que que é esse negoço no alto do morro!”.* E fiquei 37 anos!

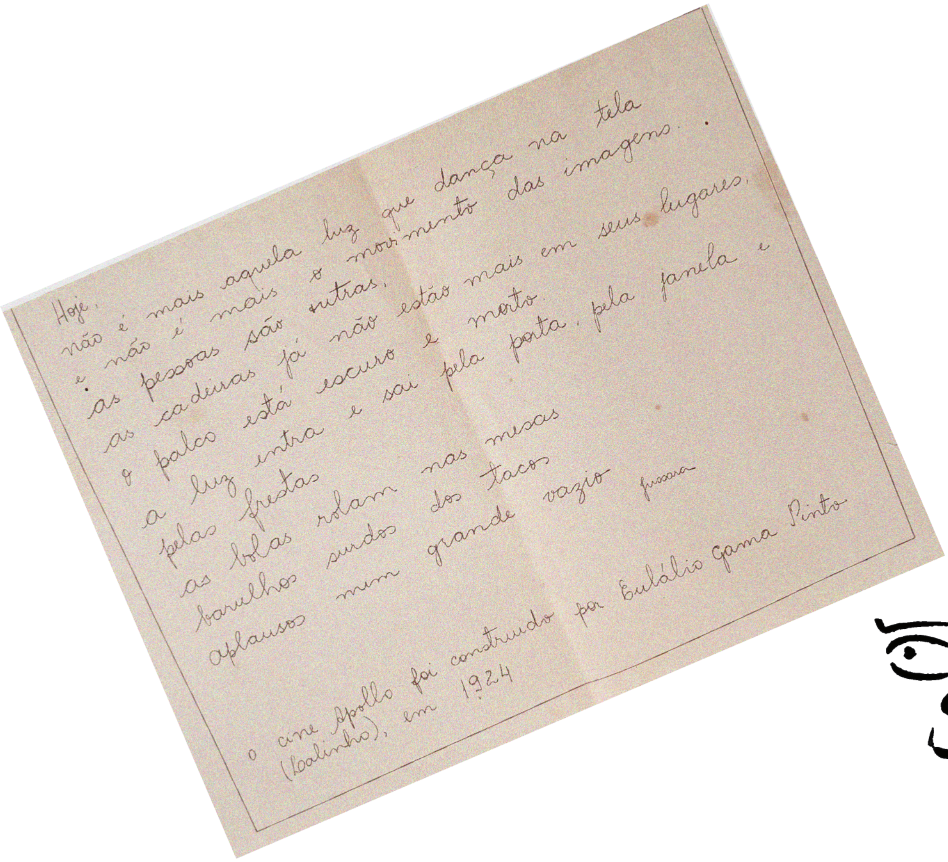
CECI: Cê gostô muito? Paxonô?

RODRIGO: Eu gostava do trabalho sim. Eu era o único fotógrafo de astronomia realmente profissional no Brasil. Não existia, porque o que você faz com fotografia lá é um negócio super técnico. E aí fiz aquela exposição do Apollo*; exposição com o Gildes e os poema dele; com a Jussara** nua, em 1980 — umas fotos dela no banheiro... Magina! Cheguei aqui e já fui expor isso lá na Unifei! Mas era muito mais fácil cê pôr as coisa e mostrar. Depois, eu entrei no observatório e virei bicho do mato trabalhando 37 anos lá. Isolado totalmente. Mesmo assim, fazia movimento cultural

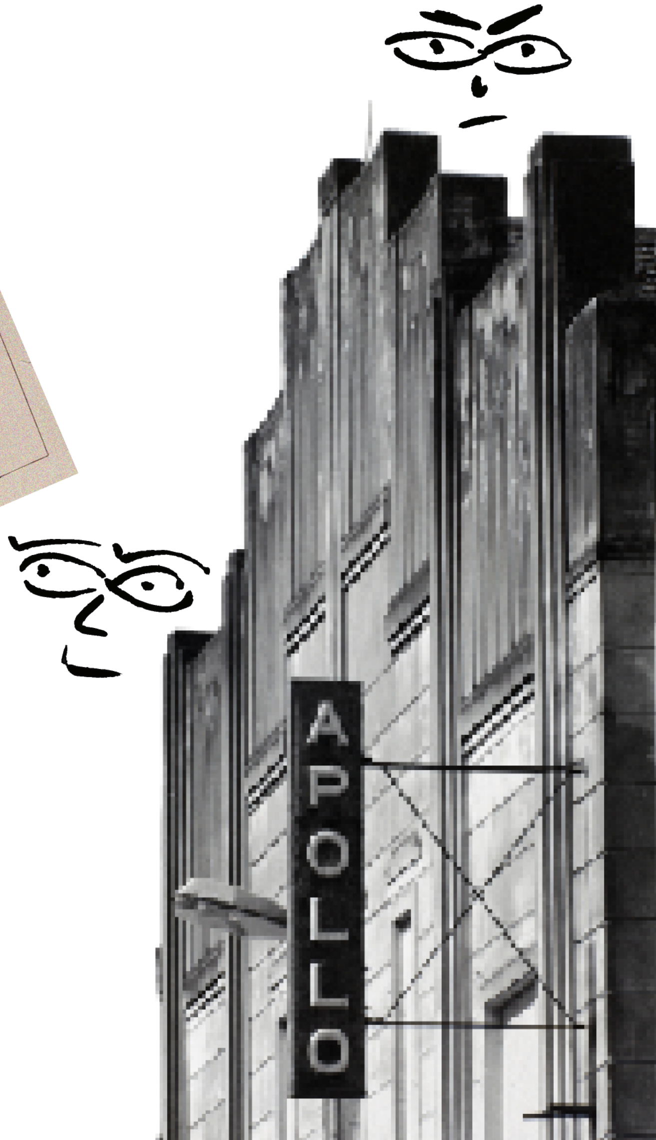
PRI: Eu fui uma vez lá! A Cecilinha tinha uma fazenda lá embaixo no pé da serra e eu tava lá recém-operada de apendicite. O Ivan me encontrou lá e quando a gente tava caminhando pela estrada, cê passou e levou a gente lá no observatório pra conhecê!

RODRIGO: Olha só... É mesmo?

* Cine Teatro Apollo, inaugurado em 1927, na cidade de Itajubá. Encerrou suas atividades nos anos 1960 e virou até lugar para jogar bilhar. E, por mais triste que seja, foi demolido.
** Jussara, esposa de Rodrigo na época.


Hoje,
não é mais aquela luz que dança na tela
e não é mais o movimento das imagens.
as pessoas são outras,
as cadeiras já não estão mais em seus lugares,
o palco está escuro e morto.
a luz entra e sai pela porta, pela janela e
pelas frestas
as bolas rolam nas mesas
barulhos surdos dos tacos
aplausos num grande vazio
Jussara

o cine Apollo foi construído por Eulálio Gama Pinto
(Lalinho), em 1924



CECI: Gente, eu nunca fui no observatório. Cês acredita nisso?

RODRIGO: Ah, vamo marcá lá! Mas é isso, mesmo assim eu fotografei movimento cultural, todas as coisas onde cês tavam, né? Eu tenho foto aqui que eu descobri, que cê nunca viu! Colorida e tudo! É capaz deu já ter digitalizada até. Bom, aí — tchô acabar rapidim, que aí nóis vamo pro disco — foi isso que aconteceu. Enfiei as cara na fotografia de astronomia e fazia uns trabalho aqui fora. Aliás, teve uma época que tava muito ruim lá em cima e montei um laboratório aqui também. Nunca parei de fotografar, né? As coisa mais, assim, próxima; mas não profissionalmente, né? Que aí chegou a fotografia digital e pirou tudo mais ainda, porque a linguagem mudou, né? Vocês entraram de sola nisso e eu num entendia nada!

CECI: Se bem que quem sabe mexer com as coisa analógica é tudo povo chique!

PRI: Cê é chique, Rodrigo!

RODRIGO: Eu adoro o analógico, adoro! Eu tenho as câmeras velha e funciona até hoje. Tem Rolleiflex, tem tudo. Tá com filme lá, vive com filme. Tem filme na geladeira! E revelo tudo aqui — só o filme, depois digitalizo. Já digitalizei uns duzentos e tantos negativos, preto e branco e colorido. Também tem muita foto da família, coisas que acontecem...

CECI: Ah, mas essas são as melhores, eu acho. Pelo que eu entendi, você ia fotografando as coisas que iam acontecendo, bem organicamente, né?

RODRIGO: Isso. Iam acontecendo, aí eu pegava uma ou duas. Fazia e guardava. E foi assim, entendeu? O tempo todo. E foi somando negativo!

CECI: Ah, esse fazerzim manual... Gostosim. Mas aí como é que eram esses rolês que ocês saíam fotografando?

RODRIGO: Se não fosse pela Jussara eu não fazia nada, porque eu não tinha tempo. Eu só ia na noite atrás dela e cabô que ninguém fotografava as coisa aqui — então eu fazia. Eu também trabalhei em um jornal aqui, fazendo fotos, e fiz aquelas exposições... E sabe que eu acho que fui eu que chamei a atenção pro Apollo? Sinceramente. Naquela época, eu cheguei e aquilo deu um choque. Fui lá e fotografei. Foi a primeira vez que eu vi alguém falando do Apollo. Isso deu um alerta, eu acho.

CECI: O Apollo era o Cine Teatro, que não tem mais. É isso, né?

RODRIGO: Era o teatro! E foi uma exposição. Eu sai lá da casa com as fotos na mão, pra dipindurá lá na Unifei. E falei assim: "Jussara, escreve pra mim um negócio, alguma coisa do texto". Na hora ela escreveu à mão e eu pus numa moldura rápida. É lindo o texto que ela fez... Cê precisa de vê que maravilha! Até arrepio, porque foi na hora de levar as exposições. Aí eu pus lá e começou um movimento ali, entendeu?

PRI: Foi um abandono, né? Maior judiação!

RODRIGO: Tendeu? Isso é muito interessante! Pode ser que tinha gente falando disso, mas eu não lembro. Aí começô, né? Fotografava o movimento cultural todo: teatro, show, passeata. O Gildes adora e até hoje fica me cobrando as fotos. Aí eu falei que ia passar na televisão pra ele — porque a foto em papel tá caríssima, num fica do jeito que a gente gosta nem nada. E ele: “Não, mai eu gosto de ter na mão, porque eu vejo, ponho elas lá... Daí a pouco vem outra coisa, eu olho ela de novo...”. Sabe comé que é, né? O Gildes tem alguns poemas dele — diário e tudo —, que foram por causa das minhas fotos.

CECI: Do livro Recantares?

RODRIGO: É, do livro. Tem aquela poesia assim: *“Eu ia ser feliz, mas choveu”*. Ele veio duma foto! E eu tenho um sitezinho que eu pus só essas coisas e fui tentando aumentar com o Gildes. Tem um monte de foto que eu escolhi em cima das poesias dele, e algumas poesias que ele fez a partir das minhas fotos. Eu gosto muito de umas coisas lá, mas ninguém entra, sabe? Mas vem cá procês vê a minha sala, minha caverna!

PRI: Oia, nois vamo entrar na caverna dele! (risos)

Adentrar o espaço de Rodrigo é atravessar cinquenta anos de trabalho. Tudo ali repousa em ordem: negativos em preto e branco, ampliadores, telescópio, câmeras, documentos, caixas sobre caixas — camadas de tempo empilhadas com cuidado. Mas o que mais me brilhou os olhos foi o Cometa Halley, capturado por ele numa plaquinha de vidro. Rodrigo explicou que esse tipo de corte era feito no escuro, com diamantes; o negativo repousa sobre o vidro porque o vidro não se deforma como o celuloide. É mais fiel, ele disse. E eu, como sempre, voltei pras minhas perguntas, feito criança curiosa.

CECI: E cê lembra do dia que vocês tiraram as fotos pro Hortelã?

RODRIGO: Lembro, mas ocê também pode me ajudar nessa, Pricila!

CECI: E tem aquele cartãozim seu, né?

Me refiro aqui ao folhetim com dobra delicada, feito para abrir com cuidado. Nele, repousam algumas das fotografias de Rodrigo — imagens analógicas em preto e branco, graciosamente granuladas, lindas de morrer.

Esse cartão vinha junto com o encarte, como quem oferece não só um disco, mas um gesto. Era mimo, era surpresa. Uma coisa para guardar com carinho no meio do livro favorito ou deixar como decoração num cantinho especial da casa. Eu picotei tudo e colei em paredes e espelhos do meu quarto, porque gosto de criar mundinhos... E Rodrigo tem feito parte do que me é lúdico.

RODRIGO: Tem, tá aqui. Tenho um calhamaço desses cartões. Ó o peso!

PRI: Nossinhora! Eu fiquei com duas caixas de disco também e agora o negócio tá...

RODRIGO: Tá pegando força de novo!

CECI: Tudo que vai, volta, né?

RODRIGO: (risos) Tudo que vai, volta.

PRI: A gente cantou recentemente no Teatro Municipal, lá em Pouso Alegre. Teve uma homenagem pro Mesquita — porque ele fez a passagem dele — e aí teve esse show com o Maurício Brandão, o Raimundo Andrade... Eles fizeram as músicas do Imbuia e chamaram eu e Ivan pra fazer participação. Foi agorinha, umas três semanas atrás. E nossa, minino, foi o maior sucesso nóis de novo no palco! Deu um match bacana, rolou levinho, rolou legal!

RODRIGO: Imagino! Olha aqui, esse disco é um negócio impressionante, que cê fala mesmo, né? Ele tá sempre aí!

CECI: Na minha geração também tem muita gente que gosta.

RODRIGO: Poisé, gente nova! Comé que pode, né? As coisa...

PRI: É por isso que a Cecília teve essa ideia de fazer o Songbook, porque tem gente querendo tocar as músicas, mas não tem cifra nem nada.

CECI: É, eu pensei: "Gente, é um segredo de Estado?!". Tinha um povo que tinha umas gravações do Ivan tocando violão, mas não era algo que qualquer um acessava. Aí eu comecei a ficar incomodada com isso e falei: "Ah, não! Vô fazê então... Pra todos!"

RODRIGO: Nossa, vai ser muito bom isso, porque esse disco tá eternamente aí.

CECI: Sim. E é uma escola de violão!

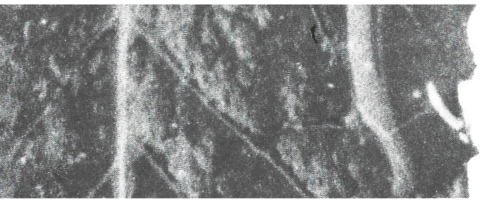
PRI: Poemas lindos, fotos lindas, um encarte maravilhoso...

RODRIGO: Tem gente que fala que não existe um encarte mais espetacular no mundo.

PRI: E lá em Pedralva que a Luiza Rosa Bustamante fez a redução, uma miniatura, idêntica do encarte pra colocar num CD? Fez de presente pra irmã dela, a Ruth. Muito fofo, muito fofo.

RODRIGO: O encarte tudo? Que belezinha!

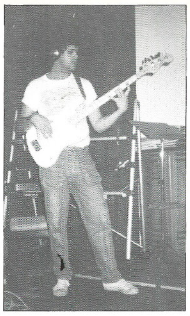
CECI: E esses hortelãs você fotografou também ou foi colagem do Chico?



Apesar de um disco independente tender a ser desigual a si mesmo, gravar o Hortelã não foi coisa fácil. O encarte mostra os artistas que mais de perto contribuíram com força e vontade para que a idéia, música, se tornasse som. Mas nunca se fala o suficiente. Duas pessoas foram a síntese de tudo o que encontramos: Doroty e Dércio Marques, irmãos e amigos. A eles, por todos, obrigado.

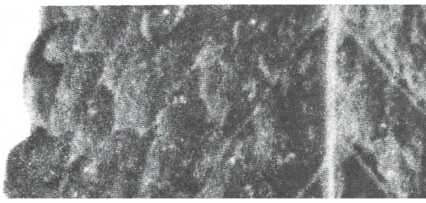
Agradecemos às prefeituras de Itajubá e Penápolis, pelo apoio; ao Alex, por viabilizar a gravação; ao Popotinha, pelo carro; ao Sérgio e Lu, pela força e por acreditarem nas pessoas.

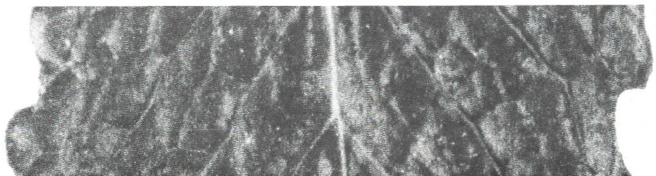
Guto Carmo consegue juntar estudos de História, poesia brava, aulas de dança, e ainda achar tempo prá viver e tocar flauta. Conheceu Ivan no Água Doce, e este podia ser seu outro nome. Faz milagres, mas a igreja abafa a divulgação, daí que todos os sul-mineiros conheçam o Guto só pela flauta. É pouco pro Guto.

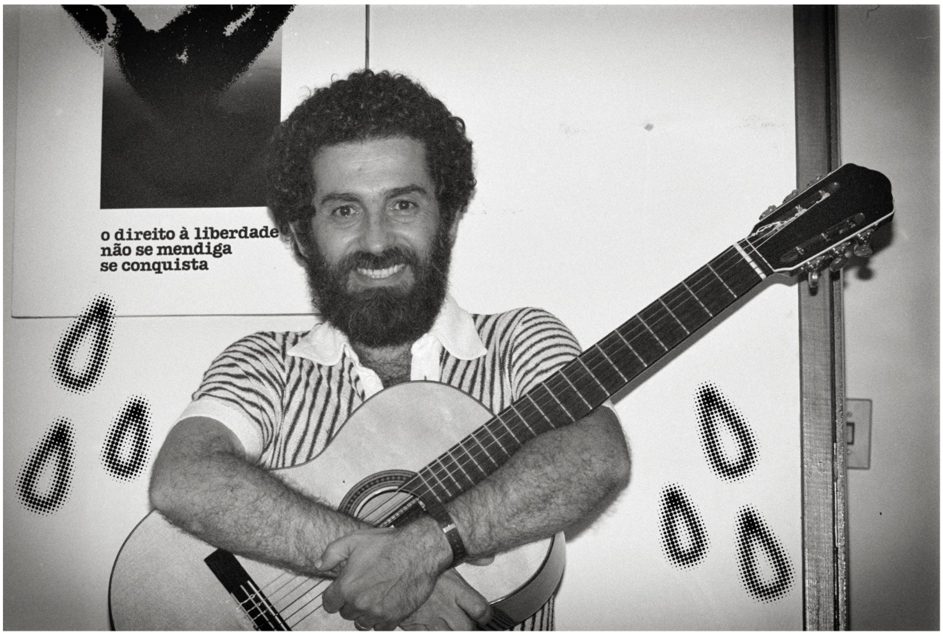


O Maurício é advogado, mas ninguém acredita. Acorda à noite, e foge para casa à mais leve ameaça de aurora. Gosta de tocar jazz e o resto, até mesmo o que chamam de "regional", com o grupo Imbuia.

Cao Alves é baiano de Vitória da Conquista há 22 anos, mas infiltrou-se no meio dos mineiros devagarinho, escondendo sob a aparente sisudez a dedicação, a generosidade e a incrível capacidade de trabalho que aplicou para organizar a produção. Mas quem pensa nele como produtor nada sabe de sua colaboração com Dércio, Saulo Laranjeira, nem da beleza de suas cordas quando recria Elomar e Mochel. Sentado ao seu lado, Manoel Pacífico, que trouxe do Maranhão todos os sons de sua percussão compenetrada. Depois de ajudar a cultivar uns ramos do Hortelã, vai voltar ao trabalho com Doroty, Saulo e tantos mais que sabem que é só pedir: o Manuel concorda e liberta alguns ritmos que tem guardados nas mãos.







RODRIGO: Eu passei os negativos e falei com ele assim: *"Olha, eu acho, pessoalmente, que a foto tem que ser essa"* e depois num vi mai nada. Aqui atrás, na contracapa, num sabia o que que ia fazer também. E outra coisa: a foto da capa tinha um fundo. Eu até cheguei a mostrá pra ele... Era uma coisa mai fotográfica que eu queria, né? E, claro, fotógrafo vai querer uma coisa mai fotográfica! Aí ele chegou lá em casa depois com o disco e até chorei, porque o trabalho realizou.

CECI: E as fotos do povo são suas?

RODRIGO: Algumas são. Por exemplo, essa do Luiz Celso é.

PRI: É que algumas foram feitas no estúdio lá em Penápolis, onde nóis gravamo.

RODRIGO: No estúdio, poisé! Mas da Jussara e da Aninha, do Marcellus, do Ricardo e do Gildes também são minhas.

CECI: Essa da capela em Maria da Fé é sua?

PRI: Essa é do alemão! Eduardo Mandell. Eu lembro quando a gente foi em Maria da Fé. Eu tava junto.

CECI: E onde vocês tiraram as fotos da capa e contracapa?

RODRIGO: Essa pedra é em Piranguçu, na estrada pra Vila Maria. Lugar maravilhoso.

CECI: E por que vocês resolveram fazer lá?

RODRIGO: Num sei, eu que gostava do lugar — eu acho — e propus. E o que eu gosto aqui nas fotos, é isso: essa cumplicidade, essa amizade, carinho, entrosamento***.***

CECI: Cês pensaram nas ropinha, nas coisa?

PRI: A roupa que a gente tinha, né fia? (risos)

RODRIGO: É, foram mais arrumadinho, assim. (risos) Uma coisa meio hippie, né? Mas não sei se era isso que era pra sair e tal. Só fiz um filme, né? Num fiz mai nada. Um filme só e pronto, já era!

CECI: Tem foto individual da minha mãe, não tem? Parece que tem umas lá em casa.

RODRIGO: Desse ensaio?

PRI: É? Será que não é minha mãe que cortou o Ivan não?

Vó Branca — vó de Cecília e mãe da Pricila — cortou o Ivan de todas as fotos depois que ele e minha mãe desataram o casamento. Fato cômico, digno de uma canceriana rancorosa!

RODRIGO: Minha mãe fazia isso também! (risos)

CECI: Gente... É o photoshop das mães! (risos)

PRI: Ela recortou todas as fotos! Canceriana é revortada! (risos)

RODRIGO: Sabe por quê? Era uma época que num tinha nada. Eu vinha de Belo Horizonte e eu tinha muito disco — que eu tenho aqui até hoje — e cês adoravam ouvir os discos! Assim, daqueles jazz, aquelas coisa.

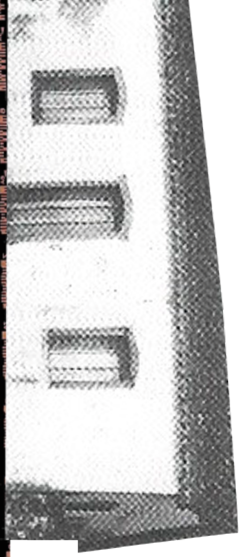
CECI: Ah, legal. Discos que num chegavam em Pozalegre, em Tajubá...

RODRIGO: Num chegava aqui muito não. Era, pô, 1980. Cês eram novinhos demais! Eu sou dez anos mais velho que o Ivan, né? Aí o pessoal gostava porque a casa era liberada, entrava e saía gente. Isso aí que levou eu entrar no disco, entendeu? Foi a proximidade, a amizade, com os músicos daqui e tal.

CECI: Cê colava bastante nos rolê do som, então?

PRI: Rodrigo ia junto em tudo!

RODRIGO: É, e aí eles gostavam! Marcellus era amigo, vivia lá em casa brincando com Ana. Guto também e a banda Água Doce inteira. Eu fiz fotos do Água Doce, inclusive. A gente tinha mania de ir pra roça, né? Então fomo com os quatro fotografá e juntô o ***Água Doce*** com um bando de violeiro que tinha lá na roça! Eu fui fotografando — todos com aquele cabelão — aí teve um momento que eles deitaram no chão e eu só via cabelo! Tem um filme inteiro dessas fotos. São lindas. Eles posava legal, sabe? Os quatro — ***Ivan, Gordo (Clóvis Maciel), Alex e Guto*** —, todos cabeludézimos! Tem umas fotos deles no sofá, com um caindo em cima do outro! Meio Beatles, né? (risos) As fotos com um grão grande... O filme é lindo, inteiro bonito. É uma lembrança e tanto.



CECI: Tem umas fotos da minha mãe sozinha numas pedras. São bem bonitas. Ela tá parecendo uma fada, meio Brumas de Avalon — tinha essa vibes! Mas aí cê deu os negativos pro Chico e depois ele não te perguntô nada?

RODRIGO: Claro que na hora que chegou eu pensei: *"Poxa, cortô minha foto!" (risos).* Mas tudo bem, entendeu? Porque entreguei pra ele e falei: *"Faz o que quisé".* Eu nunca tive esse negócio de posse, assim, né? Então num liguei e até chorei quando vi, porque vi realizado quando eu recebi... Emocionado eu fiquei.

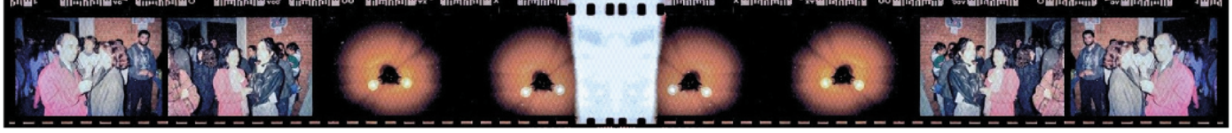
CECI: E o folhetim com seu trabalho? Ele que fez também?

RODRIGO: Foi. Eu acho lindo o que ele escreve aí das fotos, entendeu? Ele é foda, né? É bunito demais.

CECI: É, eu achei muito lindo! E essas fotos do folhetim cê já tinha de algum trabalho? Como é que foi, assim?

RODRIGO: Eu num sei, eu acho que foi duma exposição. Eles foram vendo minhas fotos... Acho que eles chegaram em casa. Eu mostrava, num mostrava?

PRI: Ah, o Rodrigo tinha tudo impresso. A gente chegava lá e já ia pro quartinho da frente. Primeira coisa que a gente já fazia era ficar vendo as coisa que ele tinha feito recentemente. A gente via tudo. Rodrigo, a gente num saía da sua casa! Eu adorava!



CECI: É Rodrigo, você é um artista muito sensível.

RODRIGO: Vou te mostrar uma história duma moça, ***Vivian Maier,*** nos Estados Unidos, que era babá e fotografou a vida inteira com Rolleiflex. Aí, depois que ela morreu, um cara comprou num leilão todas as fotos dela. Os negativos tavam todos embalados sem uma reprodução... Mais de dez mil fotografias. Engraçado, né? É uma coisa louca.

PRI: Rodrigo, o seu olhar tem muito essa magia aqui também, né?

CECI: É, suas fotos contam uma história pra além da foto, sabe? Tem enredo, dá pá gastá imaginação! Sabe aquelas fotos que você vê e vão se formando mais cenas, tipo um filme? Não é só o momento ali.

RODRIGO: Sei. É por isso que o Gildes gosta! É isso mesmo, também acho isso, eu penso assim.

PRI: Essas memórias são ótimas pra gente, porque aí eu acho que aí vem o valor da arte, porque a arte é atemporal.

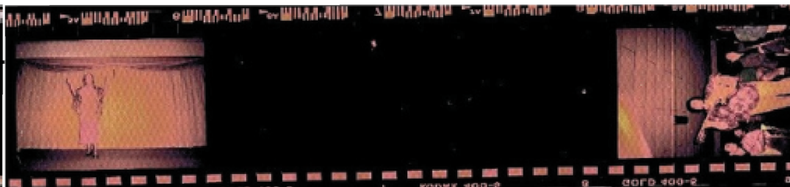
CECI: Sim! E hoje em dia os métodos artesanais, analógicos, são muito valorizados, porque não é qualquer um que faz.

RODRIGO: A coisa do digital é porque o digital enxerga mais que a gente. Ele traz coisas que ocê num viu na hora de bater a foto... Esse é que é meu grilo com o digital. Agora se ocê souber trabalhar, você consegue fazer quase igual o outro, entendeu? O céu, pucevê! Aquele céu com a Via Láctea, assim, que tá explodindo e todo mundo faz. Cê já viu aquilo lá? Cê num via aquilo! Antes, cê tinha que dá uma hora de exposição pucê conseguir um céu daquele... Tinha que ficar expondo aquilo lá, sabe?

PRI: Mas o que as pessoas vão vê é essa história, que às vezes você não vê no digital, né? E o olho da gente tá cansado de tanta coisa também!

CECI: É... Às vezes a gente só quer uma história profunda, um negocim, sabe? Num quer nada a mais não. Só essas fotos suas daqui do folhetim eu já fiquei babando. Mostrei pros meus amigo tudo. Minha favorita é das meninas de vestidim branco!

RODRIGO: Isso daí é duma rapidez danada. Gildes escreveu um poema dela. ***Juca Filho*** escreveu também.



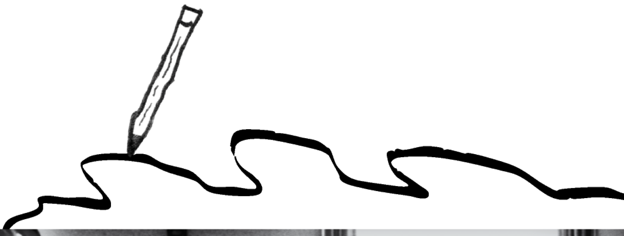
Folheávamos ainda o livro da Vivian Maier, e eu pensava em silêncio: quantos artistas invisíveis vivem assim — fotografando, escrevendo, cantando, pintando — sem que ninguém veja? E como isso diz tanto sobre o que é ser artista... talvez não seja sobre fama, nem dinheiro, mas uma insistência silenciosa em continuar fazendo. Nisso, lembrei de uma carta que tirei num oráculo do deus Shiva. Nela, o ensinamento de que ser famoso é ser verdadeiro consigo.

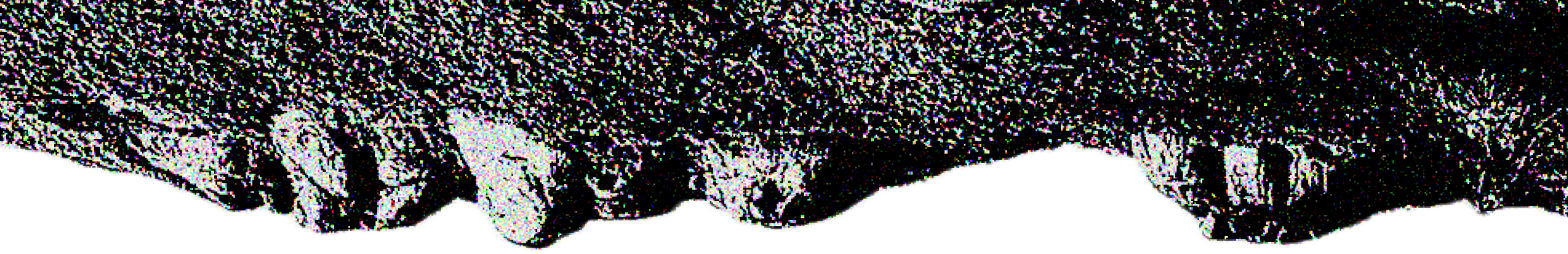
Rodrigo, com seu jeito quieto, seu arquivo sem pressa, é esse tipo raro. Famoso no sentido sagrado da palavra — aquele que é visto pelas forças invisíveis, que caminha em silêncio e, ainda assim, deixa rastros luminosos. Suas fotos se insinuam como histórias que a gente ainda vai lembrar, mesmo quando esquecer. E que possamos fazer como ele: guardar o mundo em filme, só pra lembrar que ele existiu.

RODRIGO: Acho que ela nem cuidava nada dos minino, ó! Só tirava foto!

CECI: Ou arrastava as criança, né?!

(todos dão risada)





chico e seu encarte: uma história de molecagem artística

ana cecília stephan

Quando **Francisco Villela** — irmão de Ivan e autor da identidade visual do disco — me contou sua inspiração para seu trabalho, usou uma só palavra: leveza. Depois veio outra: molecagem. Essa foi a que mais gostei. A primeira veio da energia de Ivan e Pricila, e da paixão por **Ítalo Calvino;** a outra, do jeitinho dele. Chico tem uma visão anárquica das artes, o que fez com que eu saísse da sua casa querendo molecar também!

"Os dois são leves. Não dá pra fazer uma coisa formal. Vamos fazer uma coisa de brinquedo", disse ele em entrevista.

No dia que Ivan nasceu, ele tinha dezoito anos e já era mega comunista, filiado ao partido e tudo. O nome Ivan não foi escolhido ao léu, teve dedinho da mão esquerda de Chico aí!

"Ele foi o último filho da mamãe, o caçula, né? A raspa do tacho, como dizem em Minas. Aí pensei que tinha que botar um nome nele que fosse brasileiro, mas russo também! Mas o Ivan sempre foi músico desde novinho. Quando ele pegou o violão, com onze anos de idade, o papai ficou horrorizado, né? Era aquele esquema: papai era um cara super conservador. Treze filhos; onze foram até a idade adulta. Filho dele tinha que ser engenheiro, médico... Padre até! Mas aí eu briguei com o papai e com a mamãe. Teve uma guerra."

Se tornou, então, um irmão-padrinho, que acompanhava seu crescimento, defendendo seu direito ao violão, ao invés da engenharia — como queria a família. Os tempos eram outros, mas, apesar do esperado conservadorismo, Itajubá florescia em arte, assim como os irmãos.

Achei muito curioso quando Chico contou que o Hortelã foi o único encarte que fez na vida. Em sua casa em Campinas, mostrou alguns de seus livros publicados. Sua cabeça deve ser um tanto arejada, porque são muito diferentes uns dos outros! Um sociopolítico, mais sério e intenso, com um capítulo bem pessoal da sua (sobre)vivência no Doi-Codi. Outro voltado para professores da rede pública, com temas ambientais. E o último — meu preferido — com seu grande acervo de rezas de cachaça, daquelas que fazemos antes de dar o gole pro santo ou já mandar goela abaixo.

Tinha mais livros, mas não tinha mais tempo... Só que como gosto muito do capeta, preciso citar uma das rezas do **"Ave, Cachaça!",** que produziu, em 2008, pela PigProduções:

Caisfrais!
Ferrabrais!
São Tomais!
Satanás!

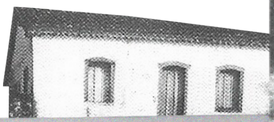
Pega o poder do irmãozinho
E joga lá pra trais,
Lá no fundo das areia do mar
Onde o galo não canta
E a galinha não choca.

Cuin, Cuin, Cuin, Cuinzarruin,
Luin, Luin, Luin, Luincifé,
São, São, São, Sãobração.

Essas três pessoa que não é
Da Santíssima Trindade
De mim não é, de mim não é, de mim não é...
Miseré, miseré, miseré.

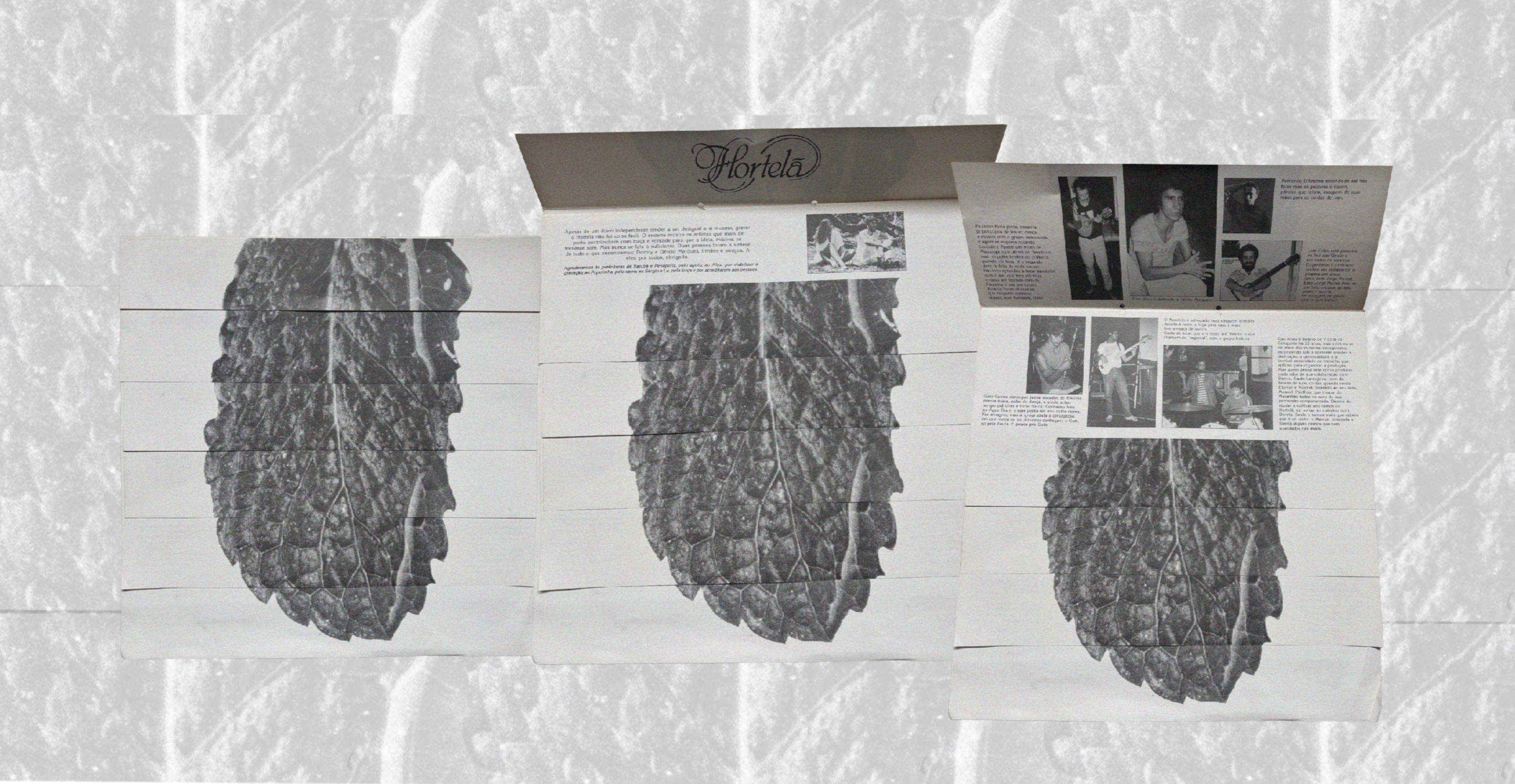
Caisfrais!
Ferrabrais!

Saímos de lá com livros para dar de presente e o pensamento de que seu trabalho em materializar o Hortelã até hoje tem o poder de chacoalhar quem acredita que exista uma fórmula fixa e intocável para tudo. Uma constante em minhas entrevistas foi o papo de que este encarte é talvez o mais criativo do mundo, e eu, como fã e colecionadora apaixonada de vinis, sei bem que isso é verdade. Usar as artes visuais e o design gráfico como extensão poética e política da música é uma abordagem expandida e sensível à materialidade do disco — o que não é nada comum. E pensar em um encarte que desfolha e se revela aos poucos é coisa de quem pensa na experiência e na interatividade com muito carinho.

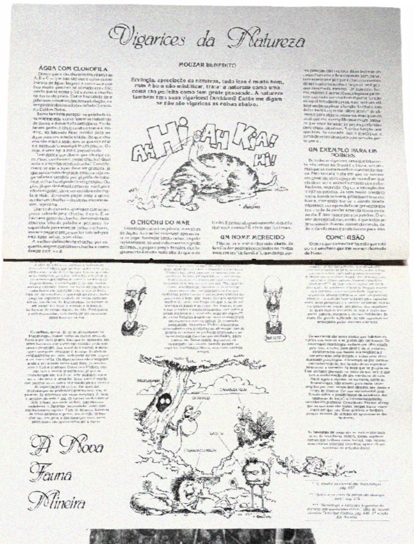


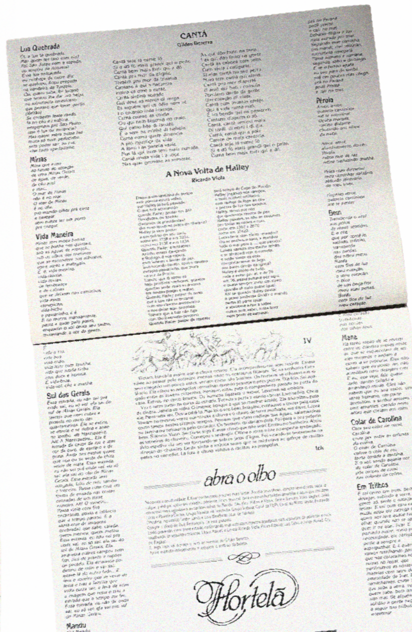
Quando tenho um encarte nas mãos, espero reconhecer o rastro das pessoas que fizeram tudo acontecer. Gosto de ver a ficha técnica, as letras, quem escreveu o quê, quem tocou, quem cantou. Os textos, quando vêm, costumam narrar a via crucis do artista ou da banda, descrever o que se pensou como conceito, ou o que foi vivido durante o processo. Também aparecem outras coisas — mais soltas, poéticas — ao lado de imagens e grafismos que ampliam o que se ouve, enquanto amarram a estética.

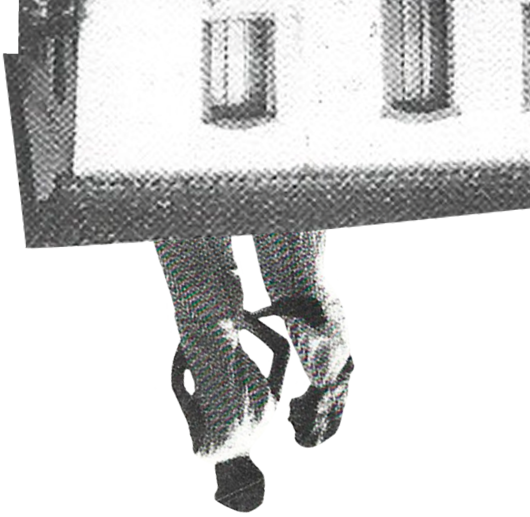
É esse tipo de presença que procuro quando pego um LP. A não ser, claro, que o trabalho seja de **Elifas Andreato ou Barney Bubbles.** Eles nunca entregam o óbvio. Preferem os desvios, o improviso, o gesto político que se mistura ao popular, ao artesanal, ao lúdico. Usam o encarte como se fosse parte da própria música — não um apêndice, mas corpo inteiro. Enxergo Chico como parte desse movimento de artesãos que criam mundos próprios, onde vale se perder.



“Olha, o meu negócio é texto, tá? Eu sou escritor, editor, publico, tenho um monte de livro aí. E cada livro eu faço de um jeito, porque eu acho que livro não tem padrão, sabe? Cada livro é um livro. Não sei o que que é o livro, o conteúdo, a essência. Eu tento captar a essência e fazer o livro conforme isso, entendeu? Não tem roteiro. Não tem norma. Meu negócio é livre, livre, livre. É o caso desse encarte, que é essa espécie de molecagem inspirada nas músicas e neles: na Pri e no Ivan.”





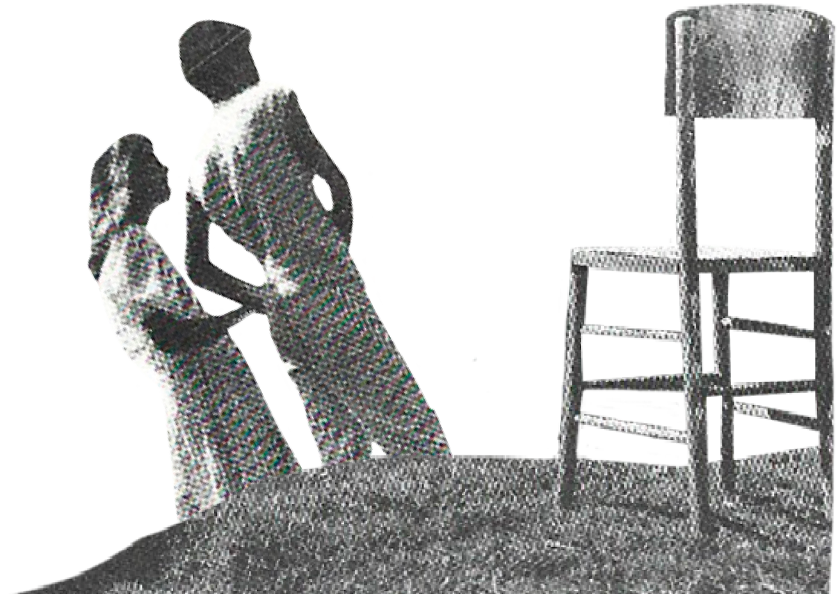


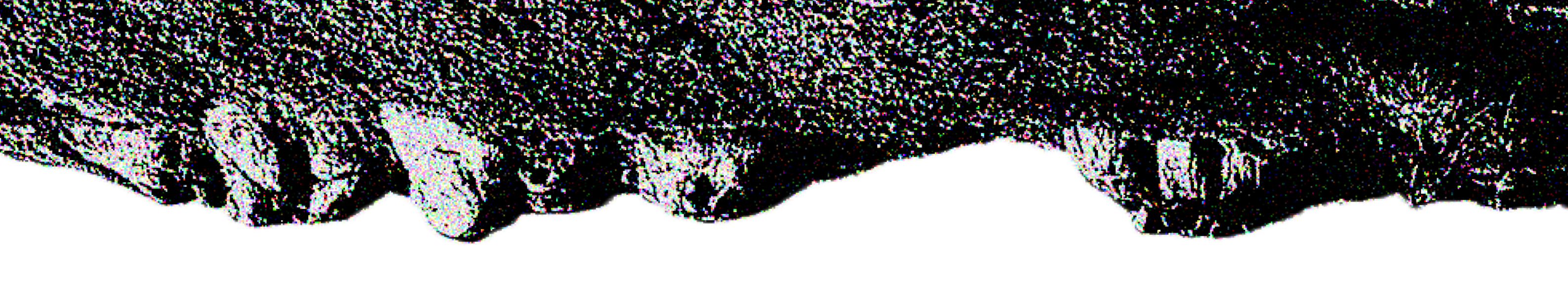
É raro, hoje, encontrar designers que enxerguem capas de disco como território vivo — lugar de invenção, e não de aplicação. Espaço de cocriar e acrescentar sentido. Mais raro ainda é ver músicos e produtores dispostos a abrir mão do controle. É como se a lógica da agência publicitária prevalecesse, pois mesmo quando o mercado não está por perto, muitos artistas — até os independentes — continuam a atuar como clientes exigentes. Preferem aprovar e desaprovar a realmente colaborar. Preferem embalar a obra do que expandi-la. Abrir mão de tanto controle e confiar em quem se contrata é um bom começo.

Ainda insistem em separar as linguagens como se fossem domínios isolados, mas a arte nunca respeitou essas fronteiras. Ela se infiltra, se mistura, transborda. E talvez seja justamente aí, nesse entrelace cheio de ruídos, que mora o que ainda pode nos surpreender.

O encarte, quando só vitrine, tem gosto vazio; quando se permite existir com voz própria, tomando o risco de tensionar e acariciar a música, ele não ilustra — ele enriquece. Nesse cenário, pensar o design como parte ativa da criação é quase um ato de insubordinação.

"Uma vez eu estava no buteco e falei para o ilustríssimo cara, o Zuzu Homem de Mello, que eu acho uma merda essas capas. A maioria é a cara do cara que está cantando. Eu acho uma merda! Olha as capas do Eberhard ou do Naná Vasconcelos, por exemplo: cada uma é uma, cada uma é uma história. E o Zuza ficou puto comigo, achou que eu estava ofendendo ele!"





Com os streamings e a inacessibilidade financeira de imprimir e comprar discos, talvez eu precise aceitar que esse diálogo mais profundo é algo que está definitivamente se perdendo. A experiência de ouvir música não é mais a mesma e não sei se minha geração se encaixa na experiência de parar tudo para escutar um disco inteiro e viajar num encarte. Muitas vezes — para falar a verdade, sempre —, fico preocupada com o que estamos nos tornando: tão separados de nossos corpos e sentidos, com a atenção dividida em um milhão de coisas, vivendo num mundo deliberadamente e negligentemente degradado e desmantelado. Fui longe demais?

O que importa aqui é que Chico teve, enfim, a tão almejada liberdade criativa e fez bom uso dela. Então, sapeca que é, quebrou as fórmulas não só em relação à forma, mas ao conteúdo, que passeia por várias linguagens. E não foi só por ser uma produção independente. O que houve ali foi confiança real, tanto que Ivan e Pricila só viram o trabalho depois de finalizado.

Na época, Chico Villela morava em São Paulo e se juntou ao Miltão da Mooca para desenvolver o trabalho. O Estúdio Meioton ficava num quintal meio largado, desses que a cidade vai esquecendo, mas com um canteiro de hortelã que teimava em vingar.

“Eu acho que foi por isso que o Miltão entrou no projeto. Falei pra ele: ‘Poxa, cara, não é à toa isso, sabe? Existem planos aí acima da gente, que a gente não sabe e de repente eu te acho na Mooca, longe de Pinheiros, da minha casa. Longe pra cacete, né? E com um canteiro de hortelã!”

O encarte virou terreno fértil, como o próprio canteiro. Tudo brotou ali com um jeito caseiro, íntimo, meio torto. Tem receita de feijão tropeiro, poesia sul-mineira de primeira, fotografias, ilustrações, bichos inventados na nova fauna mineira.

“O Ivan é que tinha mania de ficar inventando bicho! Aí falei pra ele contar pra mim, que eu ia fazer um texto em cima disso!”

Não era sobre organizar informações, mas plantar pistas, provocar sensações, abrir passagem. Hoje, a música é sombra na tela — algo que passa rápido, que não se segura. Não tem cheiro, não tem peso, não tem espera. A gente não toca, não demora, não sente o tempo. Isso me incomoda, sabe? Gosto do trem que pesa na mão, do tempo que estica, do espaço diluído. Essa coisa que prende o corpo no aqui-agora, gruda no instante e não deixa escapar.

Um encarte, um vinil, um CD, são âncoras nesse mundo maluco, pequenos abrigos onde o afeto pode se fixar e a história pode respirar. Eles abrem a porta e nos convidam a ficar. E talvez seja nisso que reside a beleza desse gesto antigo, essa insistência em fazer do objeto físico um lugar para se perder e se encontrar.

Não vou estragar a surpresa contando exatamente o que tem ali dentro — esse textim já basta para atiçar a **querência** de mergulhar nesse universo gostoso. Só quero deixar registrado um detalhe que me pegou pelo coração: a maneira como a equipe é apresentada. Nunca imaginei desfolhar um hortelã e encontrar palavras ternas e molecas no lugar de currículos.

A gente se acostuma com as fórmulas, as formalidades, os jeitos certos de dizer. Mas para quem tem energia artística de Erê, isso é a morte! Então, quando o espontâneo aparece, é preciso reconhecê-lo. Parece pouco, mas até um pequeno ato de molecagem pode fazer a diferença. Ainda que singelos, esses gestos deslocam tudo.

Obrigada, Chico, por me relembrar o que é brincar e experimentar, mesmo quando o esperado é ser o básico.

Agora é contigo aí. Mergulha no encarte!

andar no passado azul, cantar na estrada do agora

pricila stephan

Quando me inspiro... Expando.

Quando volto no tempo... Hortelando.

Cheirinho de verde fresco, juventude, desejos de realizar sonhos. E os sonhos casam letras e músicas que embalam pessoas, que balançam como bandeirinhas presas nas montanhas.

Somos líricos nos acordes de profunda beleza, carregando letras de profunda musicalidade. O Hortelã é uma estrada solta: se abre e se fecha. E agora se abre, remexendo e revirando emoções.

Na emoção do agora, vibro na força de um recomeço antigo. ***Andar no passado é pisar nos espaços já escritos, olhar nas frestas e compreender o que se fez no tempo.*** É lindo ver e ouvir o que o tempo fez do Hortelã.

Ficou a suavidade das canções, que embalam o coração de uma maneira tão aconchegante que sentimos estar deitados em rede de nuvens, assim... Suspensas no céu azul.

Olho para mim lá, nos lugares onde me soltei voz. Me perdendo e me achando, me conhecendo arte e me transformando no que sou hoje.

no rastro da borboleta, o charme de uma fada

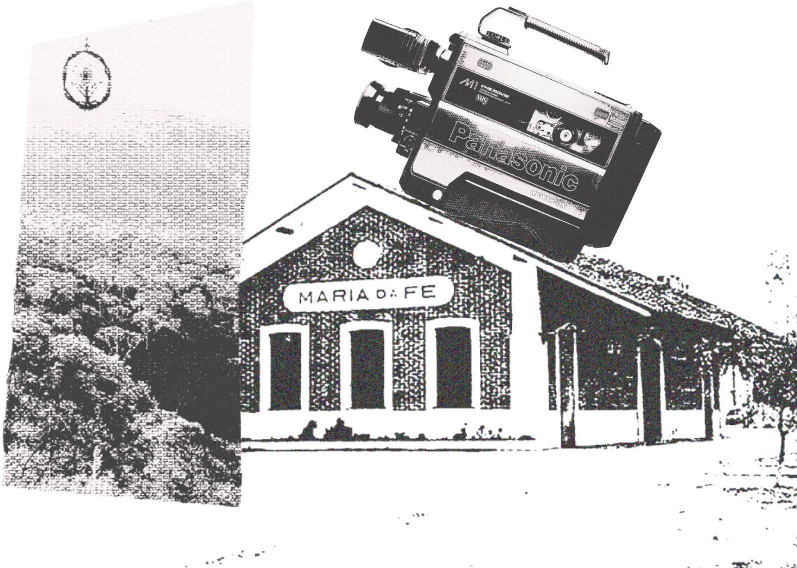
uma carta de amor à voz de pricila

ana cecília stephan

Recentemente, ***Ivan Vilela*** trouxe à tona gravações de uma expedição feita em 1987, junto de ***Pricila Stephan, o músico Ricardo Viola e o antropólogo Carlos Rodrigues Brandão.***

Percorreram 138 km a pé, seguindo os trilhos das ferrovias sul-mineiras. A primeira etapa do percurso tinha início em Itajubá e serpenteava por São João, Pedrão, Maria da Fé, Anil, Cristina, Ribeiro, Carmo de Minas, São Lourenço, Ramon e Soledade de Minas. A segunda se abria no ramal de São Lourenço e seguia por São Sebastião do Rio Verde, Capivari, Itanhandu e Passa Quatro, terminando no Túnel da Mantiqueira — que faz fronteira com São Paulo. A terceira e última etapa, de Barra Mansa a Lavras.

Nessa Missão Cultural, atravessaram cidades, toparam com estações adormecidas, ouviram o eco de histórias reveladas por antigos ferroviários. Ivan, com sua filmadora de ombro — uma Panasonic NV-M1 VHS, de 1985 — registrou treze horas de vida condensada: escombros, cachoeiras, plantios, povoados, risos, cantorias e, entre tudo isso, Hortelã. Meio delírio real, meio ternura brutal. Nada foi planejado. Foi o faro de quem se move por curiosidade, desejo de aventura e amor pelas estradas de ferro. Isso diz muito sobre eles, não? Além de tudo isso ser muito inspirador, me peguei pensando o quanto eram doces e profundos com seus interesses.



Nas imagens pixeladas, vi Pricila em movimento. Menina. Antes de mim. E o impacto foi canônico, sim, mas também desorganizador. Reconstruí seu corpo na minha cabeça como quem monta uma cena de crime: tempo, cor, voz, silêncio. E ela era absurdamente linda — de um jeito estranho, caipira, encantado. Dessas belezas que não pedem licença e daquelas estranhezas que se assumem, gerando brilho. Foi como enxergar pela primeira vez as tesselas de uma mulher que sempre esteve ali. Minha mãe. Um mosaico de pertencimento.

Quando jovem, era mais borboleta ou fada do que gente. Um corpo leve demais para as convenções. E talvez, justamente por ser “suspeita para falar”, eu seja quem melhor pode. Entre eu e Pri há um fio invisível, antigo, feito de afeto e espanto. Ela é mãe. É melhor amiga. É minha melodia primeira. Minha inspiração mais funda.

O que me comove em sua voz não é apenas o timbre ou o alcance, mas o modo como ela ressoa dentro de mim, vinda de um algum lugar anterior à linguagem ou de um abraço antigo que nunca se desfaz. Há algo na forma como canta que escapa à técnica. Seu canto é intuitivo, espontâneo, mas também preciso, como se cada nota dissesse: é assim que eu sou, sem disfarces. Sua assinatura vocal é ambígua: tem qualquer coisa de ancestral e, ao mesmo tempo, absolutamente contemporânea. Com ela, invoca montanhas, desenha ventos, move as curvas de rio. Que ninguém se engane: há uma força avassaladora na doçura.

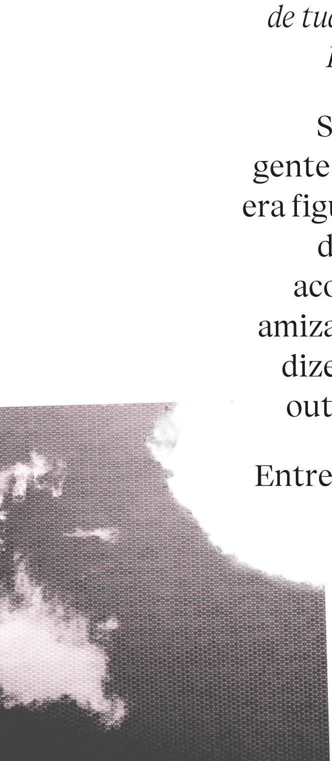
E eu, que entendo o canto como modo de elaborar a existência e se colocar no mundo, sei que a voz é um instrumento raro: ela nasce do corpo — esse território afetivo, social e simbólico — e carrega tudo o que se viveu, tudo o que ainda se deseja. A voz cantada é bicho vivo e solto. Para escutá-la de verdade, é preciso mergulhar no sujeito, aceitar o risco de ser tocado e, com sorte, virar do avesso.

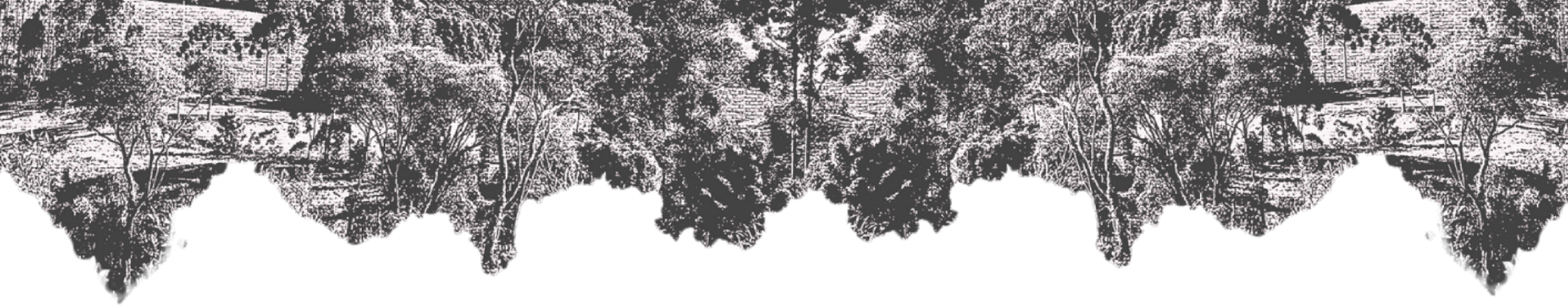
Pricila — sem "s" mesmo — não veio da academia, mas da experiência viva da música. Um caminho comum e muito bem-vindo na música popular brasileira. Cresceu em Pouso Alegre, Minas Gerais, numa casa onde o som era parte da arquitetura emocional: sustentava a sala de jantar, reverberava nas farras, vibrava na sala de música. O LP era amigo íntimo, conselheiro, professor. Rafael, o irmão, tirava harmonias de ouvido; ela aprendia a cantar em duo.

"Na sala de música tinha um microfone Shure pequenininho, que adaptava no aparelho e o som saía. Então eu aprendi a fazer segunda voz com Gal Costa, com Elis Regina... Decorava os discos. E em casa se ouvia de tudo! Nossa! Meu pai dava carta branca pra comprar qualquer disco. Era só coisa boa: ***Diana Pequeno, Dércio Marques, Elomar..."***

Seu pai, Otto Stephan, oftalmo-saxofonista, apaixonado por gente e por som. Sua mãe, Branca Bustamante, pedralvense nata, era figurinha carimbada dos bailes, das rodas de viola, das sessões de cinema. Dessa união, nasceu uma casa aberta, onde a vida acontecia em torno do violão, muita cerveja, comida no prato, amizade, familhagem e um vinil rodando no toca-discos. Pode-se dizer que o afeto se dava ali: no centro exato entre um acorde e outro. Pricila se nutria desses dias sem saber que já era artista.

Entre cidades pequenas, roças e cachoeiras, começou a cantar no ***Grupo Imbuia, criado por Marcos Mesquita Filho.***

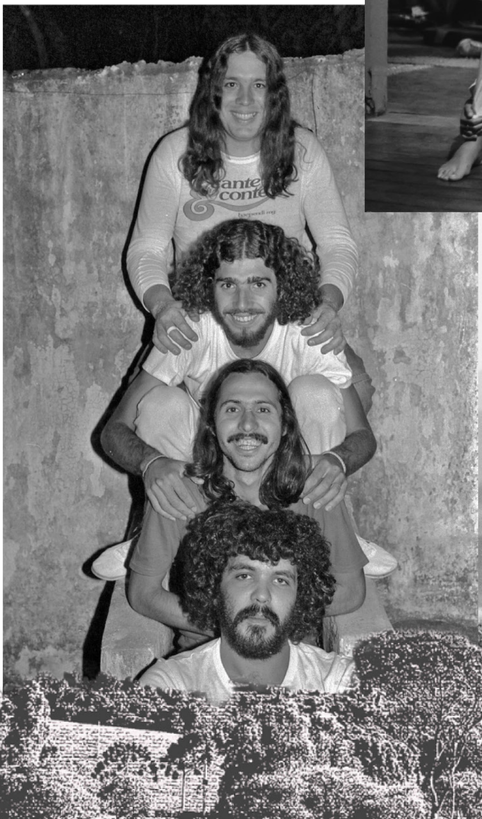


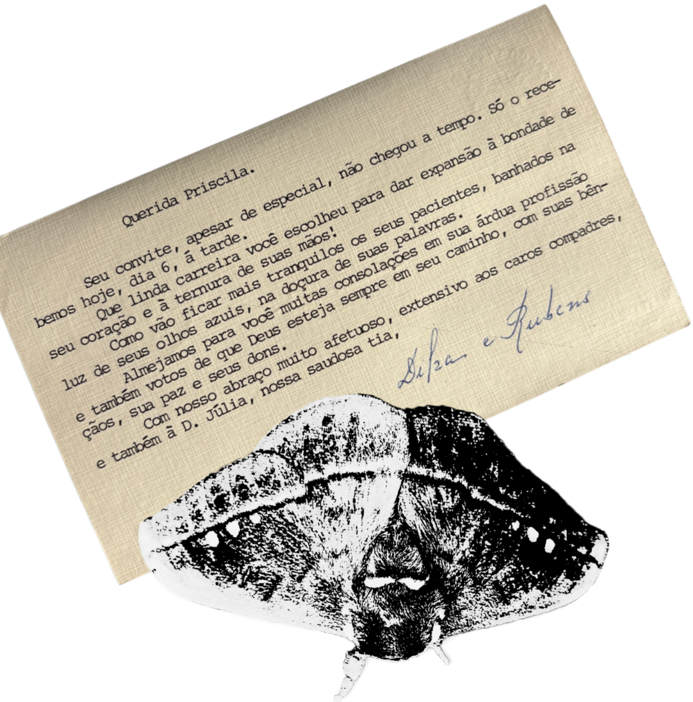


"Eu conheci o povo do Imbuia porque o Mesquita era médico e meu pai conhecia ele... A Vânia tinha os meninos tudo pequeno. A gente sempre ia pro sítio, fazia música. Um dia, fui no ensaio, cantei, e fiquei."

Depois, veio Ivan Vilela, do ***grupo Água Doce.*** Aqueles encontros que dobram o tempo e fazem a vida mudar de direção. Primeiro, costumavam dividir palco no evento ***"Com os Amigos".*** Mais tarde, já em Itajubá, onde Pri foi estudar enfermagem, reencontraram-se: agora no amor e na música. Surgiu o duo.

"Eu era uma jovem revolucionária, tanto que escolhi estudar saúde pública. Eu acreditava e ainda acredito no SUS! Gostava muito dessa interação com as pessoas e de fazer diferença nos lugares aonde ia. E a gente sabia viver com pouco. A gente queria ser livre, autônomo. Queria ganhar nosso dinheiro fazendo o que a gente acreditava."




Querida Priscila.

Seu convite, apesar de especial, não chegou a tempo. Só o recebemos hoje, dia 6, á tarde.

Que linda carreira você escolheu para dar expansão à bondade de seu coração e à ternura de suas mãos!

Como vão ficar mais tranquilos os seus pacientes, banhados na luz de seus olhos azuis, na doçura de suas palavras.

Almejamos para você muitas consolações em sua árdua profissão e também votos de que Deus esteja sempre em seu caminho, com suas bênçãos, sua paz e seus dons.

Com nosso abraço muito afetuoso, extensivo aos caros compadres, e também à D. Júlia, nossa saudosa tia,

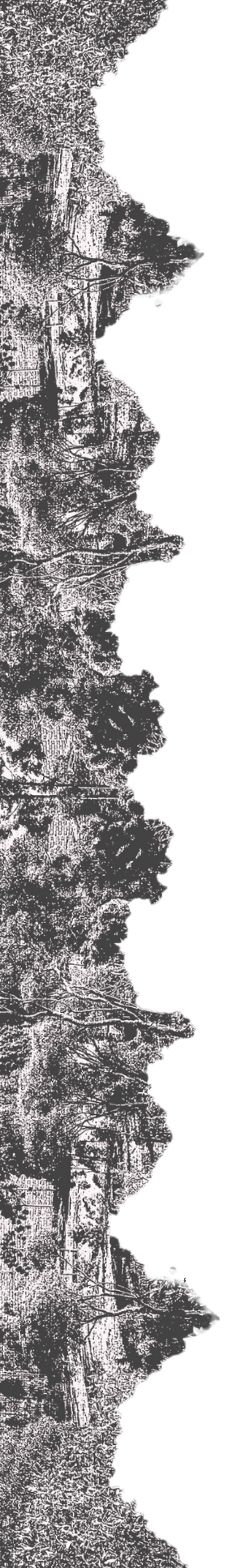
Dilza e Rubens

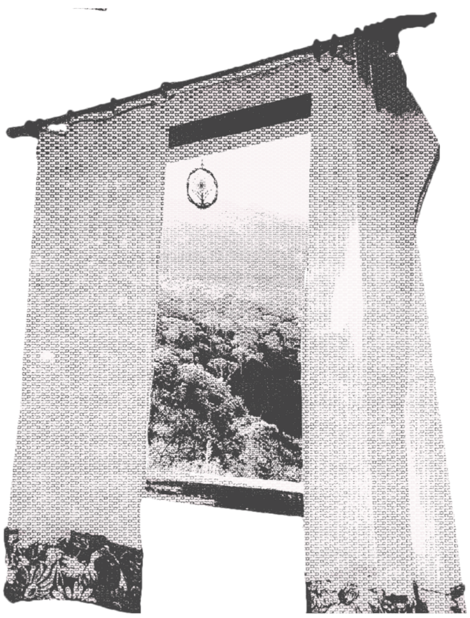
Depois de se formar, gravar o disco, rodar festivais e tocar em muitos cantos, Pri foi para Campinas. Lá conheceu meu pai, ***Nélio Porto,*** compositor e pianista. Pulando muitos anos, eu nasci. Cresci em Pouso Alegre, ouvindo suas canções e muitas outras, que os dois tinham prazer em me apresentar — uma herança da casa dos meus avós, com certeza. Tenho uma lembrança bonita dos dois tocando ***Chick Corea e Toninho Horta*** na pizzaria do meu avô, a Oficina de Pizzas. Tocavam tarde da noite, quando eu já deveria estar dormindo. Mas era como se algo em mim — ainda tão pequeno — já soubesse: isso é importante. E eu ia. De pijaminha, no meio da clientela, hipnotizada com aquele som.

Sempre soube, desde cedo, que minha mãe teve que deixar a música em segundo plano para sustentar a vida. A casa. Os filhos. Seus pares afetivos puderam estudar, crescer, se desenvolver na música. Ela, não. É uma dessas verdades que doem de tão comuns. Uma doçura sacrificada em nome de um amor coletivo. Fatos que se repetem em silêncio, gerando heroínas invisíveis.

Hoje, Pri ainda canta, mas também pinta com tintas de argila e aquarelas. Planta em sua hortinha mágica, de onde nascem óleos, hidrolatos, pomadas, perfumes, sabonetes, defumadores. É uma bruxa gentil, que conversa com a terra e entende os ciclos. Nunca deixou de ser artista. Só mudou os instrumentos.

Acho que sua história ajuda a compreender essa musicalidade que brota da intuição — um gesto leve, espontâneo, quase sem peso, mas com raízes fundas.





Instruções para invocar uma fada vocal

- é preciso um corpo fluido, sem rigidez, sem tensão.

- permitir que o corpo sustente o ar, numa postura meditativa.

- quando emitir as notas, se deixar ser sopro

- não se deixar levar por ornamentos em demasia — sem grandes mudanças de registro, melismas, drives ou vibratos!

- focar numa energia de entrega serena, como caminhar descalço por dentro da própria canção.

- não se impor aos instrumentos, mas se dissolver neles, bordando o tecido sonoro com delicadeza.

- se aventurar numa estética etérea, mais próxima da bruma do que da rocha. quase Brumas de Avalon.

Em relação à análise puramente estética, sua voz carrega a herança tradicional da canção regional, mas algo mais contemporâneo, experimental — uma MPB em estado de suspensão. Em sua suavidade, reflete a Bossa Nova, com um canto sem excessos, quase sussurrado. Pode lembrar ***Nara Leão, Astrud Gilberto.*** Às vezes, há um traço de ***Marlui Miranda,*** não na força da raiz, mas no modo de habitar a canção por dentro. Não é como ***Doroty Marques,*** que canta com o peito; Pricila desenha com o sopro.

Curioso: depois de muito escutar, percebi que suas irmãs de voz talvez estejam longe daqui. Lembra as cantoras japonesas contemporâneas e alternativas, como ***Ichiko Aoba ou Mei Ehara.*** Ou o folk sonhador dos anos 1970 — ***Vashti Bunyan, Sybil Baier, Linda Perhacs.*** Também vejo ***Ceumar e Joyce Moreno,*** sobretudo naquele disco de 1972 com ***Nelson Angelo.*** Tudo isso faz com que Pricila seja ímpar no universo da canção de matriz popular. Há algo em seu mel e na melancolia íntima que escapa da figura da "cantadora" e cria outra coisa.

Com frequência, sustenta notas agudas — às vezes, agudíssimas —, que não cortam, mas pairam no ar, por dar preferência às notas mais ligadas, sem grandes articulações ou acentos abruptos. Não são estridentes, são atmosféricas. Sua tessitura é clara, leve, e repousa entre a voz de cabeça e a mista. Ondula como montanhas em névoa, criando um contínuo sonoro que não se desfaz. Em certos momentos, surge algo da fala, mas não como estamos acostumados: sua voz mista se aproxima da linguagem sem nunca virar prosa. É outro modo de dizer. E, no fim, uma voz é isso: um punhado de pequenas coisas que, reunidas, criam algo único. E eu gosto dessa mistura.

Talvez, por isso, ao tentar falar dela, me lembrei dos trilhos no miolo de um sonho empoeirado, atravessado por estações fantasma, vultos de ferroviários, um gravador chiando no escuro. No meio do nada, minha mãe-menina cantando com aquele rosto de quem sabe que a vida vai cobrar, porém como quem entendeu os versos de ***Gildes Bezerra:*** *"Cantá seja lá cumu fô. Si a dô fô mais grandi qui o peito, cantá bem mais forti qui a dô".*

Seu cantá deixa marcas. Cantá como quem passa, comove e some. Cantá como quem sempre esteve. Acho que sinto assim porque carrego seu sangue — esse que percorreu a Mantiqueira a pé, suando, filmando, cantâno com sede de algo que ninguém nunca soube nomear. Agora entendo: cantá, para ela, além de arte, é herança e feitiço. Ela não veio de mapas conhecidos, nem de conservatórios, mas de um lugar onde a música é corpo, alma, matéria orgânica. Algo mato ou que dá em árvore.

Pode ser que seja essa uma parte da música que carrego comigo... A que escutei de pijama, no meio da pizzaria, com sono e olhos brilhando. A que me embalou antes do mundo. A que escuto nesse disco. A que escuto hoje, saindo de sua voz. Que sorte!

feijão e canção

Há discos que são como mapas. Não aqueles que nos guiam para um destino certo, mas os que nos convidam a errar por entre paisagens. Hortelã é um desses. A partir de uma classe artística profundamente conectada com suas raízes, surgiram diversos grupos na nossa terrinha, como **Imbuia, Água Doce, Vaiados na Vendinha, Quarteto Del Rey, Grupo Degrau, Grupo Sol e Licor de Vinho Branco!**

Esse espírito, tão próprio do Hortelã, não estava isolado. Reverberava em outros cantos do Brasil, num momento em que a música voltada às raízes encontrava ressonância fora do eixo comercial. O que acontecia em Itajubá e no Sul de Minas dialogava, em frequência sensível, com um movimento maior: o fortalecimento de uma criação musical alimentada pelas tradições e pelo impulso de expressão.

No Brasil dos anos 80, além da efervescência da cena independente, houve também o florescimento notável de músicas de matriz popular — termo que prefiro ao já desgastado “música regional”, por reconhecer as críticas decoloniais às hierarquias implícitas no âmbito da própria noção de MPB.

Foi nesse terreno fértil que se formou o bonde: **Clóvis Maciel, Déo Lopes, Luli & Lucina, Dércio Marques, Doroty Marques, Marlui Miranda, Paulinho Pedra Azul, Luiz Celso de Carvalho, Jorge Murad, Elomar, Diana Pequeno, João Bá, Tavinho Moura, Sirlan, Almir Sater, Rubinho do Vale, Titane, Ednardo, Xangai, Vital Farias, Socorro Lira, Cátia de França, Geraldo Azevedo, Zé Ramalho, Nilson Chaves, Tetê Espíndola, Pedro Munhoz, Noel Guarany — e tantos outros nomes que trouxeram corpo à música brasileira.**

Esse movimento só foi possível porque ainda existiam diretores artísticos nas gravadoras que acreditavam em artistas, e não apenas em produtos. Gente como Marcus Pereira, Roberto Menescal e João Araújo arriscava catálogo apostando na força de trabalhos não necessariamente comerciais. Mas essa lógica começou a ruir. Com o avanço do monopólio das rádios, a institucionalização do jabá e a substituição de diretores artísticos por gerentes de marketing, o jogo mudou: a arte passou a valer apenas o que vendia.

A virada mais significativa veio no início dos anos 90, com o governo Collor: o Ministério da Cultura foi rebaixado a uma secretaria subordinada à Educação; a Funarte, desmontada; e as políticas públicas voltadas às culturas populares e periféricas foram esvaziadas ou ignoradas. O centro se impôs: a cultura passou a circular cada vez mais de acordo com os interesses das elites urbanas sudestinas, e tudo o que não cabia nesse molde foi empurrado para as margens.

E, claro, não se trata de demonizar a cultura pop, como muitos fazem — até porque eu, *zillennial*, sei o quanto a MTV e mídias similares impactaram meu modo de ser e pensar arte, num tempo em que música, moda e audiovisual colidiam de forma deliciosamente visceral —, e sim de reconhecer que, nesse processo, movimentos culturais foram silenciados para que outros prevalecessem.

Ainda assim, sempre houve resistência. A matriz popular seguiu e continuará viva nos interiores, nos festivais locais, nas universidades, em projetos públicos e em movimentos culturais autônomos e mais alternativos. Mesmo marginalizada pela indústria musical e, por consequência, pela história "oficial" da música brasileira, continuará trazendo uma riqueza imensa para quem a valoriza.

Hoje, é uma forma potente de resistência artística e comportamental-sistêmica, justamente por tudo o que representa: o apreço à terra, a continuidade de práticas artístico-culturais tradicionais, a permanência da história em movimento e o esforço por um tempo-espaço em que o encontro e o afeto são possíveis — não apenas entre seres humanos, mas também entre nós e a natureza. E embora esses contextos também abriguem contradições e desafios, abrem espaço para a sabedoria que reside no tempo natural das coisas, nos rituais costumeiros e nas trocas afetivas profundas e complexas construídas pelo caminho.

Por isso, enxergo o Hortelã como algo extramusical e extravisual: aqui, falamos de uma filosofia de vida. Quando ouço essa vida maneira, me permito viver tudo isso, mesmo que apenas internamente, já que sonhar mundos possíveis, que contradizem o fluxo, sempre foi o que me fez seguir. E, embora Ivan e Pricila carreguem a bandeira do disco, é evidente a presença da coletividade, que se manifesta nas parcerias — valores de uma classe artística que pensa para além de si, expressos num movimento poético-sonoro que apresenta e enaltece o trabalho de diversos artistas-amigos da região.

a seguir, um jeito mais fácil de entender o porquê de tanta força delicada, encantamento e magia:

Pegue uma panela pesada, de ferro, pedra ou barro e leve-a ao fogo forte. Deite as linguiças na panela, sem óleo, só elas, peladinhas pela metade, a outra metade mantendo a pele. Em pouco tempo, começam a frigir e liberar óleo. Retire o óleo aos poucos com uma concha. Logo a linguiça se exaure e começa a esturricar. Estimule o processo sem queimá-la, e, em seguida, retire-a da panela.

Prepare um misto de sal e alho moído, cebola não. É claro que você já cozinhou feijão em panela à parte, sem sal, para não endurecer. Prove a consistência: deve estar mole. Sem deixar esfriar, ponha-o ao lado da panela. E, de agora em diante, aja com rapidez:

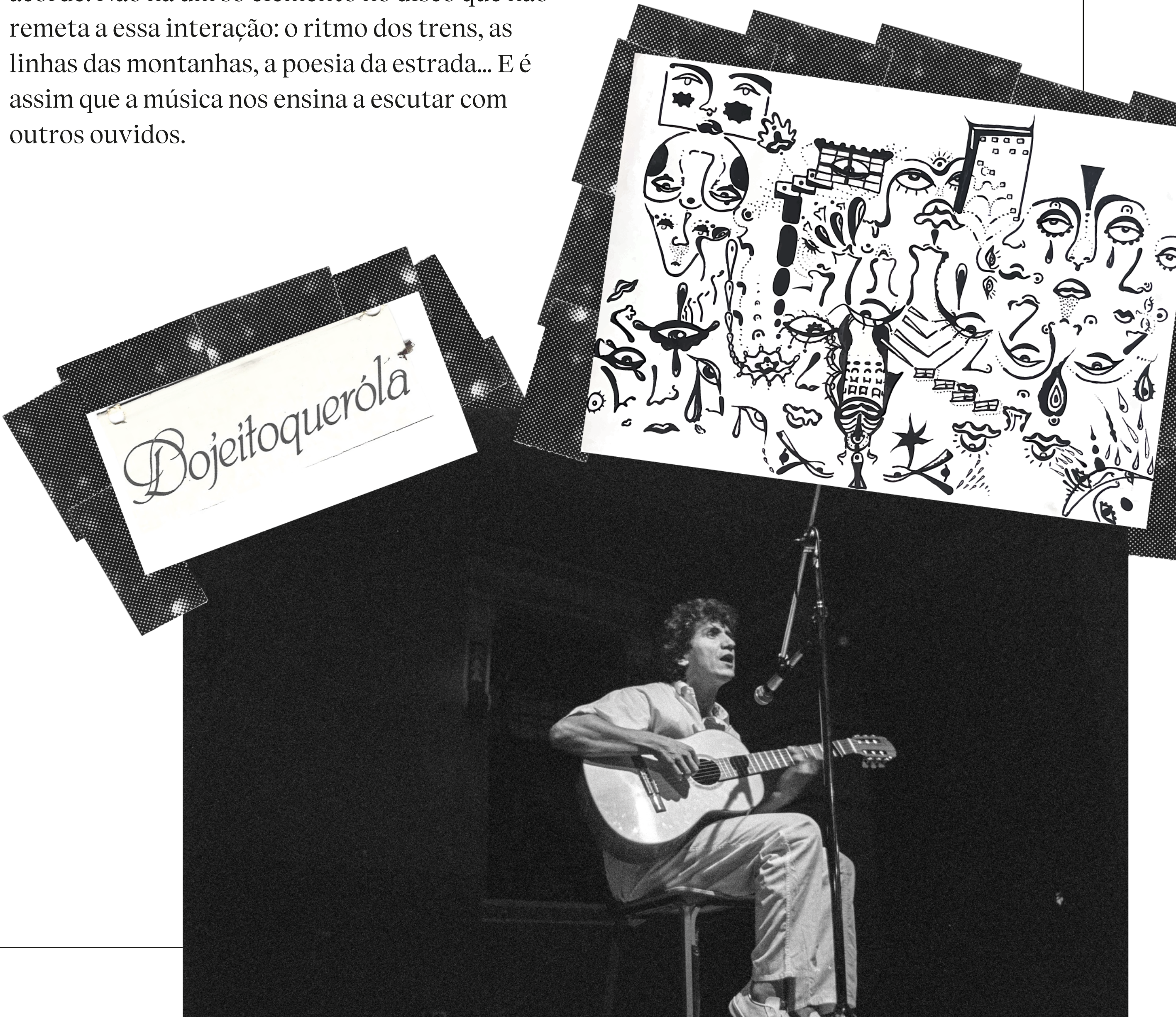
- ★ Antes, tome um gole de cachaça; feijão demanda cachaça pura.
- ★ Ponha duas conchas do óleo de linguiça na panela pesada e deixa cantar. Jogue o alho-sal no óleo cantante e frite, evitando a formação de pelotas. Nunca frite demais, que amarga.
- ★ Acrescente, aos poucos, letras de Gildes e Marcellus Bezerra, Arimatã Martins, Marcos Mesquita Filho e Fernando D'Andréa.
- ★ Lance metade do feijão sobre o óleo-alho-sal e amasse. Você conseguirá fazer uma bolota gigantesca. Amasse. Pense no seu chefe, no Bolsonaro, e amasse.
- ★ Isso que você tem na panela é feijão pagão: amassado, salgadíssimo, alho puro. Misture ao pagão o resto do feijão, aos grãos inteiros, e vá lançando o caldo e dissolvendo, aos poucos, as bolotas; onde surgirão as músicas de **Ivan Vilela, Luiz Celso de Carvalho, Plínio Ribeiro Leite, Dércio Marques, Diana Pequeno, Sérgio Mattos, Clóvis Maciel e Celso Adolfo.**
- ★ Acrescente cheiro-verde e temperos a gosto, como a inconfundível voz de Pricila Stephan, e faça o favor de não esquecer de acrescentar a linguiça torradinha.
- ★ Deixe ferver e vá pesquisando, com a adição do caldo, o ponto ideal da mistura. Leve em conta que a tendência é secar; se você faz um caldo muito grosso, vai acabar comendo tutu meia hora mais tarde.
- ★ Tá pronto. Chame a turma: Paulinho Faria, Maurício Brandão, Guto Carmo, Cao Alves, Manoel Pacífico, João Rio Preto, Edson Caparroz, Dércio e Doroty Marques e Grupo Imbuia.
- ★ Coma tudo com cachaça. Na falta de feijão, tome só a cachaça.

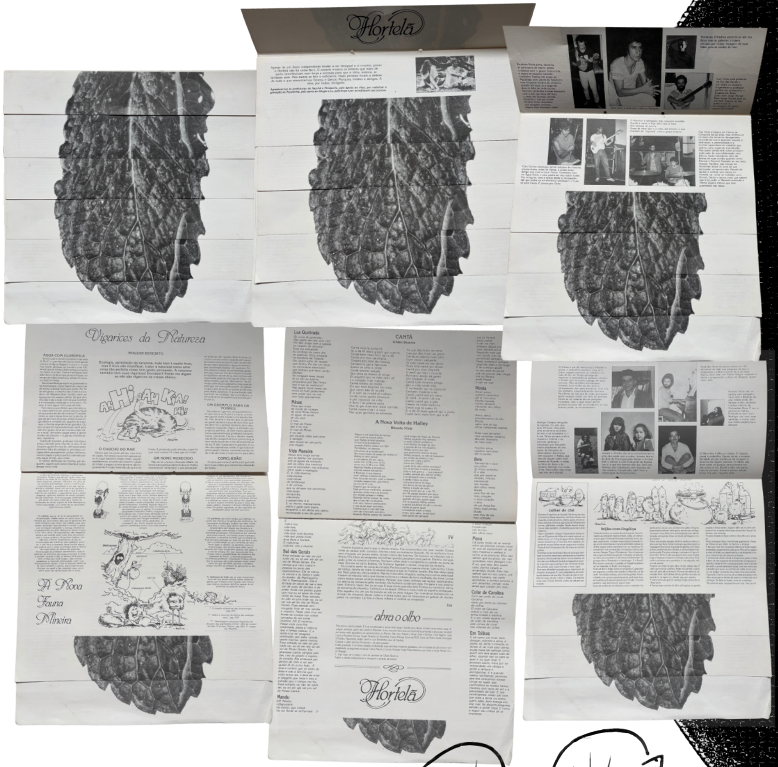
*Texto de Chico Villela, retirado do encarte, com pitadas de Ana Cecília. Stephan.

Agora, em relação à coragem e resiliência, o disco foi o primeiro registro independente da região, gravado no Estúdio CVE, situado na cidade de Penápolis, São Paulo – tudo arranjado por **Dércio Marques, com produção de Cao Alves e direção musical de Ivan Vilela.** Ali, ficaram um mês desenvolvendo o álbum, amparados pela gentileza de **Doroty Marques e sua mãe, Dona Palmira**, que lhes deram pouso. Valeu a pena! As canções do álbum reverberam ao longo do tempo, permanecendo ativas na cena artística da região e servindo de referência estético-sonora para diversas gerações de artistas.

O que faz do Hortelã um álbum que respira é o modo como traduz o mundo. Há no disco uma geografia de afetos, uma cartografia de um lugar que existe, tanto na terra, quanto dentro de quem o carrega. A Mantiqueira está presente em cada acorde. Não há um só elemento no disco que não remeta a essa interação: o ritmo dos trens, as linhas das montanhas, a poesia da estrada... E é assim que a música nos ensina a escutar com outros ouvidos.

Retrata com lirismo aspectos característicos da linguagem musical mineira, exaltando suas origens e seus segredos vegetais. Isso se manifesta em elementos recorrentes dessa tradição: os acordes abertos e as cordas soltas – que soam flutuantes, como se pairassem no ar –, os shapes que se arrastam para outras regiões do braço do violão, a forte presença de arpejos e, claro, as canções que repousam sobre acordes com 4ª aumentada. É nesse universo que ecoam também os voicings à la **Luiz Celso de Carvalho**, presentes tanto na harmonia quanto nos arranjos vocais.





Essa sonoridade, tão marcada na musicalidade de Minas Gerais, evoca um lugar de reconhecimento e conforto. Ao mesmo tempo, é singular justamente pela forma como Ivan e Pricila reapresentam essa herança a partir de um gesto íntimo e pessoal. A linguagem, assim, se revela como ponto de partida e de chegada: *"Essa estrada eu não sei pra onde vai, eu só sei: ela sai do Sul de Minas Gerais", "Essa entrada eu não sei de onde sai, eu só sei: ela vai pro Sul de Minas Gerais".* Mas, quando Minas "atravessa por dentro de mim", o que sai também leva um pouco do que sou.

Mas um disco não se faz apenas de sons! Um vinil também é feito de imagem, palavra e matéria. Neste contexto, a noção de álbum é compreendida como um conjunto integrado de elementos que extrapolam os fonogramas, abrangendo capa, contracapa, encarte e demais aspectos artísticos. O encarte e o design de embalagem, concebidos por **Chico Villela**, não são apenas um acompanhamento visual, mas uma obra em si — um convite ao toque, ao olhar, ao decifrar de suas páginas. A combinação entre abordagem artesanal, diagramação criativa e formato inusitado resulta em um material multiartístico e sinestésico, em que a arte gráfica, a música e a palavra se entrelaçam.

Se Hortelã fosse apenas um disco, talvez já bastasse. Mas é mais do que isso. É uma casa onde se guardam lembranças, um retrato que não se apaga com o tempo, um convite para perceber o mundo com mais calma e mais cuidado. Ele nos fala de uma Minas que ainda resiste, que pulsa nas miudezas, nos quintais cheios de árvores — e talvez seja isso que faz dele um álbum tão necessário.

Num tempo em que a vida se acelera, em que a escuta se torna fugida, ele nos ensina a parar. Ouvir. Sentir o vento que passa. Enxergar a beleza escondida nas coisas simples. Porque a música, no fim das contas, não é apenas som: é modo de estar no mundo. E este Songbook, mais do que um registro, é um convite ao canto, à escuta e ao silêncio contemplativo que também é parte da música. Porque a beleza não está apenas no que se toca, mas também no que se deixa ressoar.

É nesse momento que a música de Ivan e Pricila ultrapassa o domínio das gravações e se transforma numa encruzilhada de linguagens, corpos e tempos. Nesse espaço sagrado, ela se oferece como obra viva e resistência cotidiana, fortalecida pelo encontro entre artistas, histórias e territórios. É arte que não se fecha em si, mas se alarga em direção ao outro, à comunidade, ao mundo. E nesse gesto de abertura, nos lembra que criar é também cuidar, preservar e perturbar.

1985 1995 2025

tatiana meirelles

Perdi as contas de quantas vezes ensaiei escrever sobre o Hortelã.

Brotou de encontros predestinados, formando uma conjuntura tão mágica quanto misteriosa. E as palavras pareciam já estar todas ali.

Quem vive no Sul de Minas sabe que é preciso aprender a conviver com o enigma das paisagens que nos cercam.

Os rios, calmos e caudalosos; as montanhas, que ora nos aprisionam, ora nos protegem; as serras, as pedras, as matas, invadindo gentilmente os cenários de nossas vidas. Os dilemas presos no ar.

O que preenche a vista tem cor, tem cheiro, tem som. Tem som.
Os pássaros, os bichos, os ventos. E os compositores responsáveis por musicar o Sul de Minas.

A complexa tarefa de traduzir as sutilezas que teimam em acontecer simultaneamente, e que tornam urgente o ofício dos artistas.

Ao contrário, tudo isso periga se perder na memória das pessoas sensíveis. Das que se dedicam a traduzir aquilo que só se perpetua pelos polos de nossos sentidos.

Não sei precisar o exato momento em que fui apresentada a esse disco. Não sei se estava em Pouso Alegre, Itajubá, Pedralva. Não sei se vivia em 1985, 1995 ou 2025. Sei que o que sinto ao ouvi-lo se materializa na mais bela paisagem sul-mineira, na juventude de meus pais, nos sonhos dos meus amigos. Uma nostalgia gostosa, uma “saudade do que não vivi”.

Ao mesmo tempo, o Hortelã permite resgatarmos a essência de cantar nosso quintal. De andar nas trilhas desse mato, que parecemos saber de cor, retrilhando os caminhos dos que vieram antes de nós.

Cada um desbrava o Sul de Minas — e a vida — a seu modo. E eu agradeço por poder me aventurar acompanhada de Ivan e Pricila, e de tantos outros compositores-comunicadores-artistas daqui, que nos apresentam tão simples o divino, o misterioso, o contraditório.

Itaú
ÕES DIRETAS

BURI
tudo para você e seu lar
BURI
crediario
CALÇADOS E CONFECÇÕES
O SEU ARTIGO USADO
SUPER TROCA QUENTE NA BURI
VALE COMO ENTRADA NA COMPRA DE UM NOVO

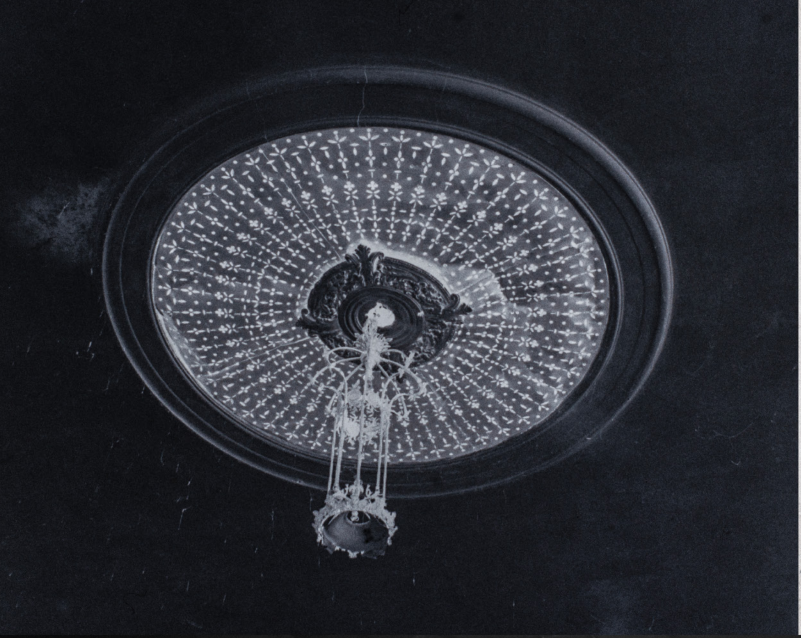
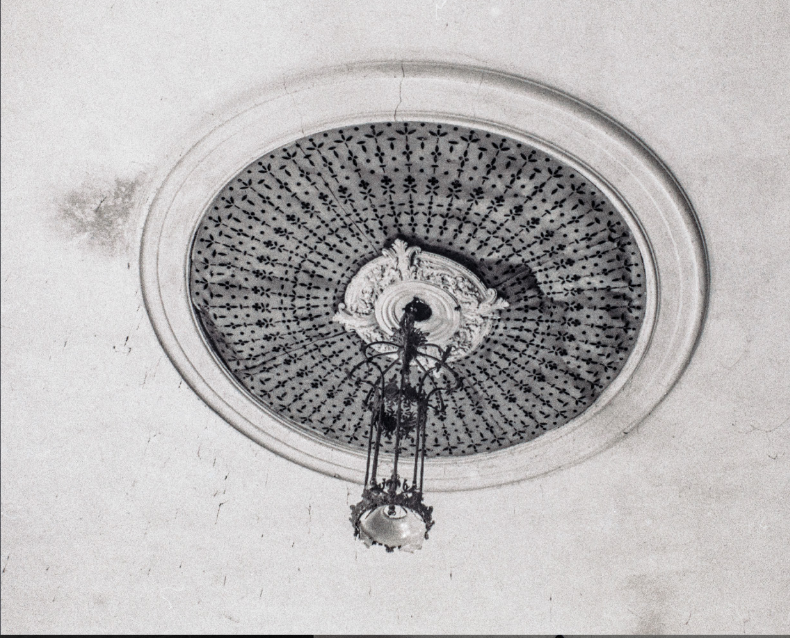
TÁCULOS
a Cruz

Souz

CENTENÁRIO
APOLLO
O GLOBO
GRUPO LAMA
POR UM TEATRO CONSCIEN

ITAJUBÁ

A dança é a Arte do movimento e da expressão
QUEREMOS DANÇAR! PRECISAMOS DE UM TEATRO APOLLO JÁ!
O Apollo não pode se tornar apenas um retrato na parede!
Grupo teatro

MINAS GERAIS
UAI!

Pérola

Para Otto e Branca
Letra de Fernando D'Andréa, música de Ivan Vilela
Violões/*Ivan*
Piano *Paulinho Faria*
Bandolins/*Paulinho Faria*
Flauta/*Guto Carmo*
Baixo elétrico/*Maurício Brandão*
Voz/*Pricila Stephan e Ivan*

Bem

Para Ick e Lúcia
Letra de Marcellus Bezerra, música de Ivan Vilela
Violão *Ivan Vilela*
Baixo acústivo *Maurício Brandão*
Voz *Pricila Stephan e Ivan*

Mana

Para Fio Cego
Letra de Marcellus Bezerra, música de Ivan Vilela
Violão/*Cao Alves*
Piano/*Paulinho Faria*
Contrabaixo acústivo/*João Rio Preto*
Voz/*Pricila Stephan e Ivan*
Efeito vocal/*Dércio Marques*

Colar de Carolina

Para Sérgio e Lu
Poema de Cecília Meirelles, musicado por Dércio Marques e Diana Pequeno
Violão e viola/*Ivan Vilela*
Bandolim/*Paulinho Faria*
Contrabaixo acústico/*João Rio Preto*
Voz/*Pricila Stephan e Ivan*

Em trilhos

Para José e Elza
Letra de Marcellus Bezerra, música de Luis Celso de Carvalho, tema inicial de Clóvis Maciel
Violão e viola/*Ivan Vilela*
Bandolim/*Paulinho Faria*
Voz/*Pricila Stephan e Ivan*

Lua Quebrada

Para Aninha
Letra de Gildes Bezerra, música de Plínio Ribeiro Leite, arranjo de percussão de Manoel Pacífico
Violão, violas e "viola tonta"/*Ivan Vilela*
Bandolim (improviso)/*Paulinho Faria*
Baixo acústico/*Maurício Brandão*
Zabumba, caxixi, triângulo e efeitos/*Manoel Pacífico*
Reco-reco/*Edson Caparroz*
Pau-de-chuva/*Cao Alves*
Voz/*Pricila Stephan e Ivan*
Coro/*Doroty, Pricila e Ivan*

Minas

Para Cabral
Letra de Arimatã Martins, música de Sérgio Mattos
Violões/*Ivan Vilela*
Donum e efeitos/*Manoel Pacífico*
Voz/*Pricila Stephan*
efeito vocal/*Doroty Marques*

Vida maneira

Para Arlindo e Popy
Letra de Gildes Bezerra, música de Ivan Vilela
Violões/*Cao Alves e Ivan*
Bandolim/*Paulinho Faria*
Flauta/*Guto Carmo*
Baixo elétrico/*Maurício Brandão*
Voz/*Pricila Stephan e Ivan*

Sul das Gerais

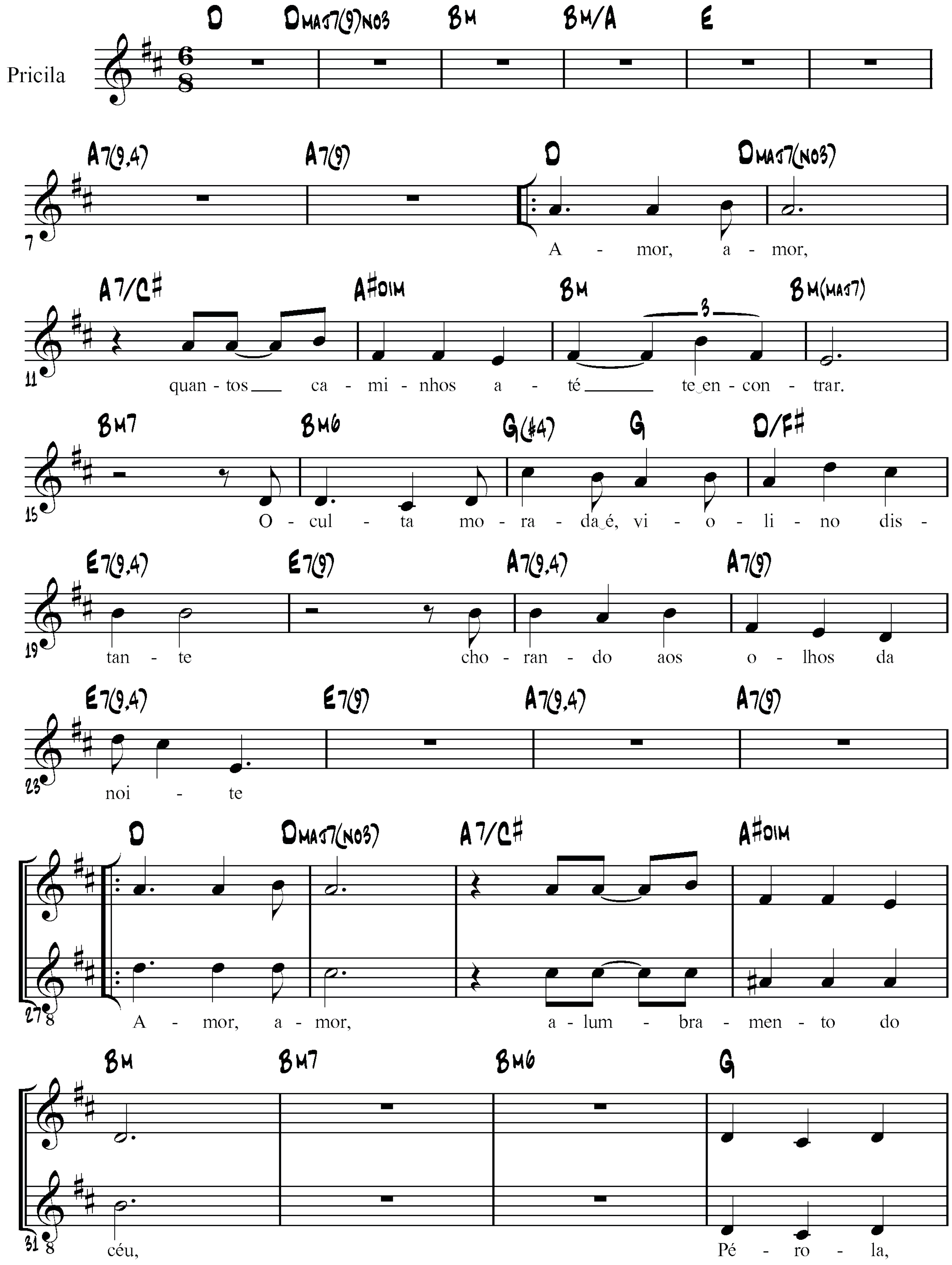
Para Fernando Feichas
Letra de Gildes Bezerra, música de Luis Celso de Carvalho
Violões/*Cao Alves e Ivan Vilela*
Violão requinta/*Ivan*
Bandolins *Paulinho Faria*
Flauta/*Guto Carmo*
Voz/*Pricila Stephan e Ivan*
Coro/*Cao, Maurício, Pricila e Ivan*

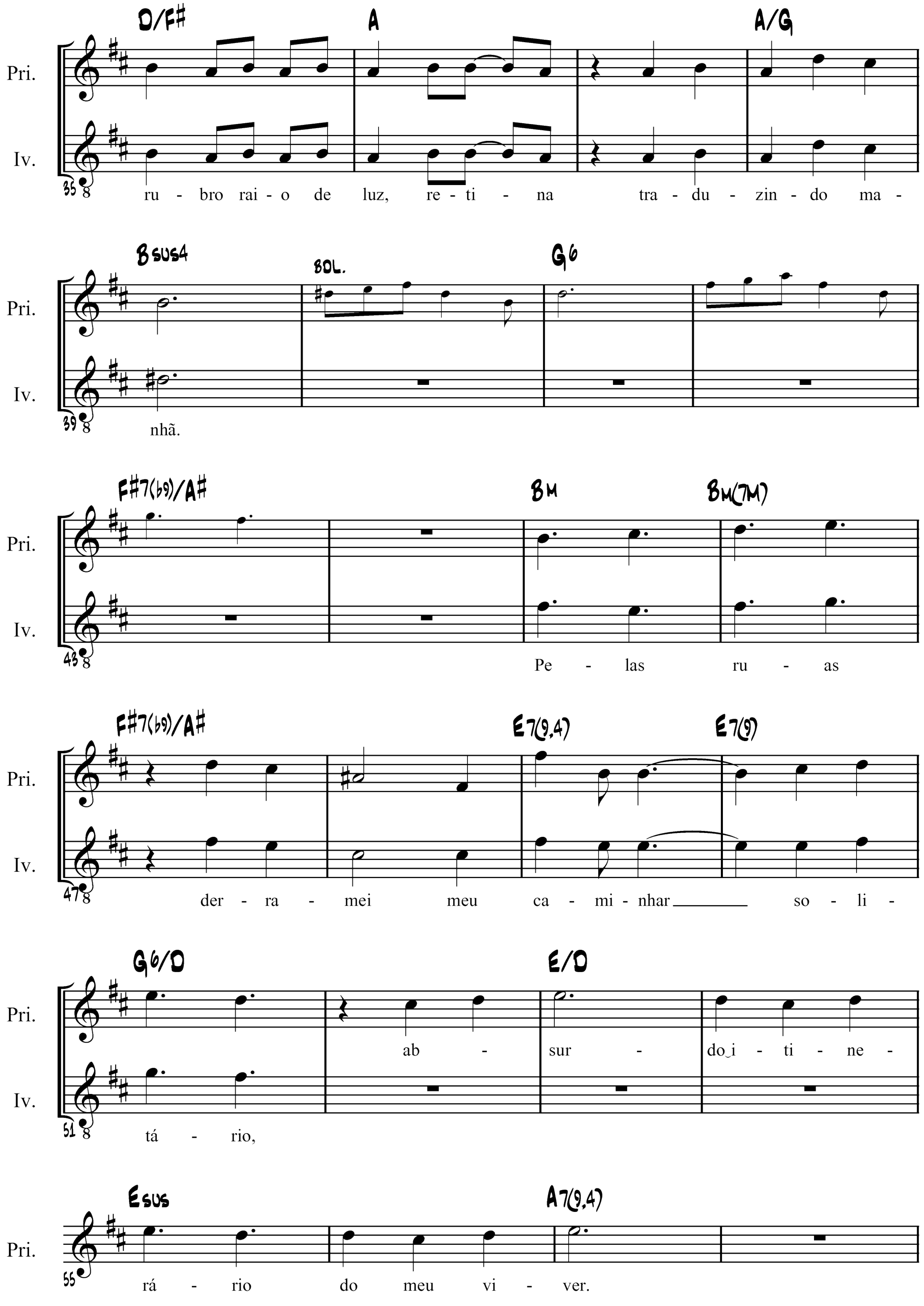
Mandu

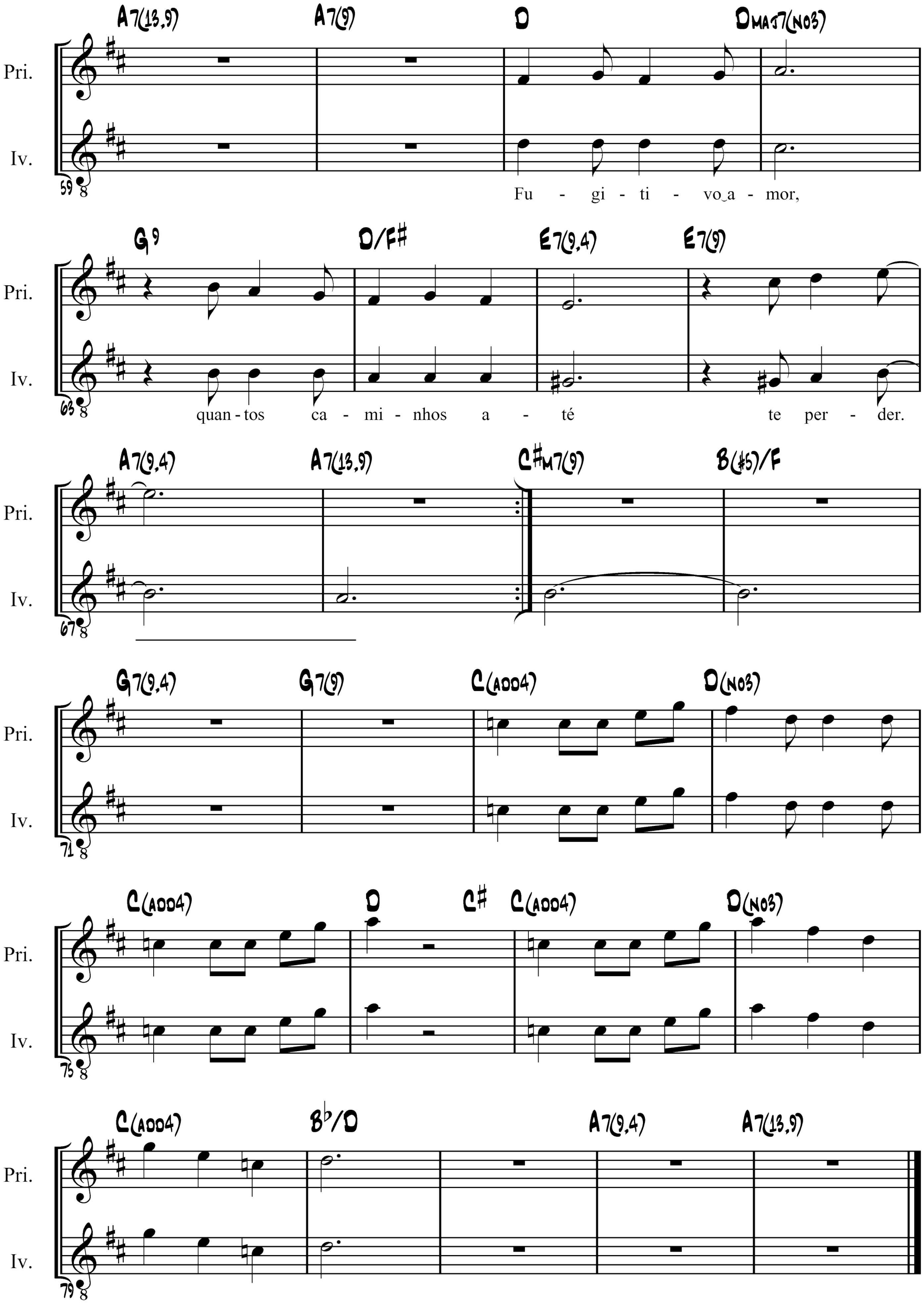
Para o grupo Vaiados na Vendinha
Letra e música de Marcos Mesquita Filho
Temas incidentais: "Coração Brasileiro", de Celso Adolfo, e "Canoa, Minha Canoa", do folclore
Arranjo de percussão de Manoel Pacífico
Violão e violas/*Ivan Villela*
Zabumba, caxixi, agogô, castanhola, pandeiro gay, xilofoninho e pios/*Manoel Pacífico*
Triângulo e afoxé/*Cao Alves*
Palmas/*Muitas mãos*
Voz/*Pricila Stephan e Ivan*
Coro/*Doroty, Cao, Pricila e Ivan*

PÉROLA

Ivan Vilela & Fernando D'Andréia




D/F# A A/G
Pri.
Iv.
35
ru - bro rai - o de luz, re - ti - na tra - du - zin - do ma -
Bsus4 BOL. G6
39
nhã.
F#7(b9)/A# Bm Bm(7M)
43
Pe - las ru - as
F#7(b9)/A# E7(9,4) E7(9)
47
der - ra - mei meu ca - mi - nhar so - li -
G6/D E/D
51
ab - sur - do_i - ti - ne -
tá - rio,
Esus A7(9,4)
55
rá - rio do meu vi - ver.


A7(13,9) A7(9) D Dmaj7(no3)
Pri.
Iv.
59
Fu - gi - ti - vo‿a - mor,
G9 D/F# E7(9,4) E7(9)
63
quan - tos ca - mi - nhos a - té te per - der.
A7(9,4) A7(13,9) C#m7(9) B(#5)/F
67
G7(9,4) G7(9) C(add4) D(no3)
71
C(add4) D C# C(add4) D(no3)
75
C(add4) B♭/D A7(9,4) A7(13,9)
79

Pérola
(Ivan Vilela & Fernando D'Andreia)

Introdução: | D | Dmaj7(9)no3 | Bm | Bm/A | E | | A7(9,4) | A7(9) |

D Dmaj7(no3)
Amor, amor,
A7/C# A#°
Quantos caminhos
Bm Bm7M Bm7
Até te encontrar.
Bm6 G(#11) D/F# Esus7(9) E7(9)
Oculta morada, violino distante
Asus7(9) A7(9) E7(9) Asus7(9) A7(9)
Chorando aos olhos da noite.

D Dmaj7(no3)
Amor, amor,
A7/C# A#° Bm Bm7M Bm7
Alumbramento do céu.
Bm6 G D/F# Asus7(9) A7(9) B G6 F#7(b9)/A#
Pérola, rubro raio de luz, retina traduzindo manhã.

Bm Bm7M F#/A# Esus7(9) E7(9)
Pelas ruas derramei meu caminhar
G6/D
Solitário,
E7/D Esus7(9)
Absurdo itinerário
Asus7(9)
Do meu viver.

D Dmaj7(no3)
Fugitivo amor,
G D/F# Esus7(9) E7(9)
Quantos caminhos
Asus7(9) A7(9)
até te perder.

D Dmaj7(no3)
Amor, amor,
A7/C# A#° Bm Bm7M Bm7
Alumbramento do céu.
Bm6 G(#11) D/F# Asus7(9) A7(9) B G6 F#7(b9)/A#
Pérola, rubro raio de luz, retina traduzindo manhã.

Bm Bm7M F#/A# Esus7(9) E7(9)
Pelas ruas derramei meu caminhar
G6/D
Solitário,
E7/D Esus7(9)
Absurdo itinerário
Asus7(9)
do meu viver.

D A/D
Fugitivo amor,
G D/F# Esus7(9) E7(9)
Quantos caminhos
Asus7(9) A7(9)
até te perder.

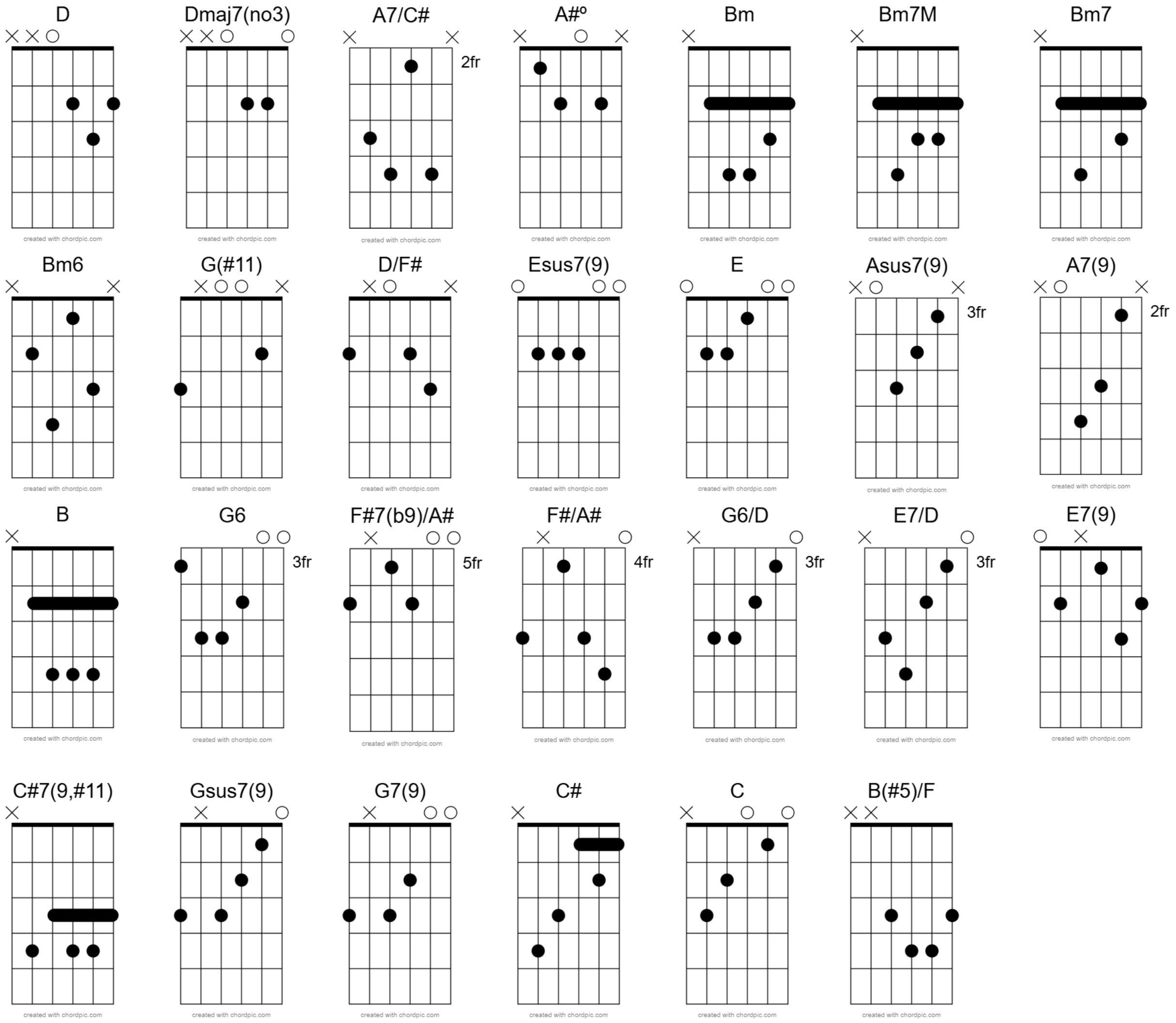
C#7(9,#11) B(#5)/F Gsus7(9) G7(9)

Final:

C D C D C#

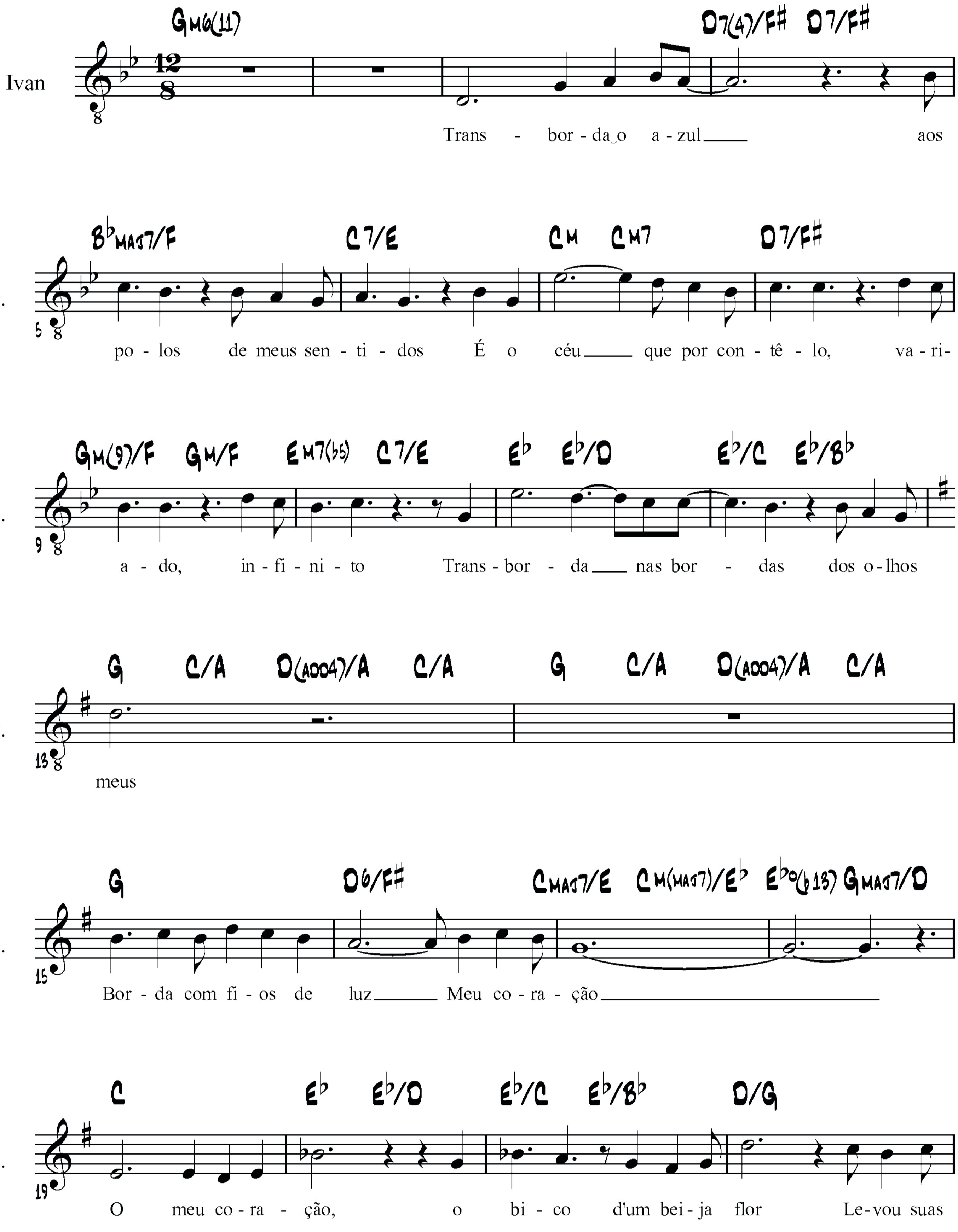
C D C Bb/D Asus7(9) A7(9)

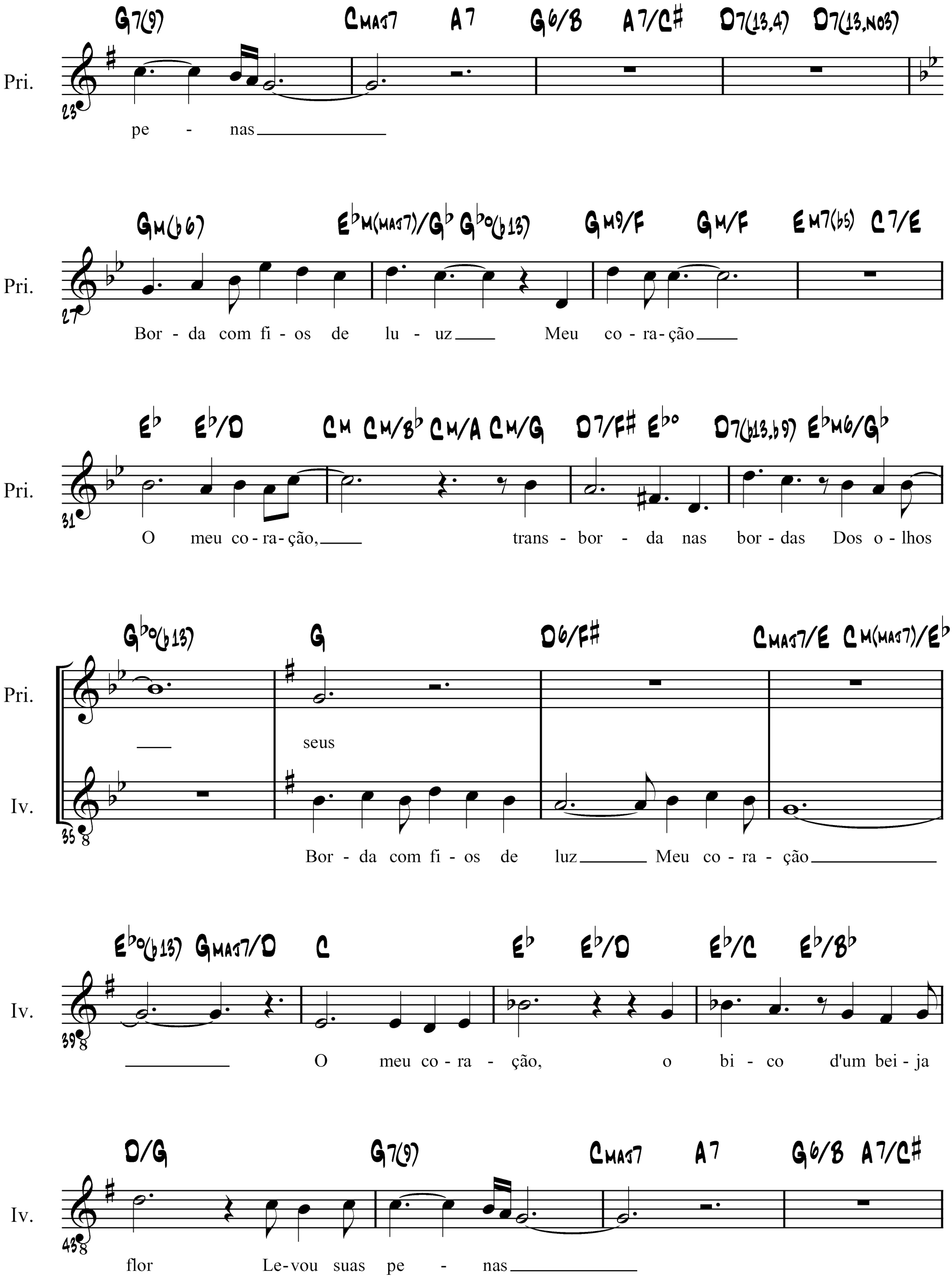
Pérola | Diagrama dos Acordes

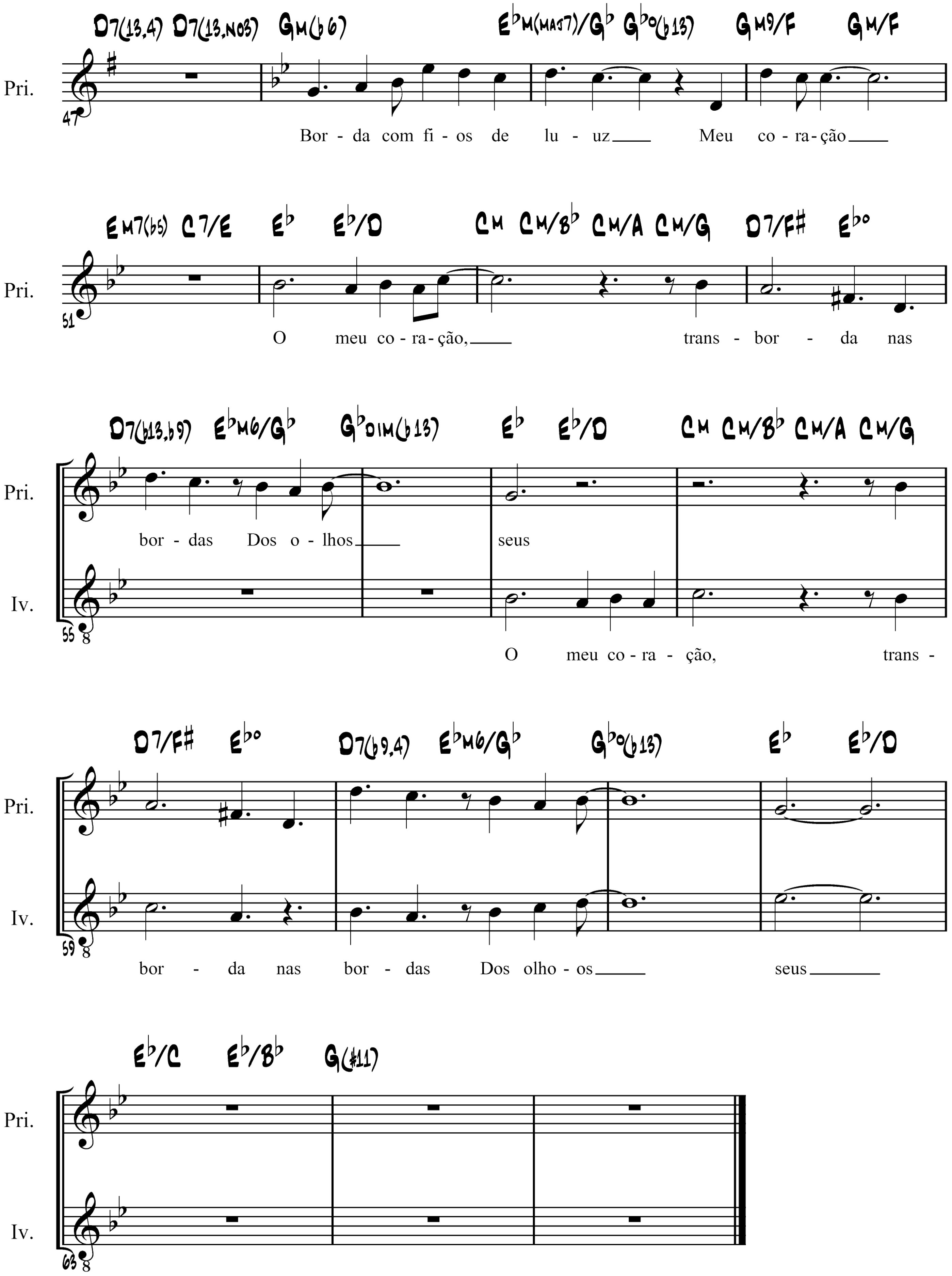


BEM

Marcellus Bezerra & Ivan Vilela




G7(9) Cmaj7 A7 G6/B A7/C# D7(13,4) D7(13,no3)
Pri.
23
pe - nas
Gm(b6) Ebm(maj7)/Gb Gbo(b13) Gm9/F Gm/F Em7(b5) C7/E
Pri.
27
Bor - da com fi - os de lu - uz Meu co - ra - ção
Eb Eb/D Cm Cm/Bb Cm/A Cm/G D7/F# Ebo D7(b13,b9) Ebm6/Gb
Pri.
31
O meu co - ra - ção, trans - bor - da nas bor - das Dos o - lhos
Gbo(b13) G D6/F# Cmaj7/E Cm(maj7)/Eb
Pri.
seus
Iv.
35
Bor - da com fi - os de luz Meu co - ra - ção
Ebo(b13) Gmaj7/D C Eb Eb/D Eb/C Eb/Bb
Iv.
39
O meu co - ra - ção, o bi - co d'um bei - ja
D/G G7(9) Cmaj7 A7 G6/B A7/C#
Iv.
43
flor Le - vou suas pe - nas


D7(13,4) D7(13,no3) Gm(b6) E♭m(maj7)/G♭ G♭o(b13) Gm9/F Gm/F
Pri.
47
Bor - da com fi - os de lu - uz Meu co - ra - ção
Em7(b5) C7/E E♭ E♭/D Cm Cm/B♭ Cm/A Cm/G D7/F# E♭o
Pri.
51
O meu co - ra - ção, trans - bor - da nas
D7(b13,b9) E♭m6/G♭ G♭dim(b13) E♭ E♭/D Cm Cm/B♭ Cm/A Cm/G
Pri.
bor - das Dos o - lhos seus
Iv.
55
O meu co - ra - ção, trans -
D7/F# E♭o D7(b9,4) E♭m6/G♭ G♭o(b13) E♭ E♭/D
Pri.
Iv.
59
bor - da nas bor - das Dos olho - os seus
E♭/C E♭/B♭ G(#11)
Pri.
Iv.
63

Bem
(Ivan Vilela & Marcellus Bezerra)

Introdução: Gm6(11)

Transborda o azul
Gm6(11)   Dsus7(4)/F#   D7/F#
Aos pólos de meus sentidos.
Bbmaj7/F   C7/E
É o céu que por contê-lo,
Cm   D7/F#
Variado, infinito,
Gm9/F Gm/F Em7(b5) C7/E
Transborda nas bordas
Eb Eb/D Eb/C
Dos olhos meus.
Eb/Bb   G C/A D(add4)/A C/A G C/A D(add4)/A

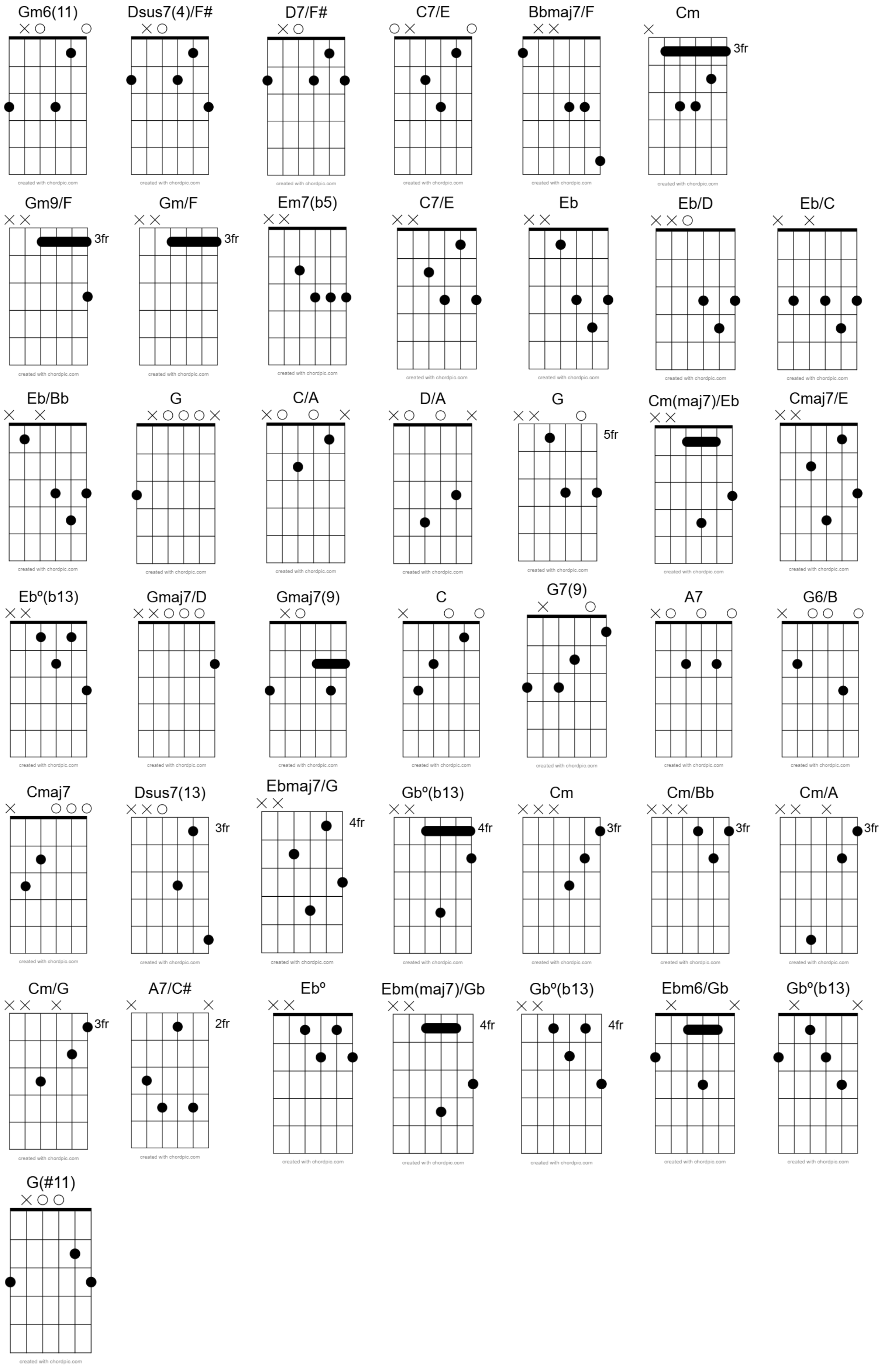
Borda com fios de luz
G   D6/F#
Meu coração,
Cmaj7/E Cm(maj7)/Eb Ebº(b13) Gmaj7/D
O meu coração:
C   Eb Eb/D
O bico de um beija-flor
Eb/C Eb/Bb   Gmaj7(9)
Levou suas penas.
G7(9) Cmaj7 A7 G6/B A7/C# Dsus7(13)

Borda com fios de luz
Ebmaj7/G   Ebm(maj7)/Gb Gbº(b13)
Meu coração,
Bbmaj7/F Gm/F Em7(b5) C7/E
O meu coração
Eb Eb/D Cm Cm/Bb Cm/A Cm/G
Transborda nas bordas
D7/F# Ebº   D7(b13,b9)
Dos   olhos   seus.
Ebm6/Gb Gbº(b13) G

Borda com fios de luz
G   D6/F#
Meu coração,
Cmaj7/E   Cm(maj7)/Eb Ebº(b13) Gmaj7/D
O meu coração:
C   Eb   Eb/D
O bico de um beija-flor
Eb/C Eb/Bb   Gmaj7(9)
Levou suas penas.
G7(9) Cmaj7 A7 G6/B A7/C# Dsus7(13)

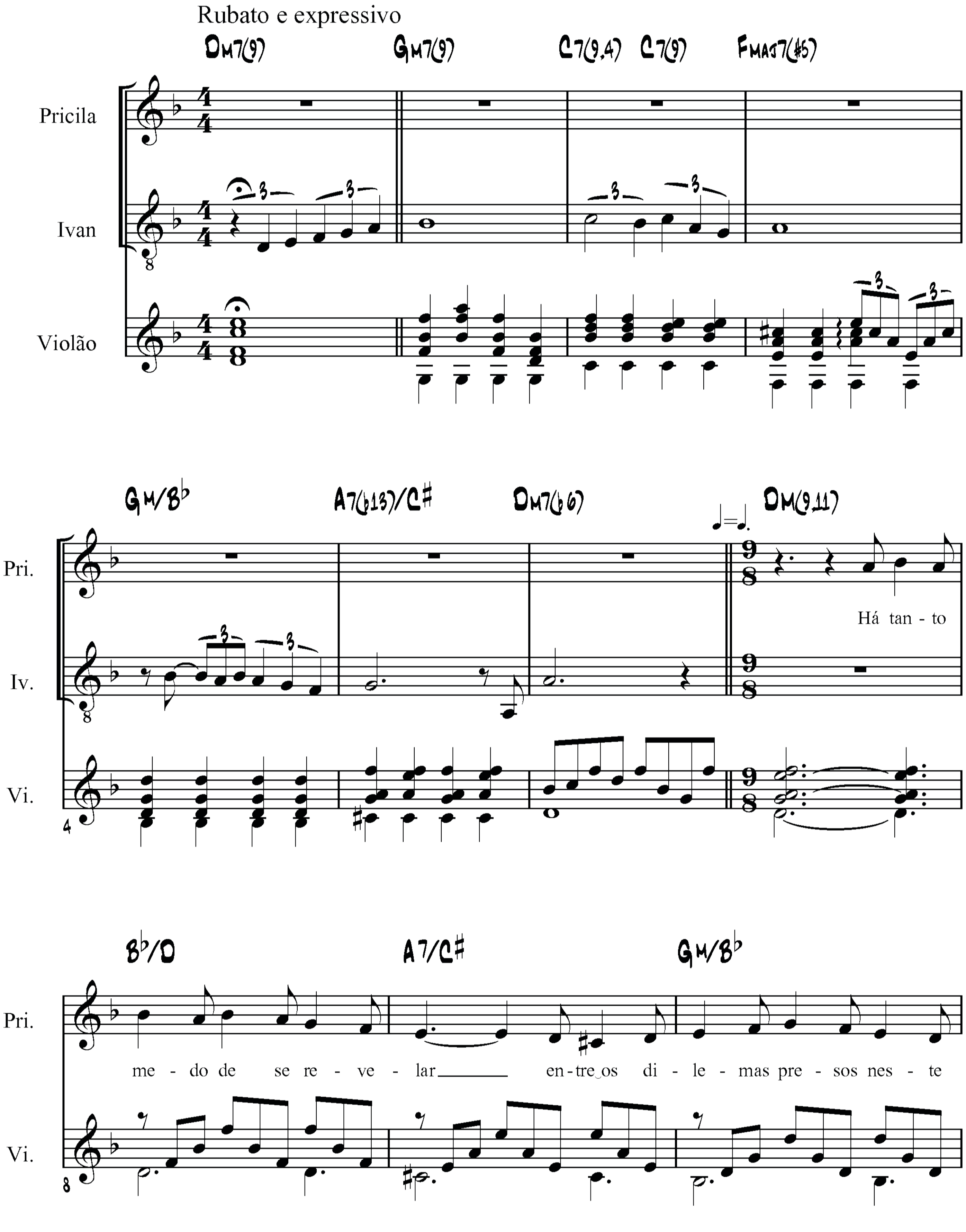
Borda com fios de luz
Ebmaj7/G Ebm(maj7)/Gb Gbº(b13)
Meu coração,
Bbmaj7/F Gm/F Em7(b5) C7/E
O meu coração
Eb Eb/D   Cm Cm/Bb Cm/A Cm/G
Transborda nas bordas
D7/F# Ebº   D7(b13,b9)
Dos   olhos   seus.
Ebm6/Gb   Gbº(b13)
O meu coração
Eb Eb/D   Cm Cm/Bb Cm/A Cm/G
Transborda nas bordas
D7/F#   Ebº   D7(b13,b9)
Dos olhos seus.
Ebm6/Gb Gbº(b13) Eb Eb/D Eb/C Eb/Bb G(#11)

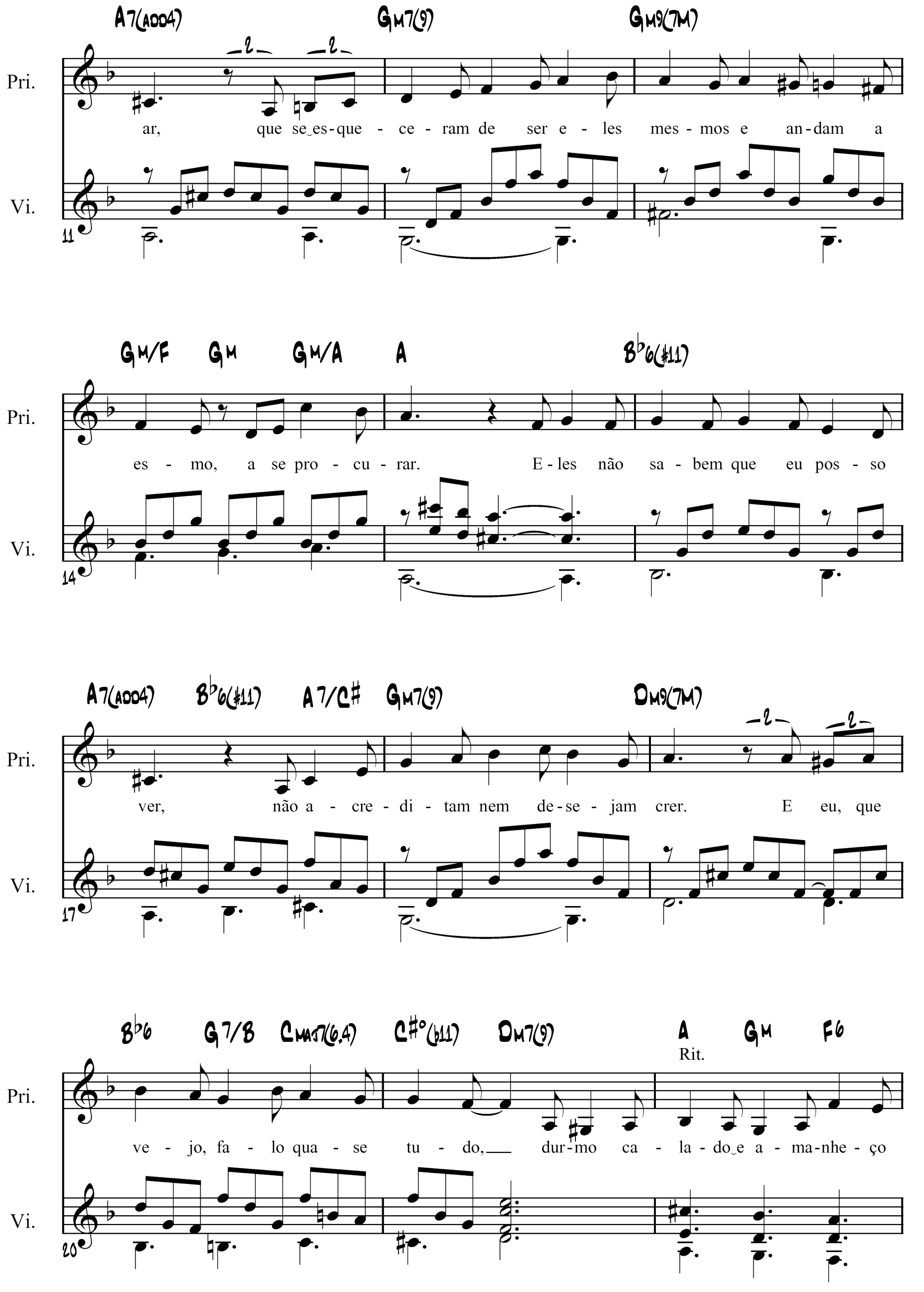
Bem | Diagrama dos Acordes

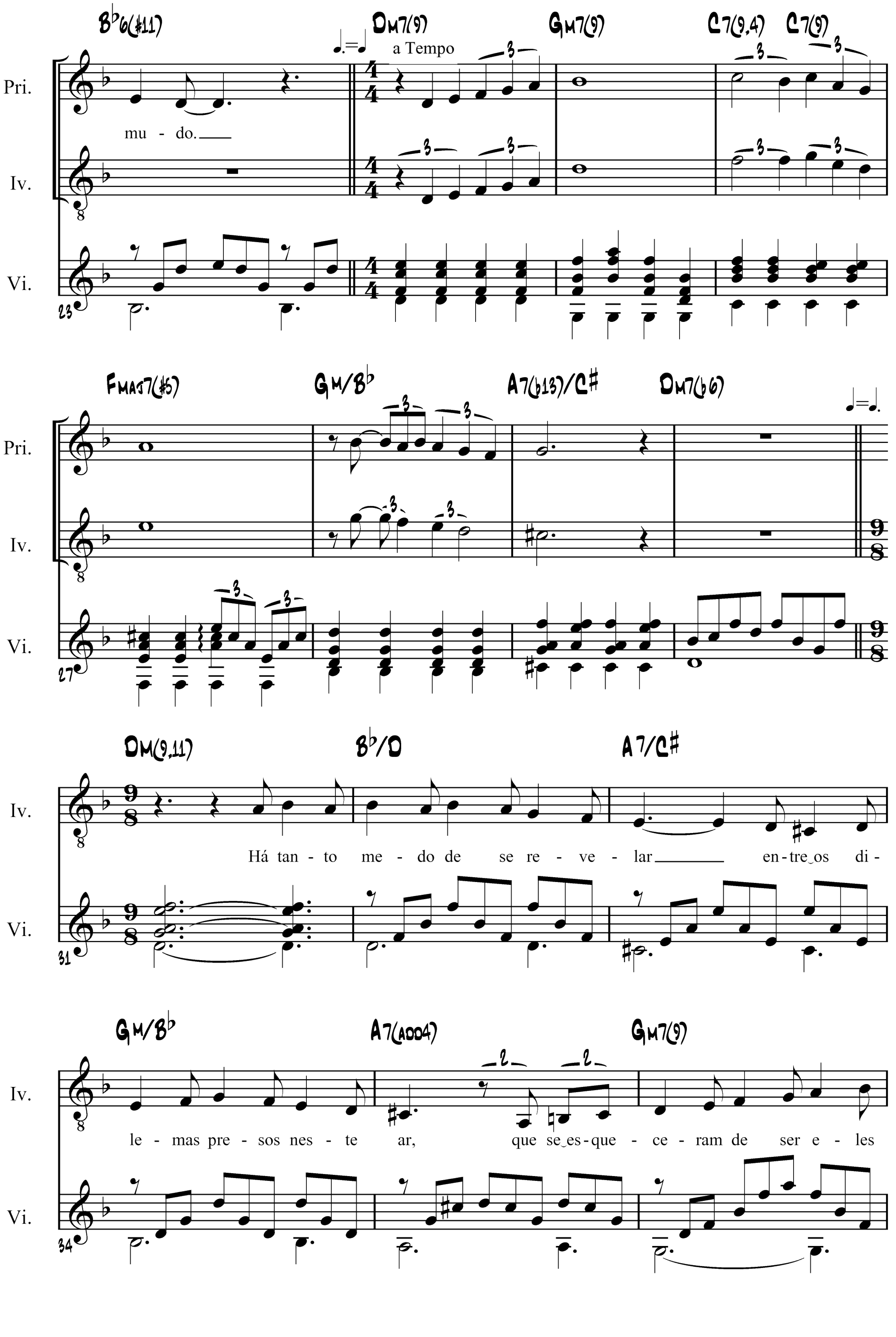


MANA

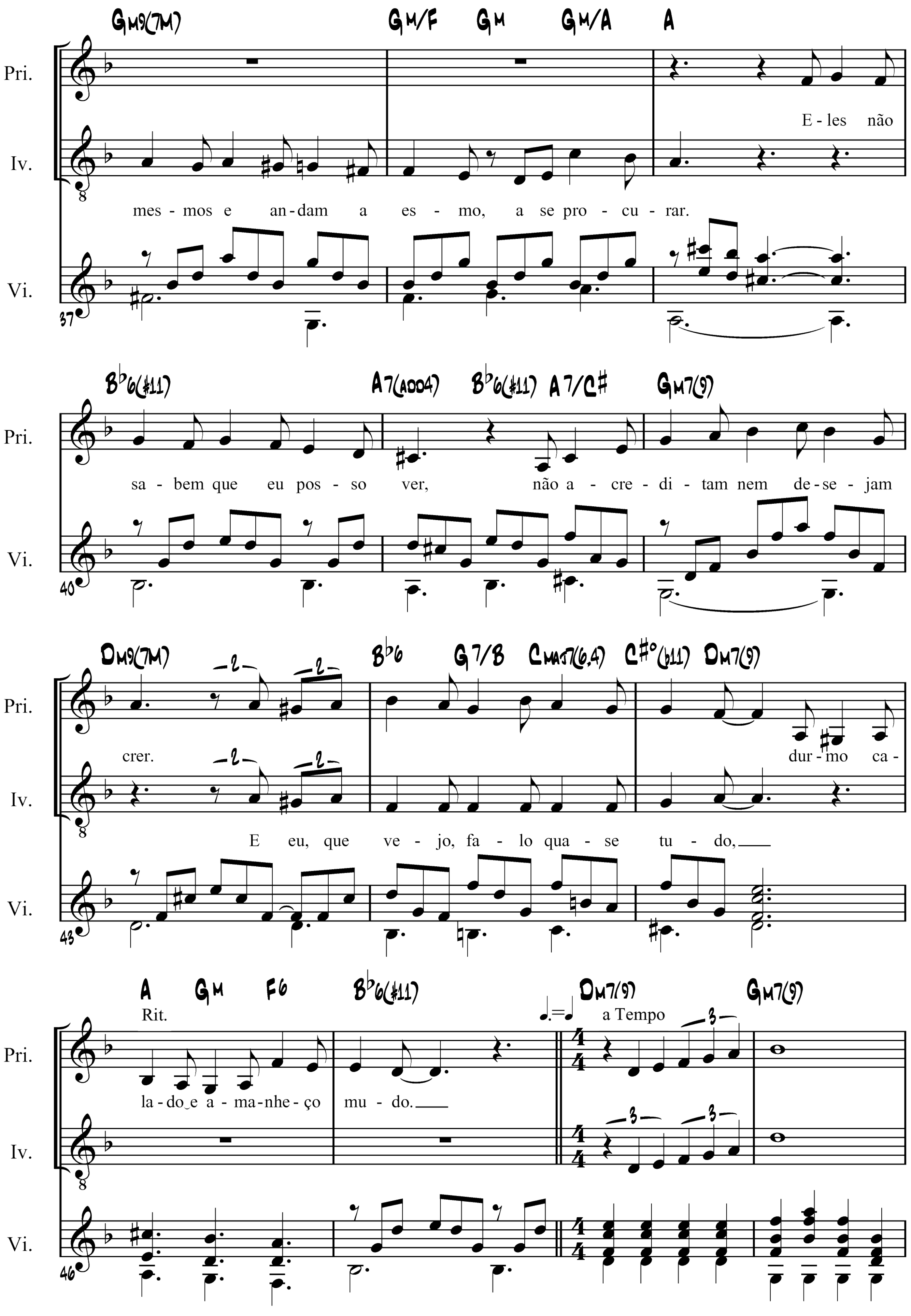
Ivan Vilela & Marcellus Bezerra



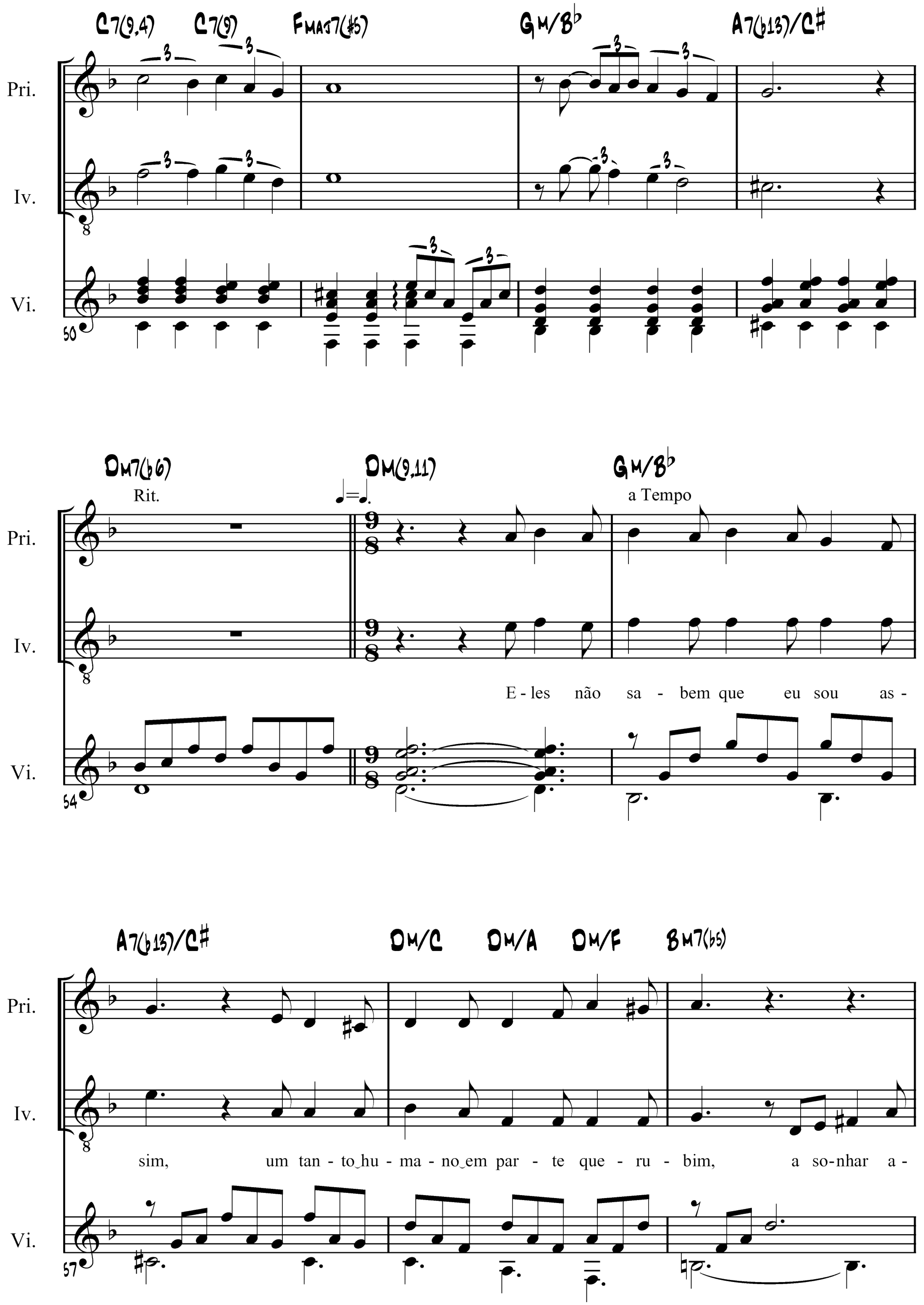

A7(add4) Gm7(9) Gm9(7M)
Pri.
ar, que se‿es-que - ce - ram de ser e - les mes - mos e an - dam a
Vi.
11
Gm/F Gm Gm/A A B♭6(#11)
Pri.
es - mo, a se pro - cu - rar. E - les não sa - bem que eu pos - so
Vi.
14
A7(add4) B♭6(#11) A7/C# Gm7(9) Dm9(7M)
Pri.
ver, não a - cre - di - tam nem de - se - jam crer. E eu, que
Vi.
17
B♭6 G7/B Cmaj7(6.4) C#°(b11) Dm7(9) A Gm F6
Rit.
Pri.
ve - jo, fa - lo qua - se tu - do, dur-mo ca - la - do‿e a - ma-nhe - ço
Vi.
20



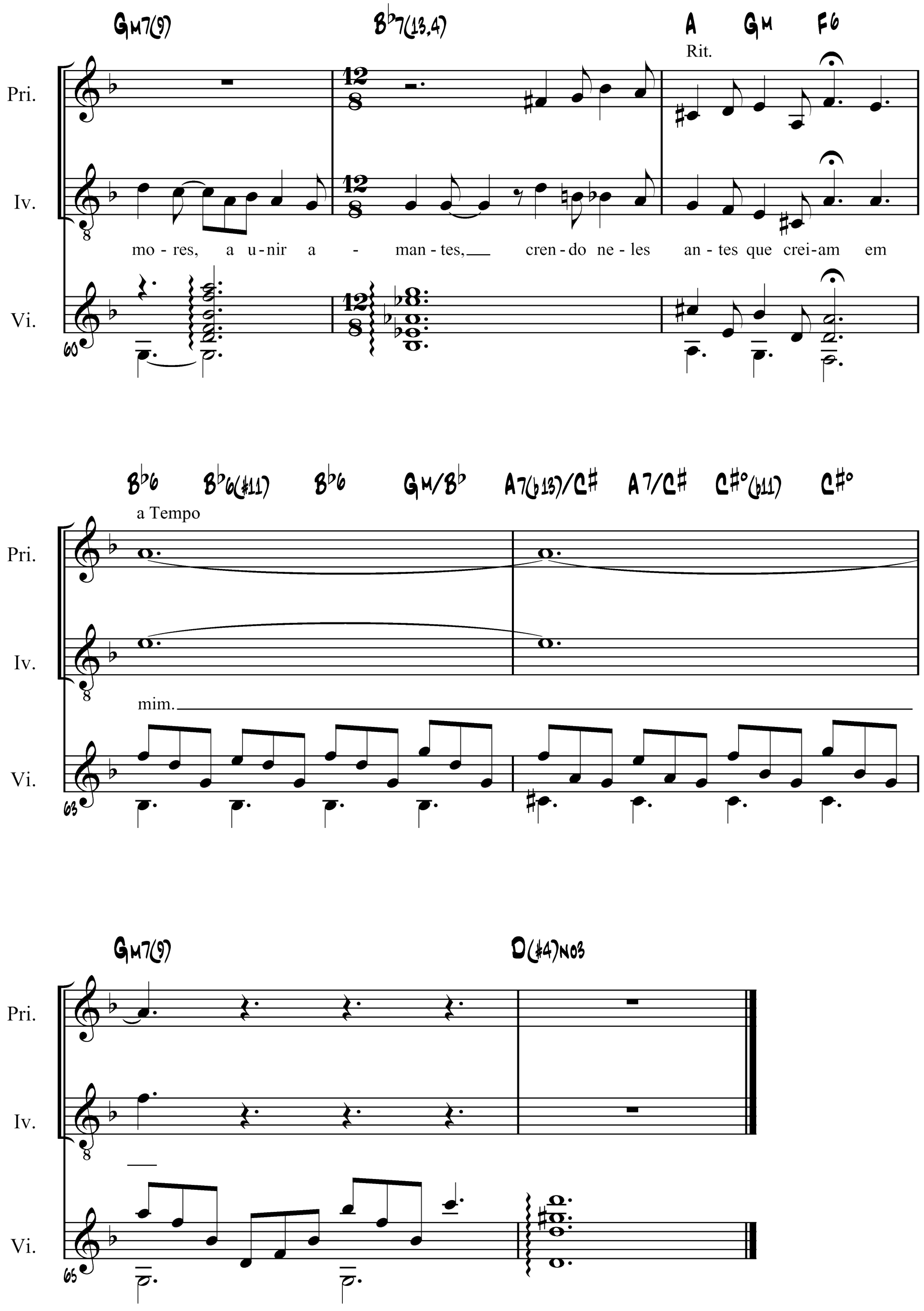
B♭6(#11)
Dm7(9)
Gm7(9)
C7(9,4) C7(9)
a Tempo
Pri.
Iv.
Vi.
mu - do.
23
Fmaj7(#5)
Gm/B♭
A7(♭13)/C#
Dm7(♭6)
27
Dm(9,11)
B♭/D
A7/C#
Há tan - to me - do de se re - ve - lar en - tre os di -
31
Gm/B♭
A7(add4)
Gm7(9)
le - mas pre - sos nes - te ar, que se es - que - ce - ram de ser e - les
34



Gm9(7M)
Gm/F Gm Gm/A A
Pri.
Iv.
Vi.
E - les não
mes - mos e an - dam a es - mo, a se pro - cu - rar.
37
B♭6(#11)
A7(add4) B♭6(#11) A7/C# Gm7(9)
sa - bem que eu pos - so ver, não a - cre - di - tam nem de - se - jam
40
Dm9(7M)
B♭6 G7/B Cmaj7(6.4) C#°(b11) Dm7(9)
crer.
dur - mo ca -
E eu, que ve - jo, fa - lo qua - se tu - do,
43
A Gm F6 B♭6(#11) Dm7(9) Gm7(9)
Rit.
a Tempo
la - do e a - ma - nhe - ço mu - do.
46



C7(9,4) C7(9) Fmaj7(#5) Gm/B♭ A7(♭13)/C#
Pri.
Iv.
Vi.
50
Dm7(♭6) Dm(9,11) Gm/B♭
Rit.
a Tempo
E - les não sa - bem que eu sou as -
54
A7(♭13)/C# Dm/C Dm/A Dm/F Bm7(♭5)
sim, um tan - to‿hu - ma - no‿em par - te que - ru - bim, a so-nhar a -
57


Gm7(9)
B♭7(13,4)
A Gm F6
Rit.
Pri.
Iv.
mo - res, a u-nir a - man - tes, cren - do ne - les an - tes que crei-am em
Vi.
60
B♭6 B♭6(#11) B♭6 Gm/B♭ A7(♭13)/C# A7/C# C#°(♭11) C#°
a Tempo
mim.
63
Gm7(9)
D(#4)no3
65

Mana
(Ivan Vilela & Marcelus Bezerra)

Vocalize: Dm7(9) Gm7(9) Csus7(9) C7(9) Fmaj7(#5) Gm/Bb A7(b13)/C# Dm7(b6)

Dm(9,11) Bb/D A/C#
Há tanto medo de se revelar
Gm/Bb A7(add4)
Entre os dilemas presos neste ar,
Gm7(9) Gm7M(9)
Que se esqueceram de ser eles mesmos
Gm/F Gm Gm/A
E andam a esmo,
A
A se procurar.

Bb6(#11) A7(add4) Bb6(#11)
Eles não sabem que eu posso ver,
A7/C# Gm7(9) Dm7M(9)
Não acreditam nem desejam crer.
Bb6 G7/B Cmaj7(6,4) C#º(b11) Dm7(9)
E eu, que vejo, falo quase tudo,
A Gm F6 Bb6(#11) Dm7(9)
Durmo calado e amanheço mudo.

Vocalize: Dm7(9) Gm7(9) Csus7(9) C7(9) Fma7(#5) Gm/Bb A7(b13)/C# Dm7(b6)

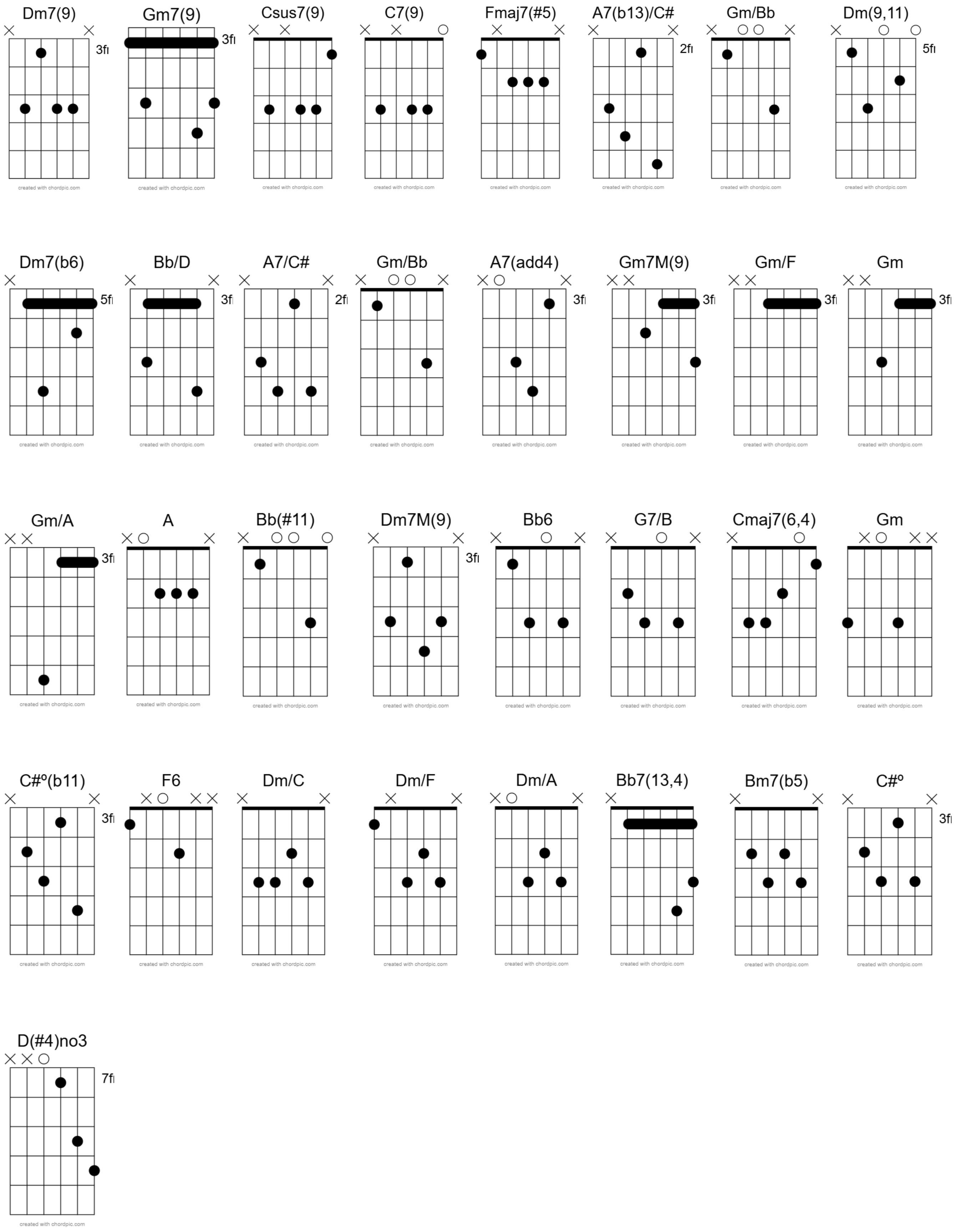
Dm(9,11) Bb/D A/C#
Há tanto medo de se revelar
Gm/Bb A7(add4)
Sobre os dilemas presos neste ar,
Gm7(9) Gm7M(9)
Que se esqueceram de ser eles mesmos
Gm/F Gm Gm/A
E andam a esmo,
A
A se procurar.

Bb6(#11) A7(add4) Bb6(#11)
Eles não sabem que eu posso ver,
A7/C# Gm7(9) Dm7M(9)
Não acreditam nem desejam crer.
Bb6 G7/B Cmaj7(6,4) C#º(b11) Dm7(9)
E eu, que vejo, falo quase tudo,
A Gm F6 Bb6(#11) Dm7(9)
Durmo calado e amanheço mudo.

Gm/Bb A7(b13)/C#
Eles não sabem que eu sou assim,
Dm/C Dm/A Dm/F Bm7(b5)
Um tanto humano, em parte querubim,
Gm7(9)
A sonhar amores,
Bb7(13,4)
A unir amantes,
A Gm F6
Crendo neles antes que
Bb6 Bb6(#11) Bb6 Gm/Bb A7(b13)/C# A7/C# C#º(b11) C#º
creiam em mim.

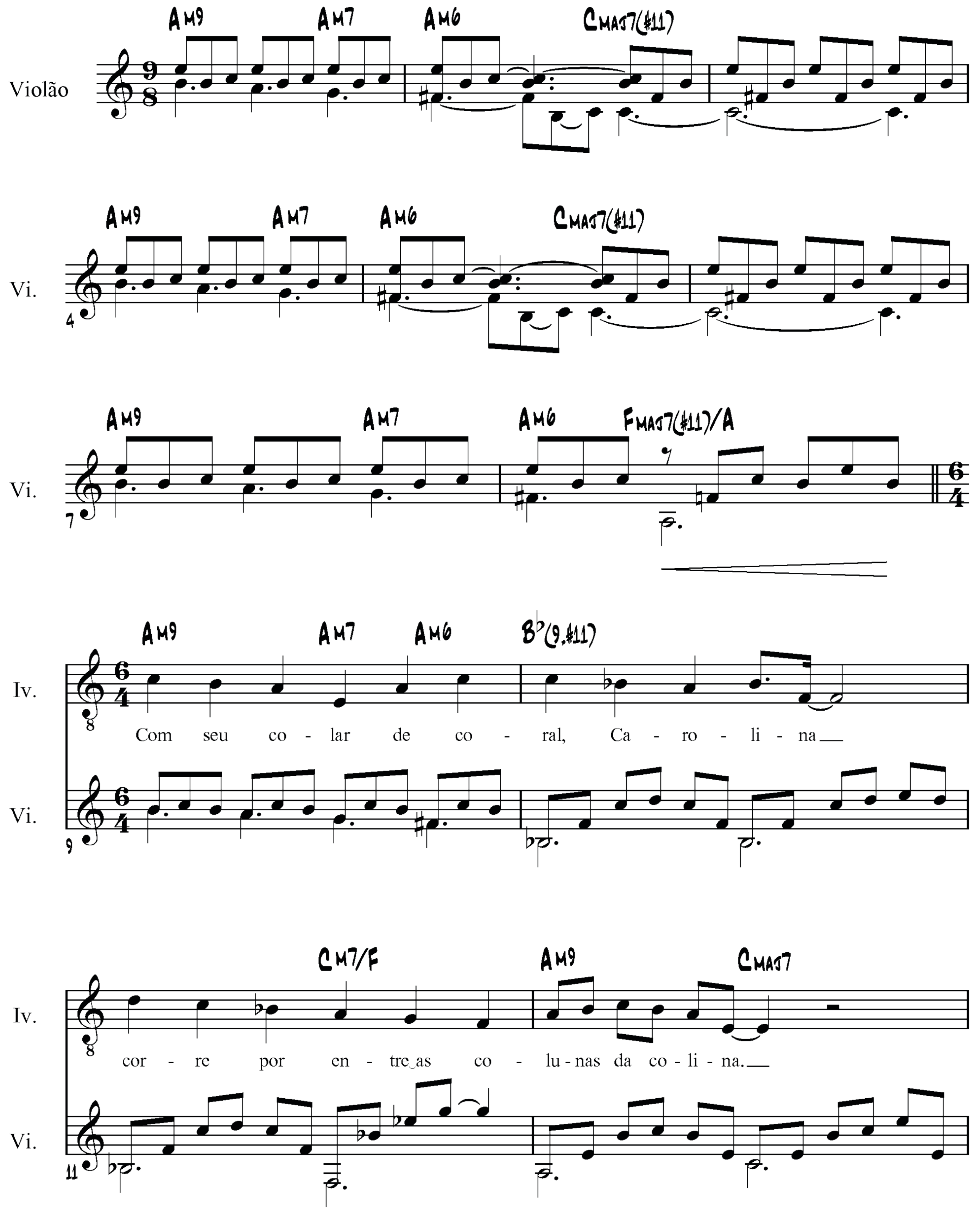
Gm7(9) D(#4)no3

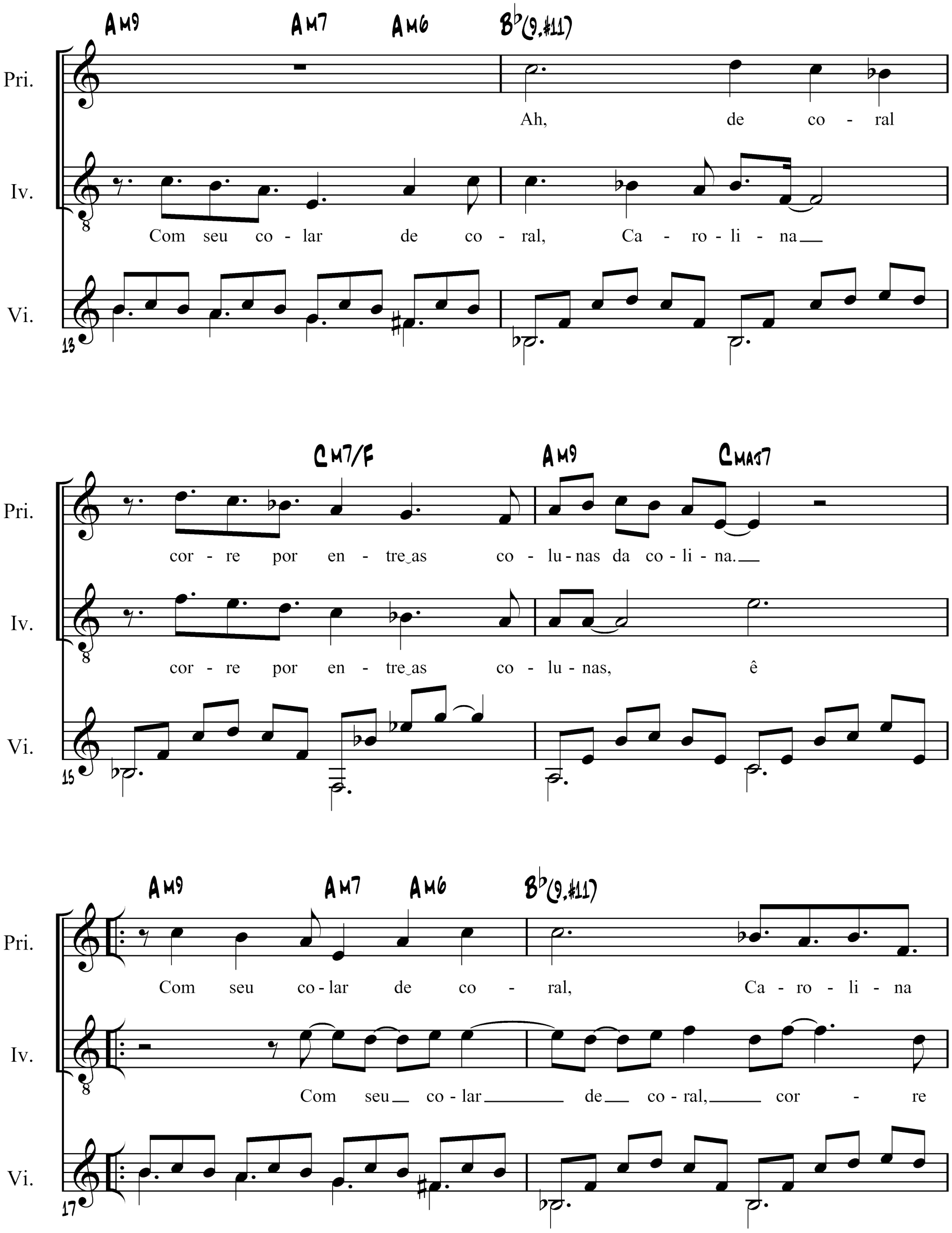
Mana | Diagrama dos Acordes

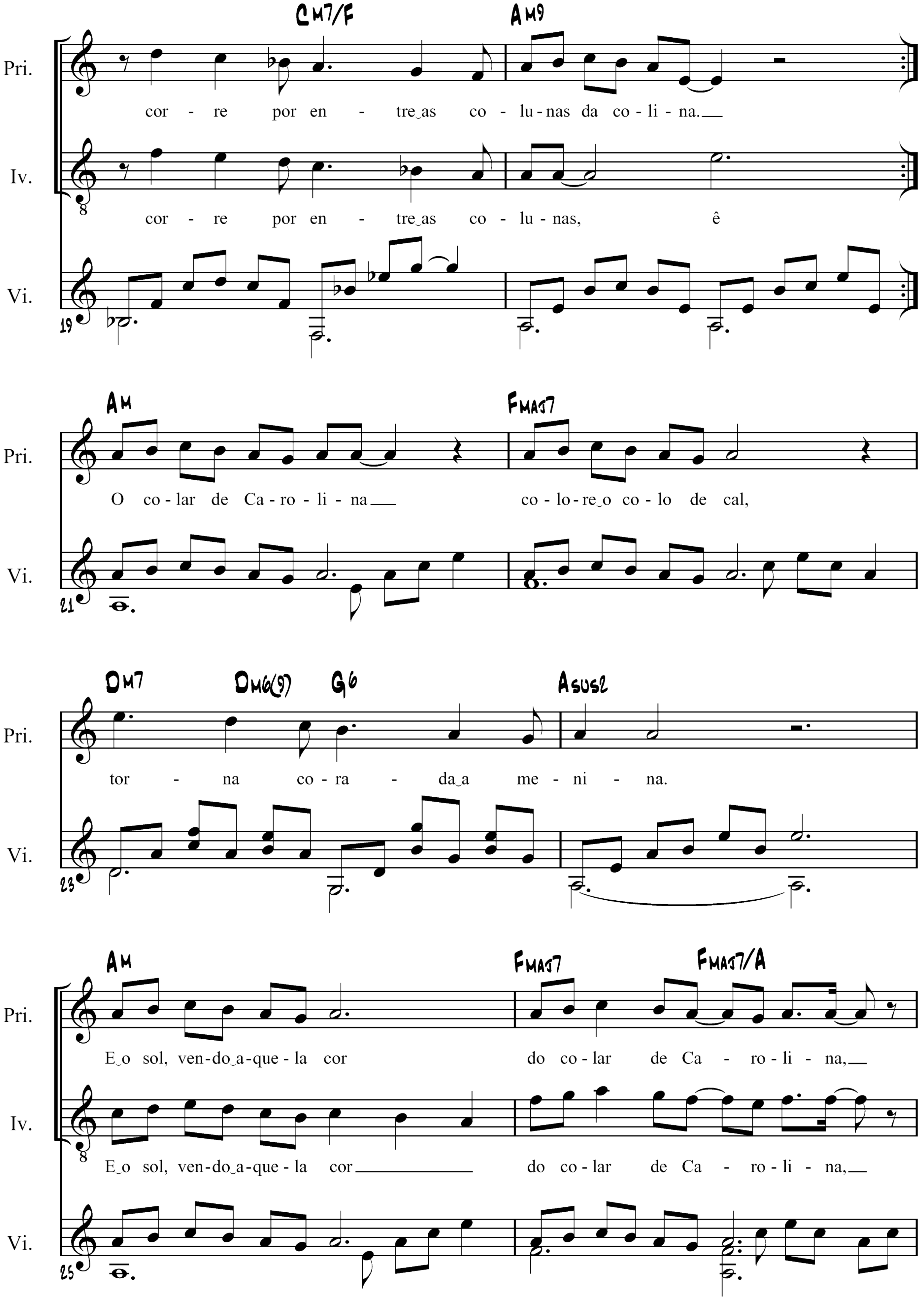


COLAR DE CAROLINA

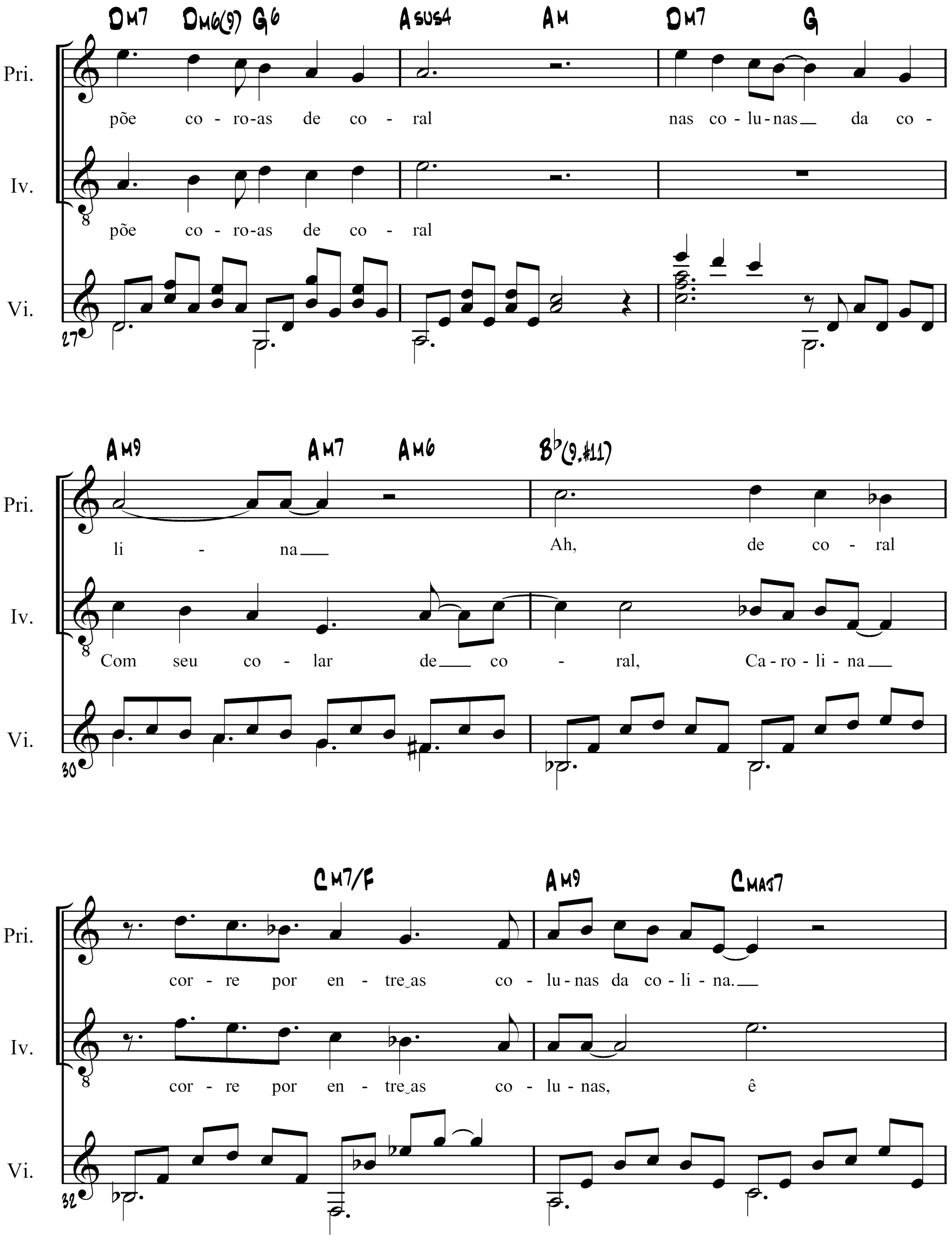
Cecília Meirelles & Diana Pequeno
Arranjo por Ivan Vilela



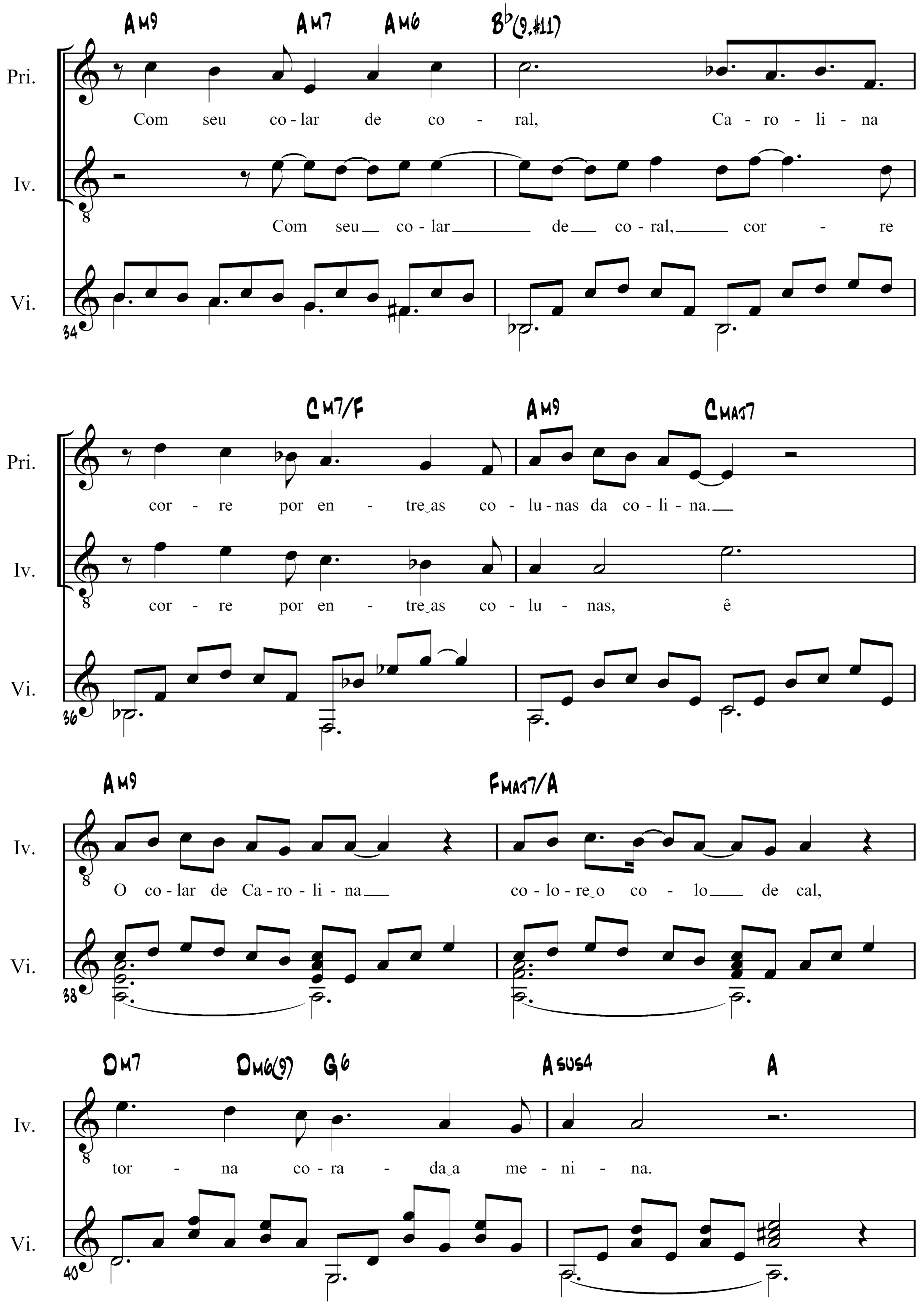

Am9 Am7 Am6 B♭(9,#11)
Pri.
Ah, de co - ral
Iv.
Com seu co - lar de co - ral, Ca - ro - li - na
Vi.
13
CM7/F Am9 Cmaj7
cor - re por en - tre_as co - lu-nas da co - li - na.
cor - re por en - tre_as co - lu - nas, ê
15
Am9 Am7 Am6 B♭(9,#11)
Com seu co - lar de co - ral, Ca - ro - li - na
Com seu co - lar de co - ral, cor - re
17

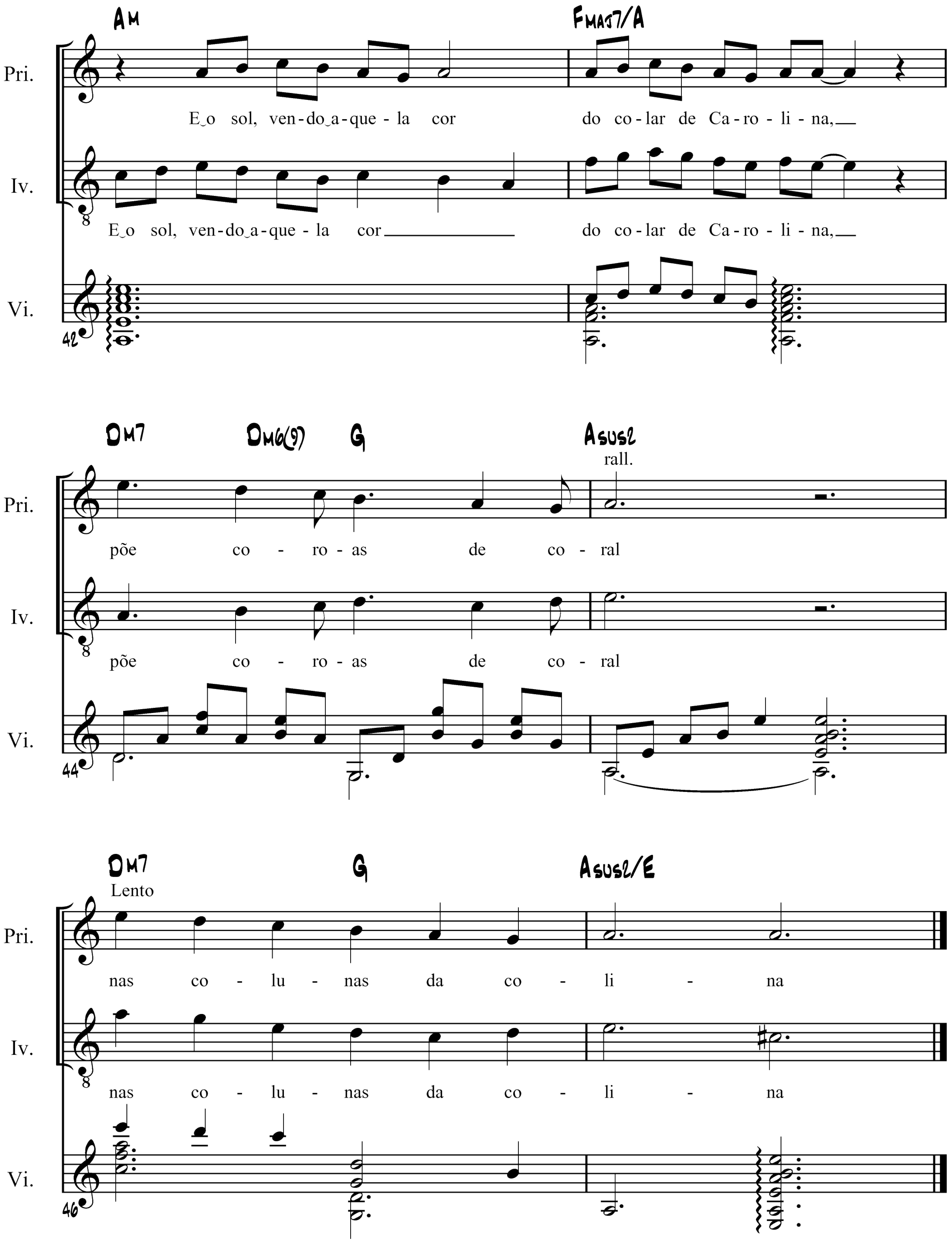


Pri.
Iv.
Vi.
Cm7/F
Am9
cor - re por en - tre_as co - lu-nas da co-li - na.
cor - re por en - tre_as co - lu - nas, ê
19
Am
Fmaj7
O co-lar de Ca-ro-li-na
co-lo-re_o co-lo de cal,
21
Dm7
Dm6(9)
G6
Asus2
tor - na co-ra - da_a me - ni - na.
23
Am
Fmaj7
Fmaj7/A
E_o sol, ven-do_a-que-la cor
do co-lar de Ca - ro-li - na,
E_o sol, ven-do_a-que-la cor
do co-lar de Ca - ro-li - na,
25



Dm7 Dm6(9) G6 Asus4 Am Dm7 G
Pri.
põe co-ro-as de co - ral nas co-lu-nas da co -
Iv.
põe co-ro-as de co - ral
Vi.
27
Am9 Am7 Am6 B♭(9,♯11)
Pri.
li - na Ah, de co - ral
Iv.
Com seu co - lar de co - ral, Ca-ro-li-na
Vi.
30
Cm7/F Am9 Cmaj7
Pri.
cor - re por en - tre‿as co - lu-nas da co-li - na.
Iv.
cor - re por en - tre‿as co - lu - nas, ê
Vi.
32


Am9 Am7 Am6 B♭(9,#11)
Pri.
Com seu co-lar de co - ral, Ca - ro - li - na
Iv.
Com seu co-lar de co-ral, cor - re
Vi.
34
Cm7/F Am9 Cmaj7
Pri.
cor - re por en - tre‿as co - lu-nas da co - li - na.
Iv.
cor - re por en - tre‿as co - lu - nas, ê
Vi.
36
Am9 Fmaj7/A
Iv.
O co-lar de Ca-ro-li-na co-lo-re‿o co - lo de cal,
Vi.
38
Dm7 Dm6(9) G6 Asus4 A
Iv.
tor - na co-ra - da‿a me-ni - na.
Vi.
40


Am
Fmaj7/A
Pri.
E‿o sol, ven-do‿a-que-la cor
do co-lar de Ca-ro-li-na,
Iv.
E‿o sol, ven-do‿a-que-la cor
do co-lar de Ca-ro-li-na,
Vi.
42
Dm7
Dm6(9)
G
Asus2
rall.
Pri.
põe co-ro-as de co-ral
Iv.
põe co-ro-as de co-ral
Vi.
44
Dm7
G
Asus2/E
Lento
Pri.
nas co-lu-nas da co-li-na
Iv.
nas co-lu-nas da co-li-na
Vi.
46

Colar de Carolina

(Cecília Meirelles & Diana Pequeno)

Arr. Ivan Vilela

Introdução: |: **Am9 Am7** | **Am6 Cmaj7(#11)** :|
| | **Am9 Am7** | **Am6 Fmaj7(#11)/A** |

```
Am9        Am7  Am6  Bb(9,#11)
Com seu colar de coral, Carolina
         Cm7/F    Am9        Cmaj7
Corre por entre as colunas da colina
Am9       Am7  Am6  Bb(9,#11)
Com seu colar de coral, Carolina
        Cm7/F     Am9        Cmaj7
Corre por entre as colunas da colina.
Am9       Am7  Am6  Bb(9,#11)
Com seu colar de coral, Carolina
         Cm7/F      Am9
Corre por entre as colunas da colina.
Am9       Am7  Am6  Bb(9,#11)
Com seu colar de coral, Carolina
         Cm7/F      Am9
Corre por entre as colunas da colina.
```

```
Am
O colar de Carolina
Fmaj7
Colore o colo de cal,
Dm7 Dm6(9) G6   Asus2
Torna corada a menina.
```

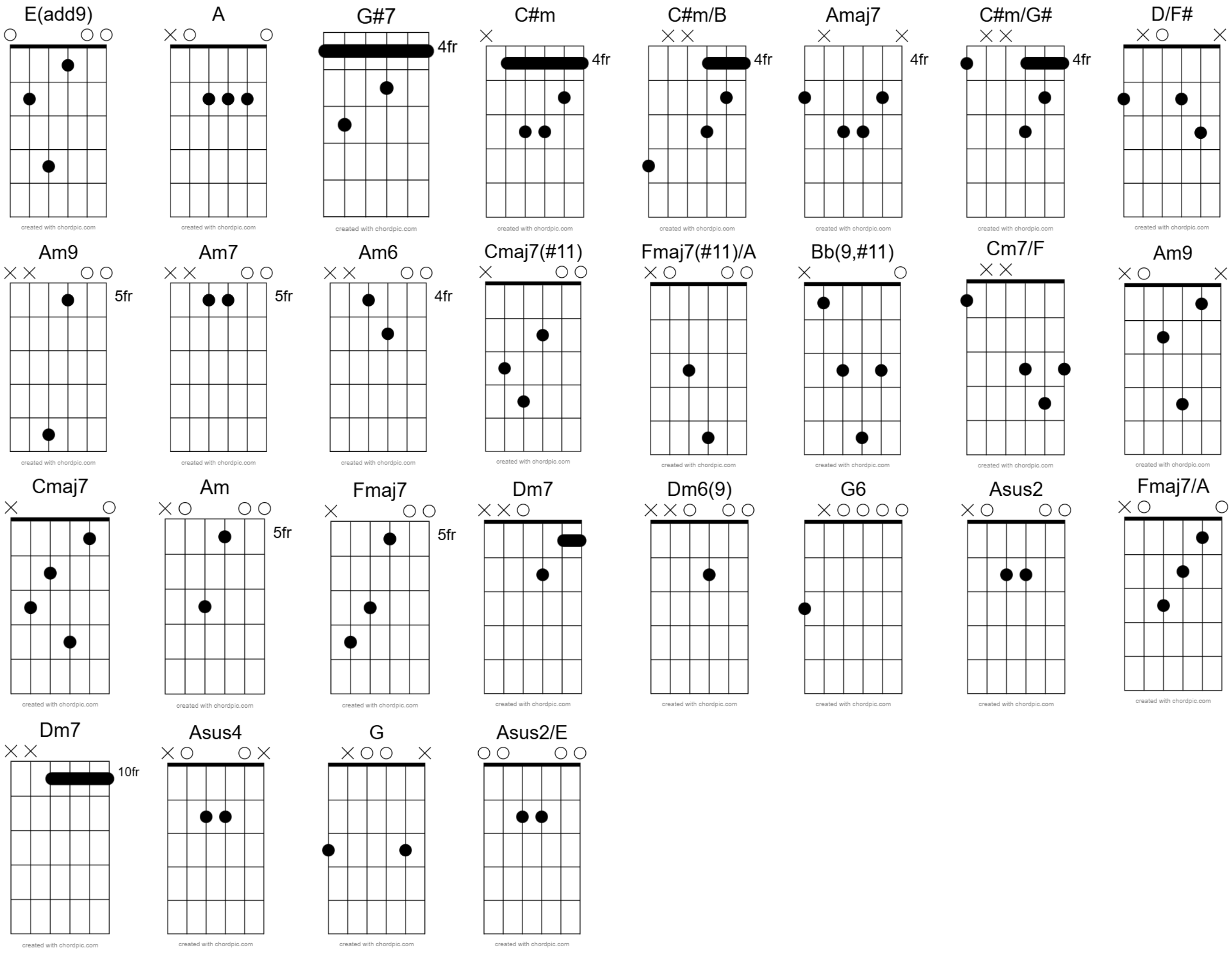
```
Am
E o sol, vendo aquela cor
Fmaj7     Fmaj7/A
Do colar de Carolina,
Dm7 Dm6(9) G6  Asus4  Am
Põe coroas de coral
Dm7     G      Am9  Am7 Am6
Nas colunas da colina.
```

```
Am9      Am7  Am6  Bb(9,#11)
Com seu colar de coral, Carolina
         Cm7/F      Am9       Cmaj7
Corre por entre as colunas da colina.
Am9      Am7  Am6  Bb(9,#11)
Com seu colar de coral, Carolina
        Cm7/F      Am9       Cmaj7
Corre por entre as colunas da colina.
Am9      Am7  Am6  Bb(9,#11)
Com seu colar de coral, Carolina
         Cm7/F      Am9      Cmaj7
Corre por entre as colunas da colina.
Am9      Am7  Am6  Bb(9,#11)
Com seu colar de coral, Carolina
        Cm7/F      Am9       Cmaj7
Corre por entre as colunas da colina.
```

```
Am9
O colar de Carolina
Fmaj7/A
Colore o colo de cal,
Dm7 Dm6(9) G6   Asus4   A
Torna corada a menina.
```

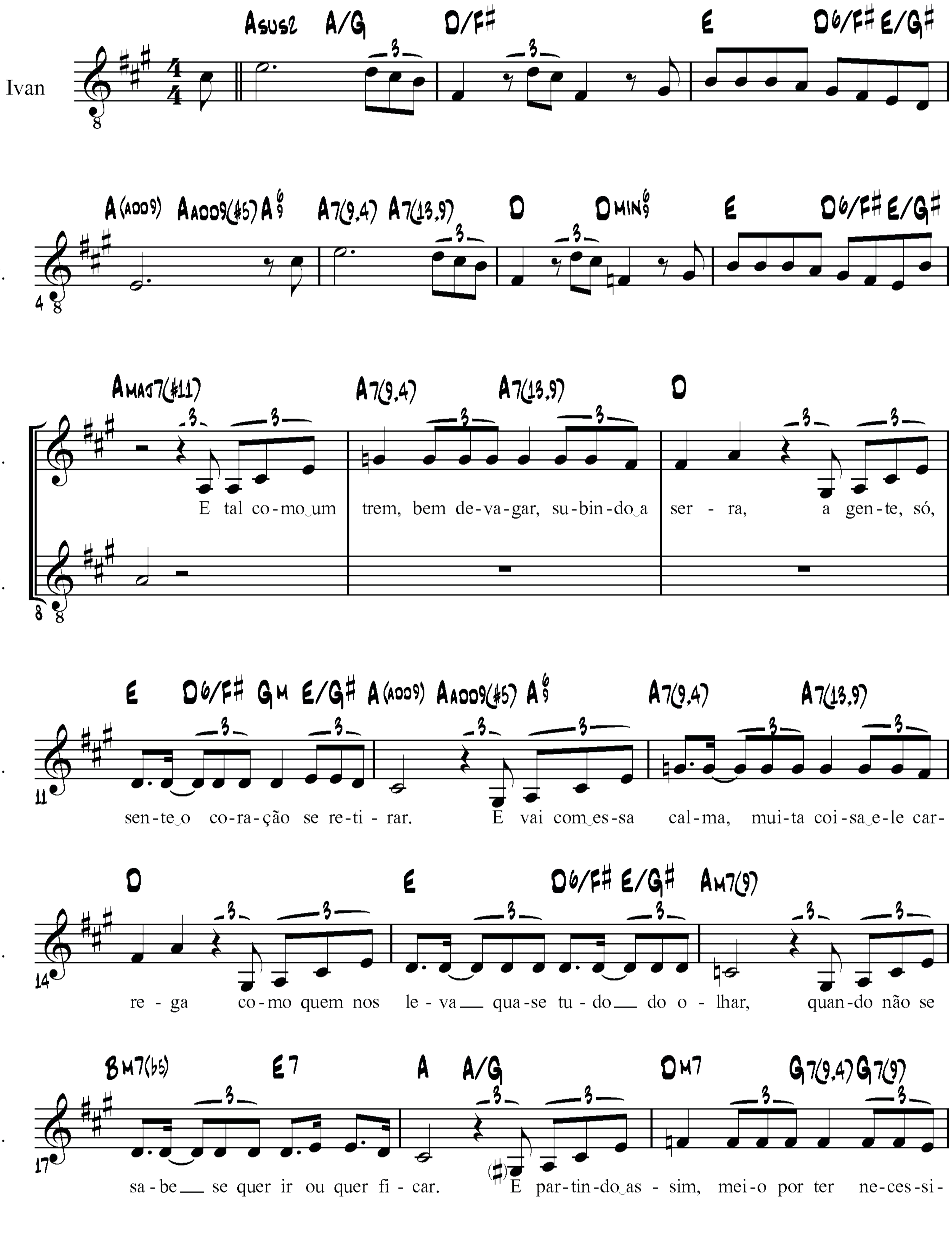
```
Am
E o sol, vendo aquela cor
Fmaj7/A
Do colar de Carolina,
Dm7 Dm6(9) G   Asus4
Põe coroas de coral
Dm7     G      Asus2/E
Nas colunas da colina.
```

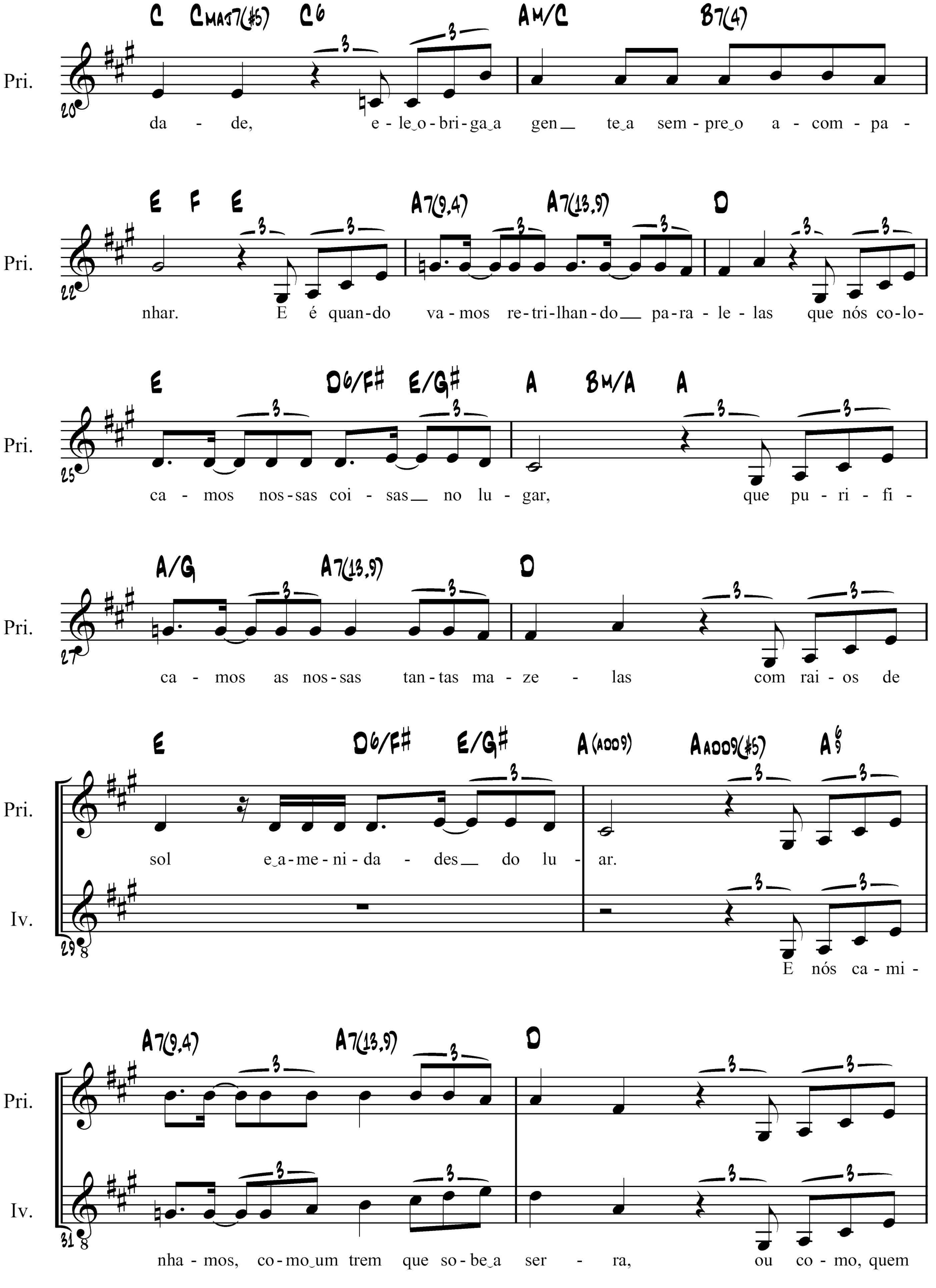
Colar de Carolina | Diagrama de Acordes

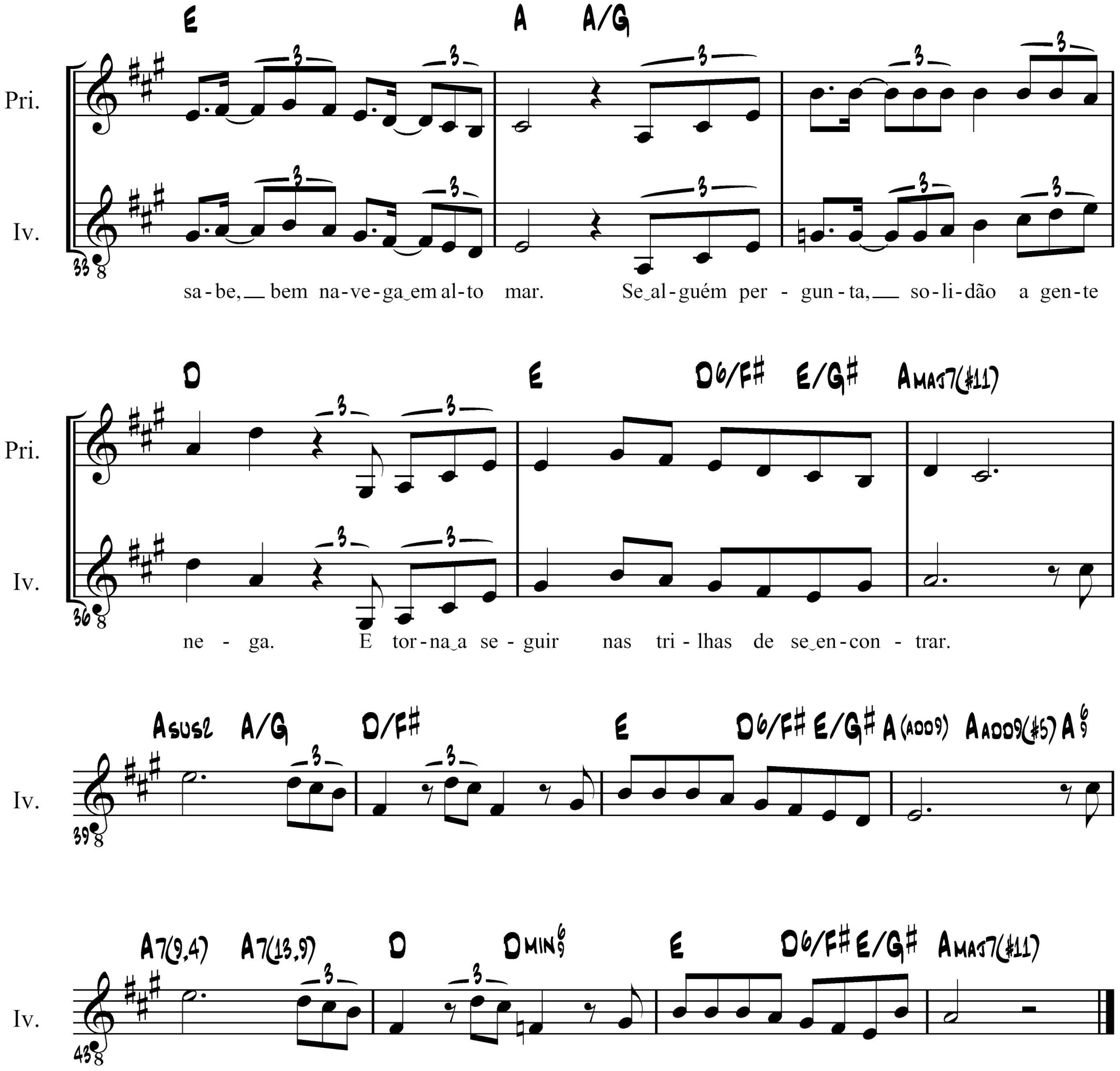


EM TRILHOS

Marcellus Bezerra & Luis Celso de Carvalho




C Cmaj7(#5) C6 Am/C B7(4)
Pri.
20
da - de, e - le‿o - bri - ga‿a gen te‿a sem - pre‿o a - com - pa -
E F E A7(9,4) A7(13,9) D
Pri.
22
nhar. E é quan - do va - mos re - tri - lhan - do pa - ra - le - las que nós co - lo -
E D6/F# E/G# A Bm/A A
Pri.
25
ca - mos nos - sas coi - sas no lu - gar, que pu - ri - fi -
A/G A7(13,9) D
Pri.
27
ca - mos as nos - sas tan - tas ma - ze - las com rai - os de
E D6/F# E/G# A(add9) Aadd9(#5) A6/9
Pri.
sol e‿a - me - ni - da - des do lu - ar.
Iv.
29
E nós ca - mi -
A7(9,4) A7(13,9) D
Pri.
Iv.
31
nha - mos, co - mo‿um trem que so - be‿a ser - ra, ou co - mo, quem



E A A/G
Pri.
Iv.
33
sa-be, bem na-ve-ga em al-to mar. Se al-guém per - gun-ta, so-li-dão a gen-te
D E D6/F# E/G# Amaj7(#11)
Pri.
Iv.
36
ne - ga. E tor-na a se - guir nas tri - lhas de se en-con - trar.
Asus2 A/G D/F# E D6/F# E/G# A(add9) Aadd9(#5)
Iv.
39
A7(9,4) A7(13,9) D Dmin E D6/F# E/G# Amaj7(#11)
Iv.
43

Em Trilhos

(Luis Celso de Carvalho & Marcellus Bezerra)

Introdução:

| Asus2 A/G | D/F# | E F#m E/G# | A(add9) Aadd9(#5) A6(9) |

| A7 A/G | D/F# Dm6(9) | E F#m E/G# | Amaj7(#11) |

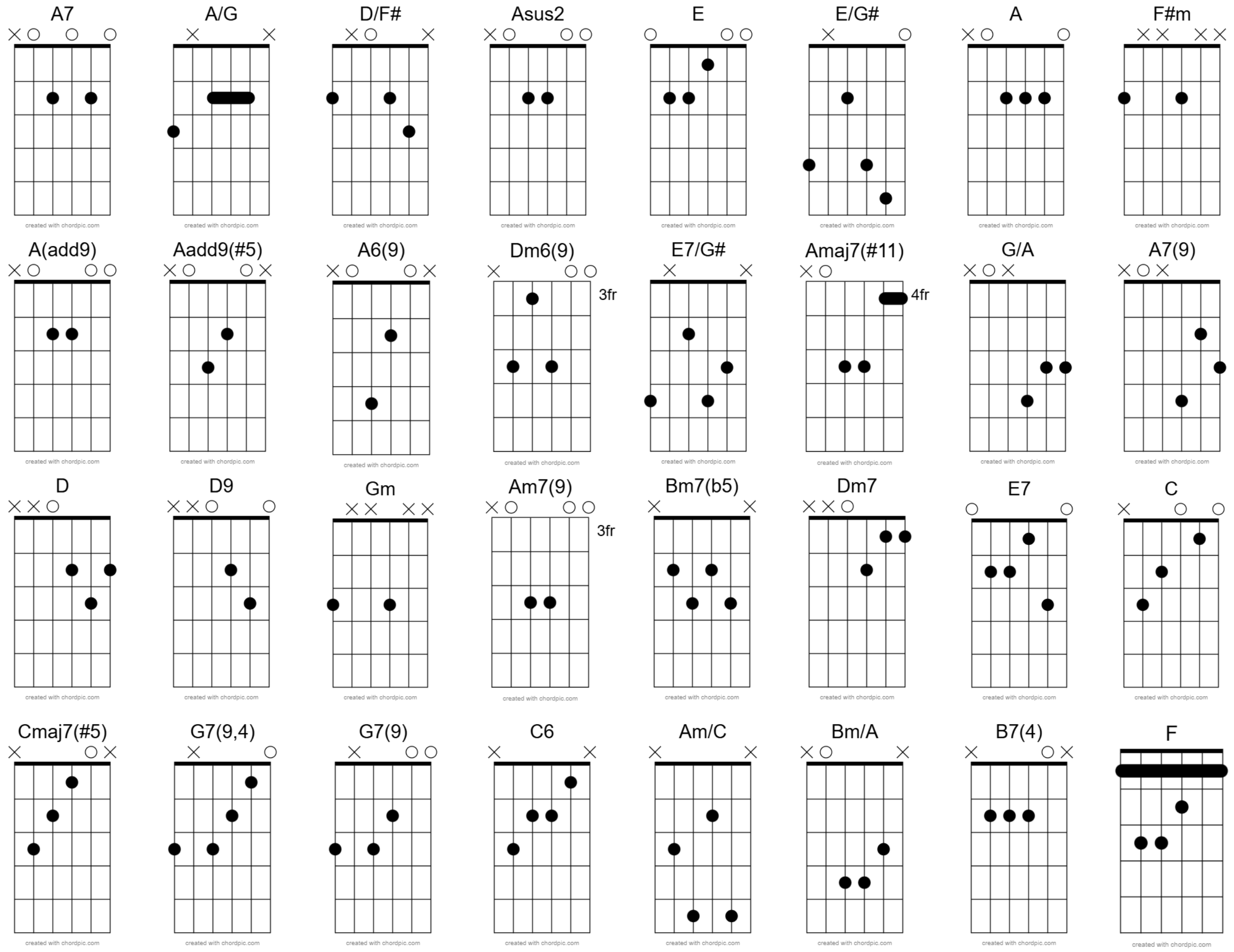
```
             G/A
E tal como um trem,
       A7(9)              D   D9
Bem devagar, subindo a serra,
          E  F#m   Gm  E/G#    A(add9) Aadd9(#5) A6(9)
A gente, só, sente o coração se retirar.
             G/A             A7(9)       D
E vai com essa calma, muita coisa ele carrega
              E  F#m   Gm  E7/G#  Am7(9)
Como quem nos leva quase tudo do olhar,
            Bm7(b5)       E7           A  A/G
Quando não se sabe se quer ir ou quer ficar.

           Dm7       G7(9,4)  G7(9)  C    Cmaj7(#5)  C6
E partindo assim, meio por ter necessidade,
          Am/C      B7(4)              E  F  E
Ele obriga a gente sempre o acompanhar.
         G/A          A7(9)          D    D9
E é quando vamos retrilhando paralelas
           E  F#m     E7/G#          A   Bm/A  A
Que nós colocamos nossas coisas no lugar,
       G/A          A7(9)            D    D9
Que purificamos as nossas tantas mazelas
            E  F#m     E7/G#    A(add9)  Aadd9(#5) A6(9)
Com raios de sol e amenidades do luar.


         G/A              A7(9)            D
E nós caminhamos, como um trem que sobe a serra,
             E                             A   A/G
Ou como, quem sabe, bem navega em alto mar.
                             D
Se alguém pergunta, solidão a gente nega.
          E   F#m  E/G#            Amaj7(#11)
E torna a seguir nas trilhas de se encontrar.
```

Final:

| Asus2 A/G | D/F# | E F#m E/G# | A(add9) Aadd9(#5) A6(9) |

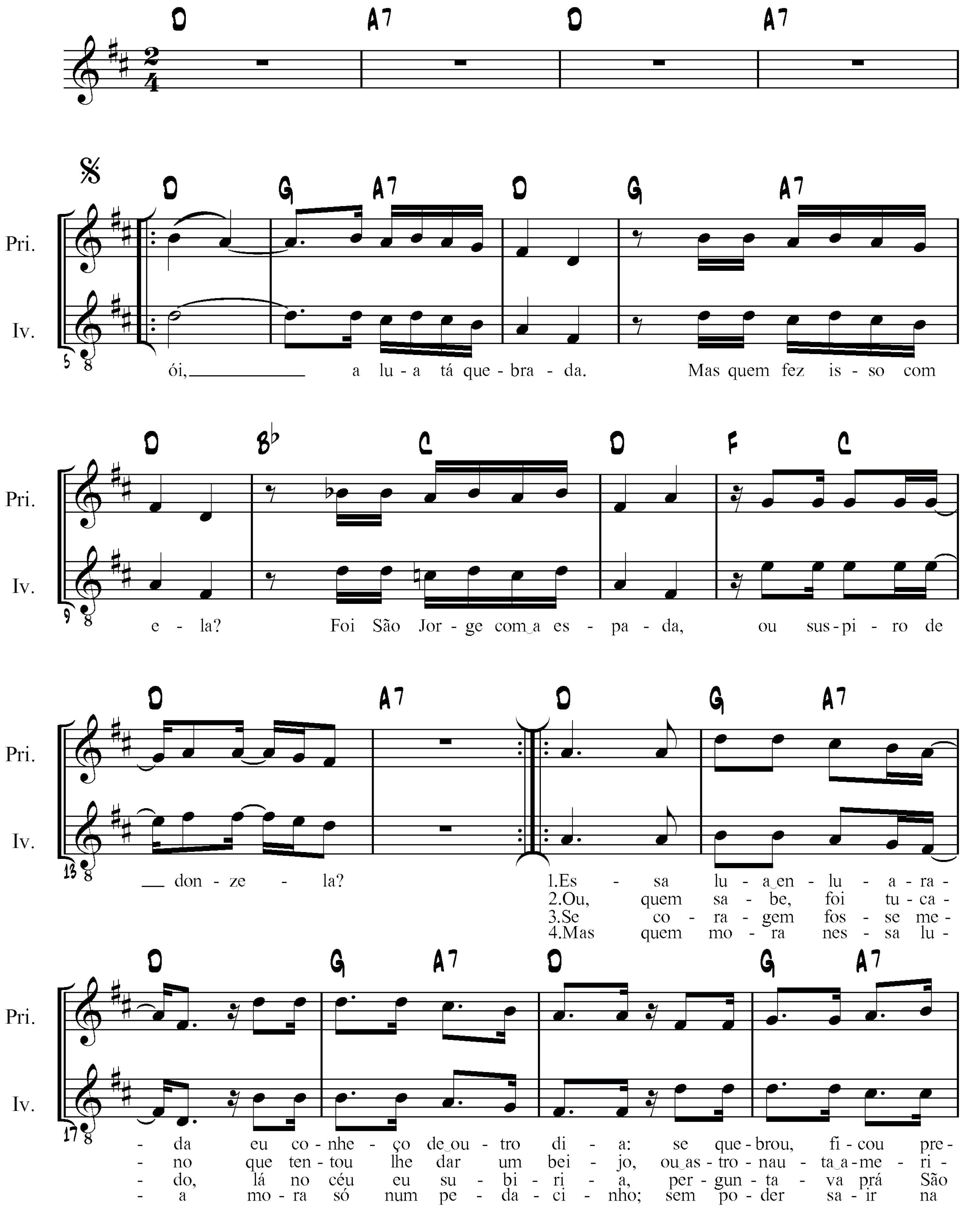
| A7 A/G | D/F# Dm6(9) | E F#m E/G# | Amaj7(#11) |

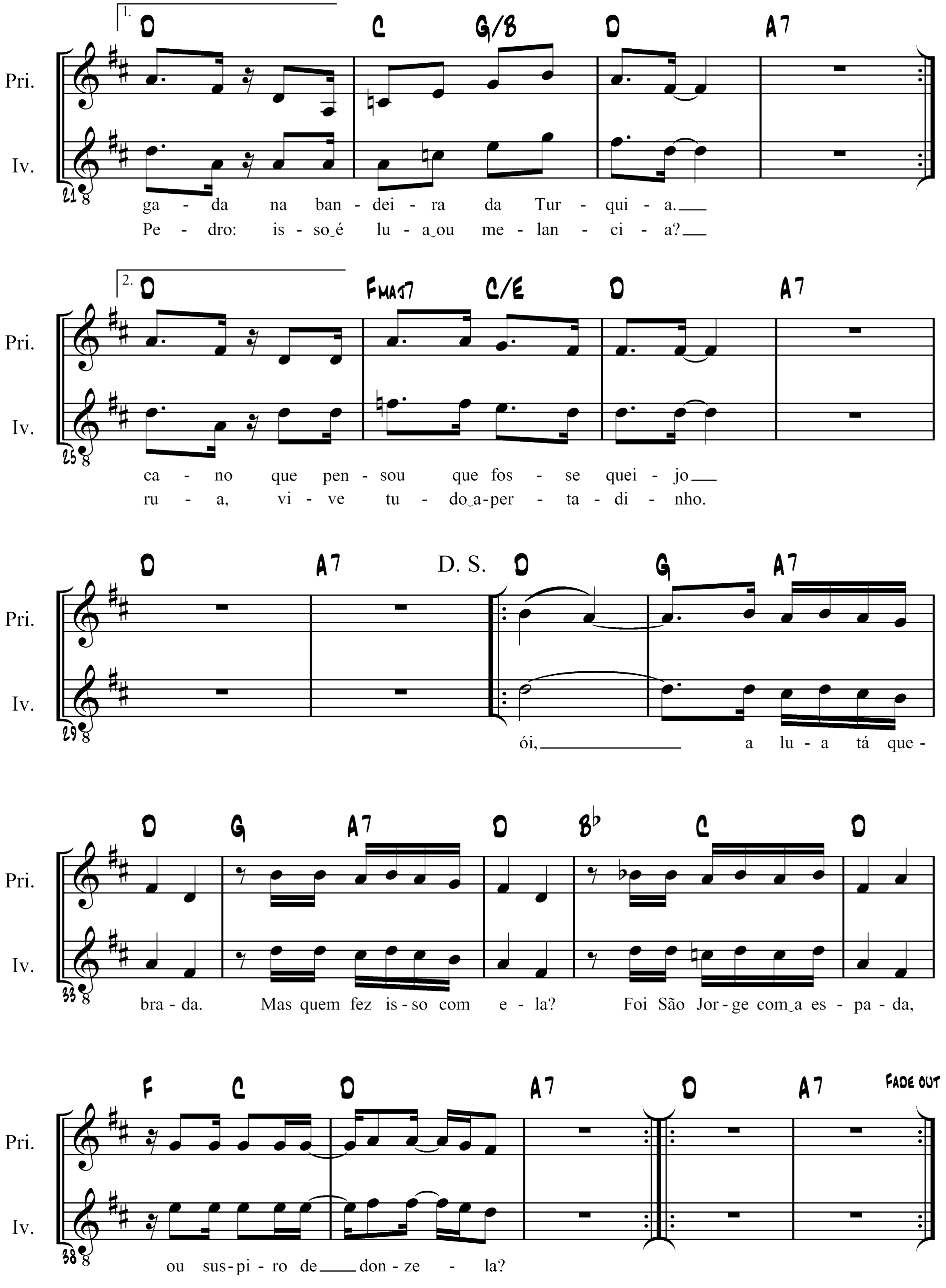
Em Trilhos | Diagrama dos Acordes



LUA QUEBRADA

Gildes Bezerra & Plínio Ribeiro Leite




1.
D C G/B D A7
Pri.
Iv.
21
ga - da na ban - dei - ra da Tur - qui - a.
Pe - dro: is - so‿é lu - a‿ou me - lan - ci - a?
2.
D Fmaj7 C/E D A7
25
ca - no que pen - sou que fos - se quei - jo
ru - a, vi - ve tu - do‿a-per - ta - di - nho.
D A7 D. S. D G A7
29
ói, a lu - a tá que -
D G A7 D B♭ C D
33
bra - da. Mas quem fez is - so com e - la? Foi São Jor - ge com‿a es - pa - da,
F C D A7 D A7
Fade out
38
ou sus - pi - ro de don - ze - la?

Lua Quebrada
(Gildes Bezerra & Plínio Ribeiro Leite)

Introdução: | D | A7 | D | A7 |

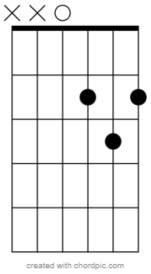
```
D  G  A7        D
Ói, a lua tá quebrada.
G        A7           D
Mas quem fez isso com ela?
Bb      C            D
Foi São Jorge com a espada,
F      C        D     A7
ou suspiro de donzela?

D  G  A7        D
Ói, a lua tá quebrada.
G        A7           D
Mas quem fez isso com ela?
Bb      C            D
Foi São Jorge com a espada,
F      C         D    A7
ou suspiro de donzela?

D    G     A7    D
Essa lua enluarada
      G    A7    D
eu conheço de outro dia:
      G    A7    D
se quebrou, ficou pregada
       C   G/B     D   A7
na bandeira da Turquia.
D         G    A7  D
Ou, quem sabe, foi tucano
       G     A7    D
que tentou lhe dar um beijo,
        G     A7  D
ou astronauta americano
       C    G/B    D    A7
que pensou que fosse queijo.

D  G  A7        D
Ói, a lua tá quebrada.
G         A7          D
Mas quem fez isso com ela?
Bb      C            D
Foi São Jorge com a espada,
F      C         D    A7
ou suspiro de donzela?

D  G  A7        D
Ói, a lua tá quebrada.
G         A7          D
Mas quem fez isso com ela?
Bb      C            D
Foi São Jorge com a espada,
F      C         D    A7
ou suspiro de donzela?
```

```
D    G      A7    D
Se coragem fosse medo,
      G     A7   D
lá no céu eu subiria,
       G   A7     D
perguntava prá São Pedro:
      C     G/B  D   A7
isso é lua ou melancia?
D        G    A7  D
Mas quem mora nessa lua
     G       A7  D
mora só num pedacinho;
       G    A7   D
sem poder sair na rua,
     C    G/B  D    A7
vive tudo apertadinho.

D  G  A7        D
Ói, a lua tá quebrada.
G        A7           D
Mas quem fez isso com ela?
Bb      C            D
Foi São Jorge com a espada,
F      C         D    A7
ou suspiro de donzela?

D  G  A7        D
Ói, a lua tá quebrada.
G        A7            D
Mas quem fez isso com ela?
Bb      C            D
Foi São Jorge com a espada,
F      C         D    A7
ou suspiro de donzela?
```

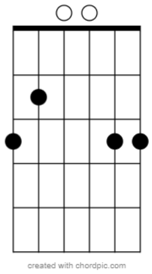
| D | A7 | D | A7 | **Fade Out**

Lua Quebrada | Diagrama de Acordes

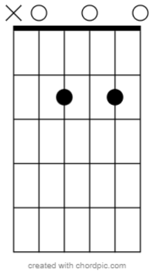
D



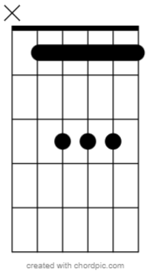
G



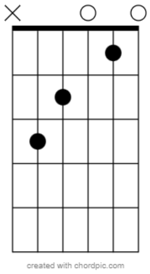
A7



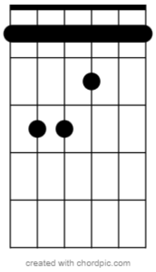
Bb



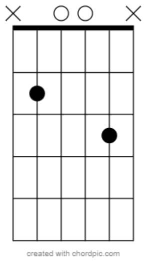
C



F

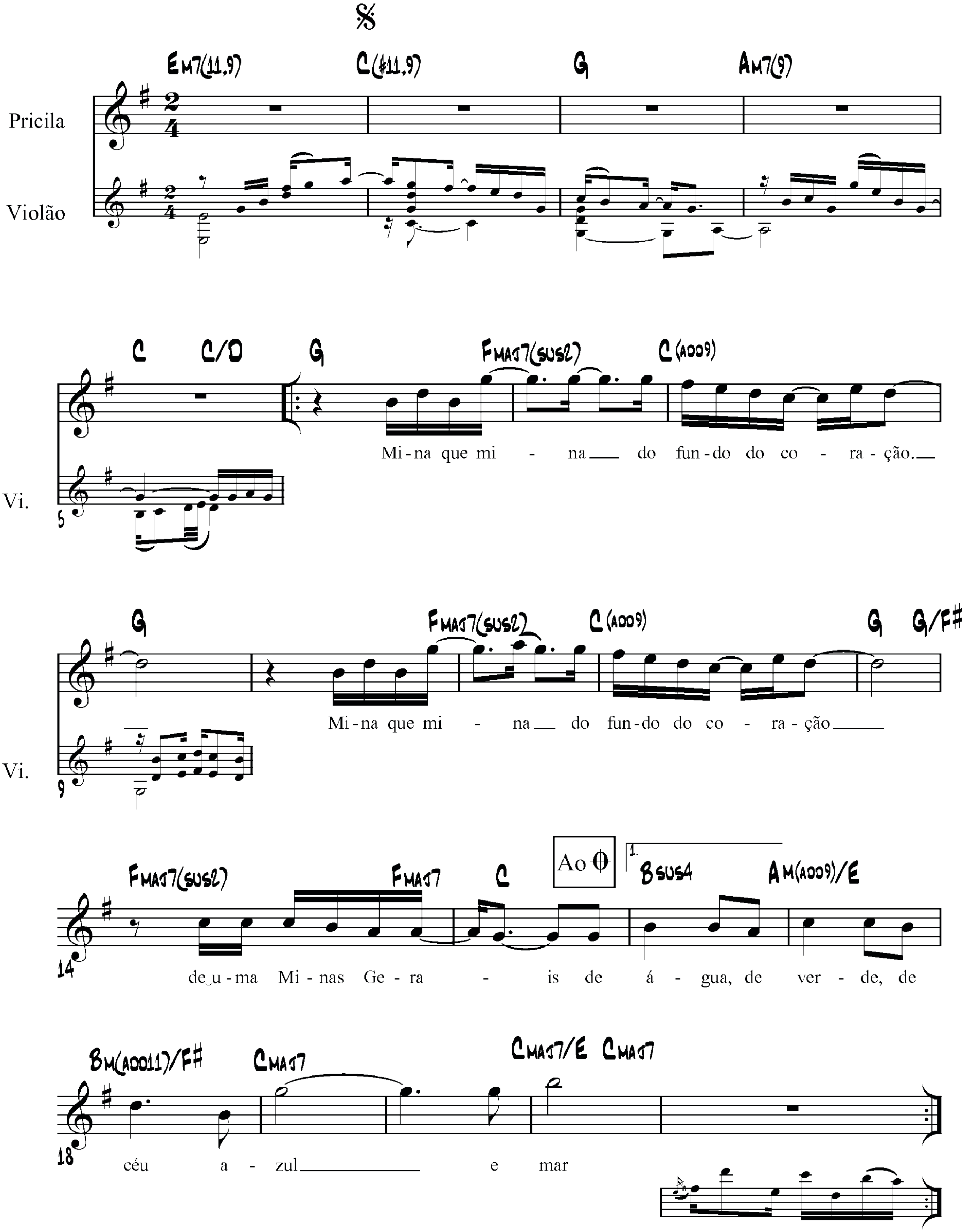


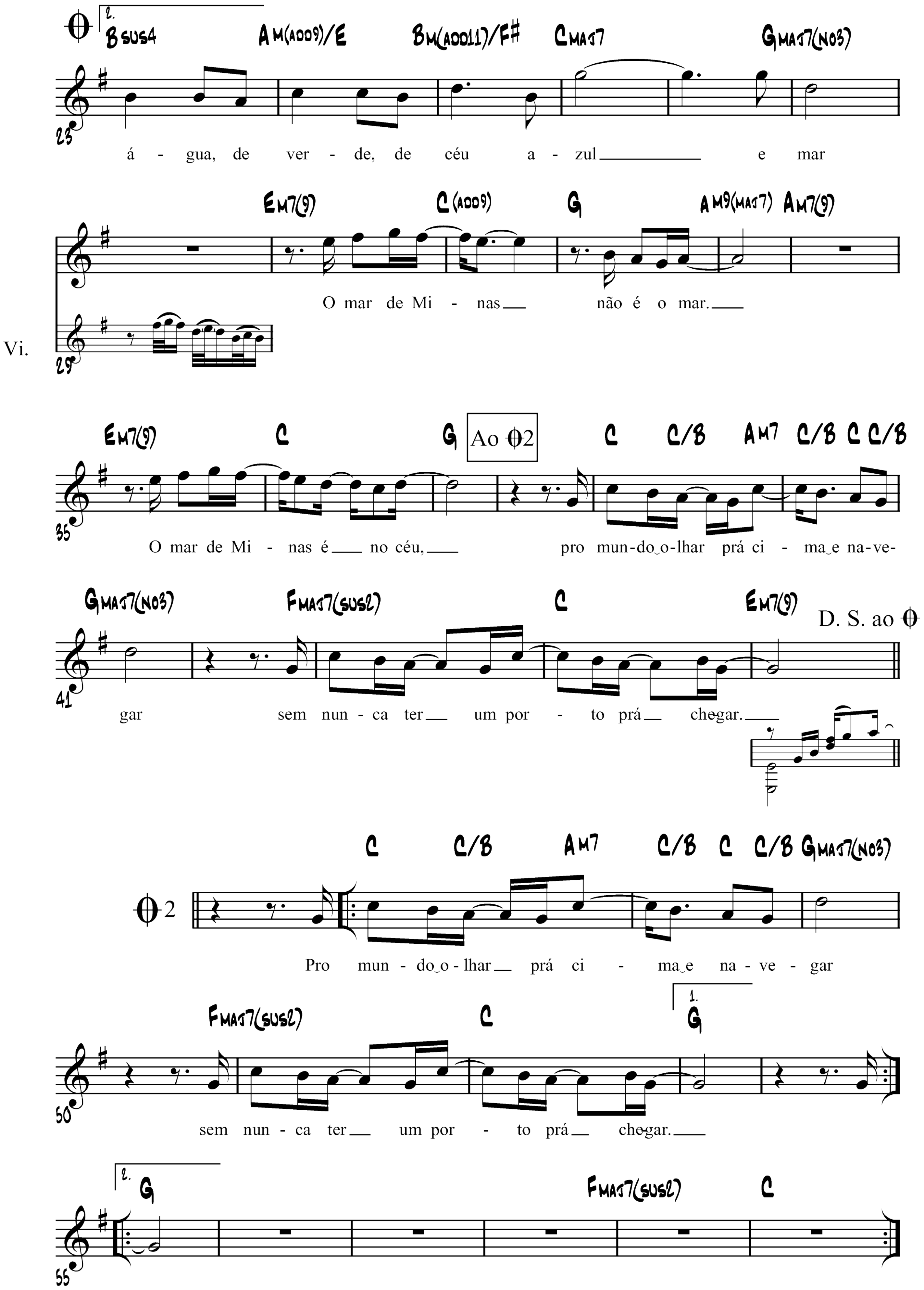
G/B



MINAS

Arimatã Martins & Sérgio Mattos





2.
Bsus4 Am(add9)/E Bm(add11)/F# Cmaj7 Gmaj7(no3)
23
á - gua, de ver - de, de céu a - zul e mar
Em7(9) C(add9) G Am9(maj7) Am7(9)
O mar de Mi - nas não é o mar.
Vi.
29
Em7(9) C G Ao 𝄌2 C C/B Am7 C/B C C/B
35
O mar de Mi - nas é no céu, pro mun-do o-lhar prá ci - ma e na-ve-
Gmaj7(no3) Fmaj7(sus2) C Em7(9) D. S. ao 𝄌
41
gar sem nun - ca ter um por - to prá che-gar.
C C/B Am7 C/B C C/B Gmaj7(no3)
𝄌2
Pro mun - do o - lhar prá ci - ma e na - ve - gar
Fmaj7(sus2) C 1. G
50
sem nun - ca ter um por - to prá che-gar.
2. G Fmaj7(sus2) C
55

Minas

(Arimatã Martins & Sérgio Mattos)

Introdução: | Em7(11,9) | C(#11,9) | G | Am7(9) | C C/D |

G Fmaj7(sus2)
Mina que mina
C(add9) G
Do fundo do coração.
Fmaj7(sus2)
Mina que mina
C(add9) G G/F#
Do fundo do coração
Fmaj7(sus2) Fmaj7 C
De uma Minas Gerais
Bsus4 Am(add9)/E
De água, de verde,
Bm(add11)/F# Cmaj7
De céu azul
Cmaj7/E Cmaj
E mar…

G Fmaj7(sus2)
Mina que mina
C(add9) G
Do fundo do coração.
Fmaj7(sus2)
Mina que mina
C(add9) G G/F#
Do fundo do coração
Fmaj7(sus2) Fmaj7 C
De uma Minas Gerais
Bsus4 Am(add9)/E
De água, de verde,
Bm(add11)/F# Cmaj7
De céu azul
Gmaj7(no3)
E mar…

Em7(9) C(add9)
O mar de Minas
G Am9(maj7) Am7(9)
Não é o mar.
Em7(9) C G
O mar de Minas é no céu,
C C/G Am7 C/B C
Pro mundo olhar prá cima
C/B Gmaj7(no3)
e navegar,
Fmaj7(sus2) C Em7(9)
Sem nunca ter um porto prá chegar.

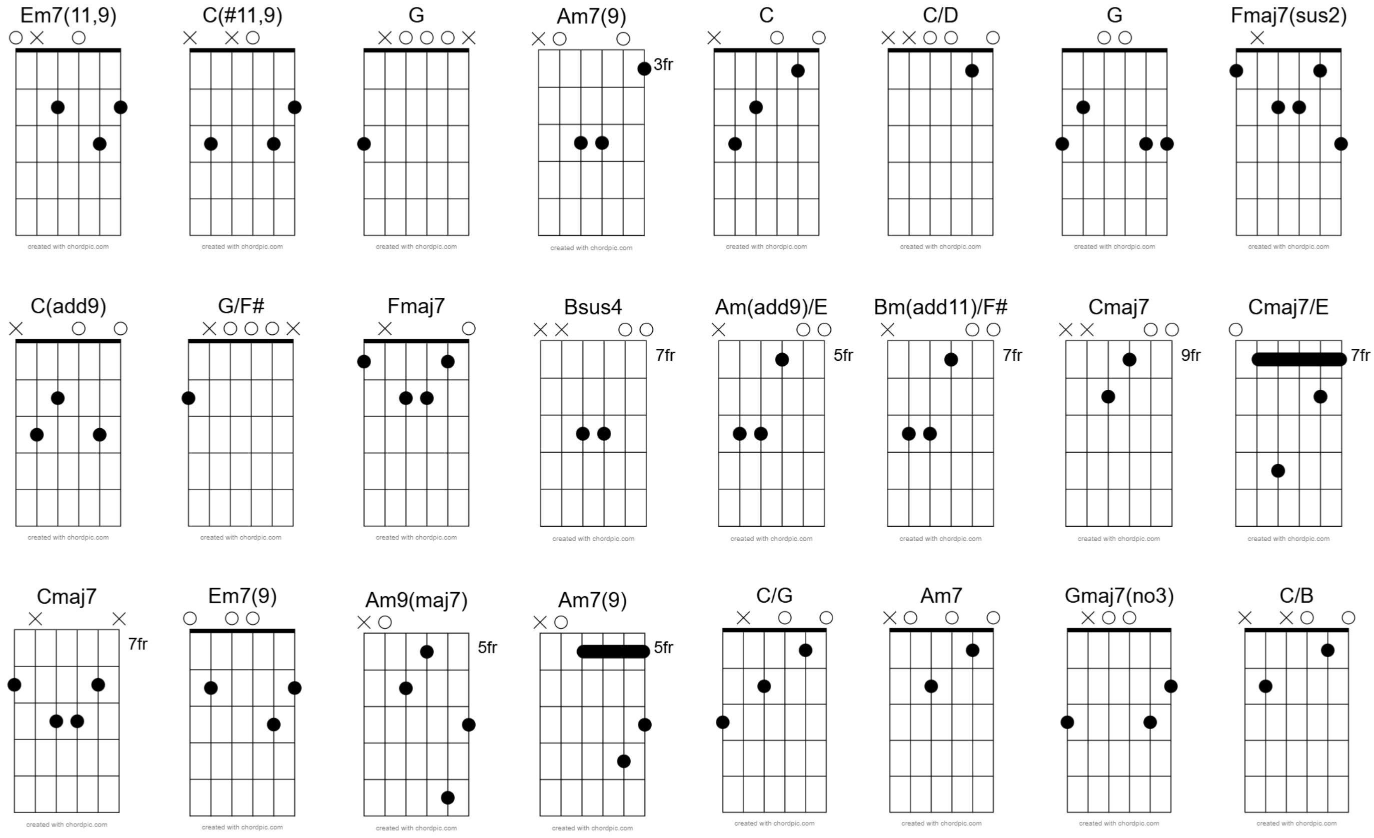
Introdução: | Em7(11,9) | C(#11,9) |
G | Am7(9) | C C/D |

G Fmaj7(sus2)
Mina que mina
C(add9) G
Do fundo do coração.
Fmaj7(sus2)
Mina que mina
C(add9) G G/F#
D fundo do coração
Fmaj7(sus2) Fmaj7 C
De uma Minas Gerais
Bsus4 Am(add9)/E
De água, de verde,
Bm(add11)/F# Cmaj7
De céu azul
Gmaj7(no3)
E mar…

Em7(9) C(add9)
O mar de Minas
G Am9(maj7) Am7(9)
Não é o mar.
Em7(9) C G
O mar de Minas é no céu,
C C/G Am7 C/B C
Pro mundo olhar prá cima
C/B Gmaj7(no3)
e navegar,
Fmaj7(sus2) C Em7(9)
Sem nunca ter um porto prá chegar.
C C/G Am7 C/B C
Pro mundo olhar prá cima
C/B Gmaj7(no3)
e navegar
Fmaj7(sus2) C
Sem nunca ter um porto prá chegar

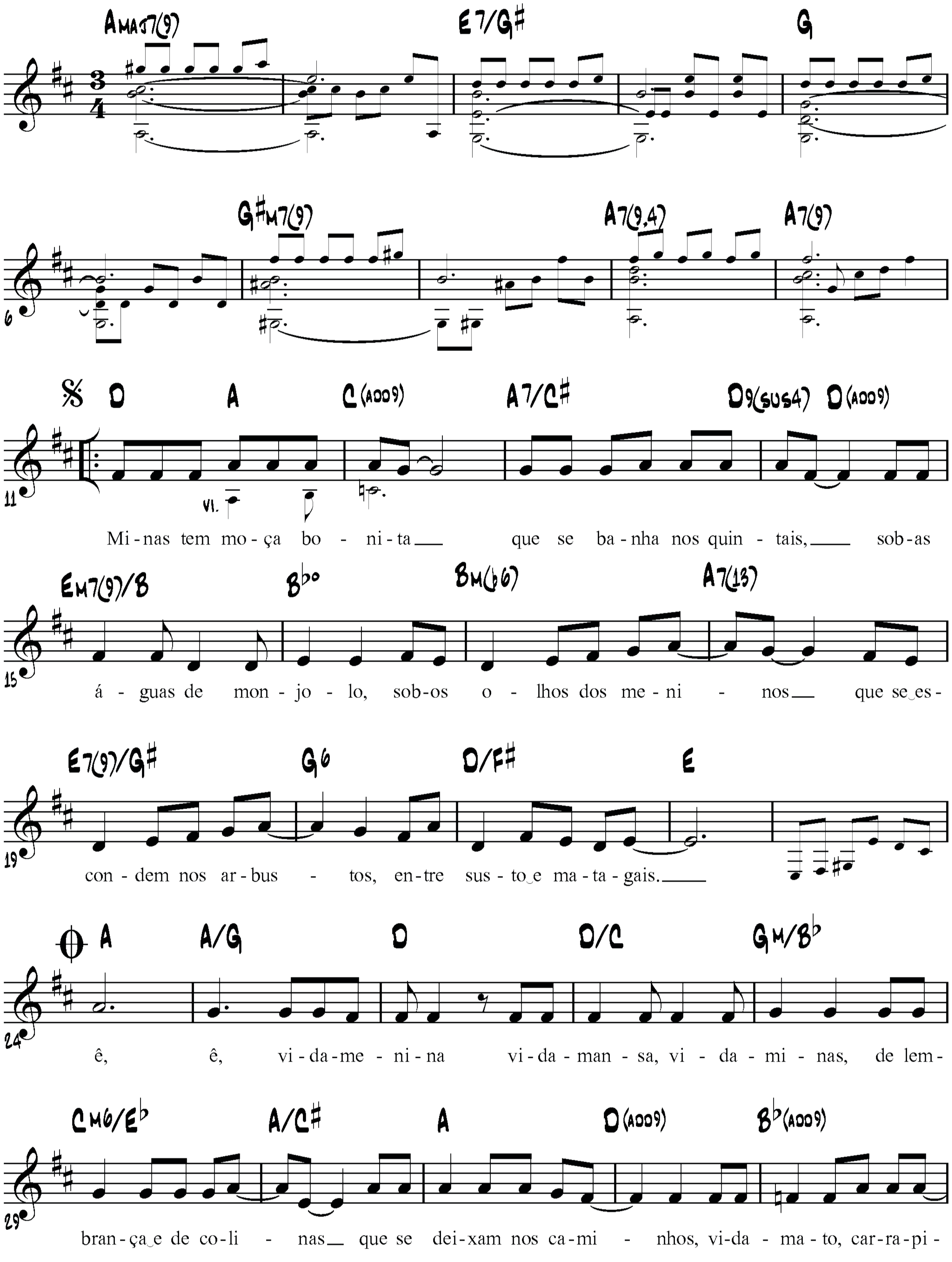
Final: | G | | | | Fmaj7(sus2) | C |

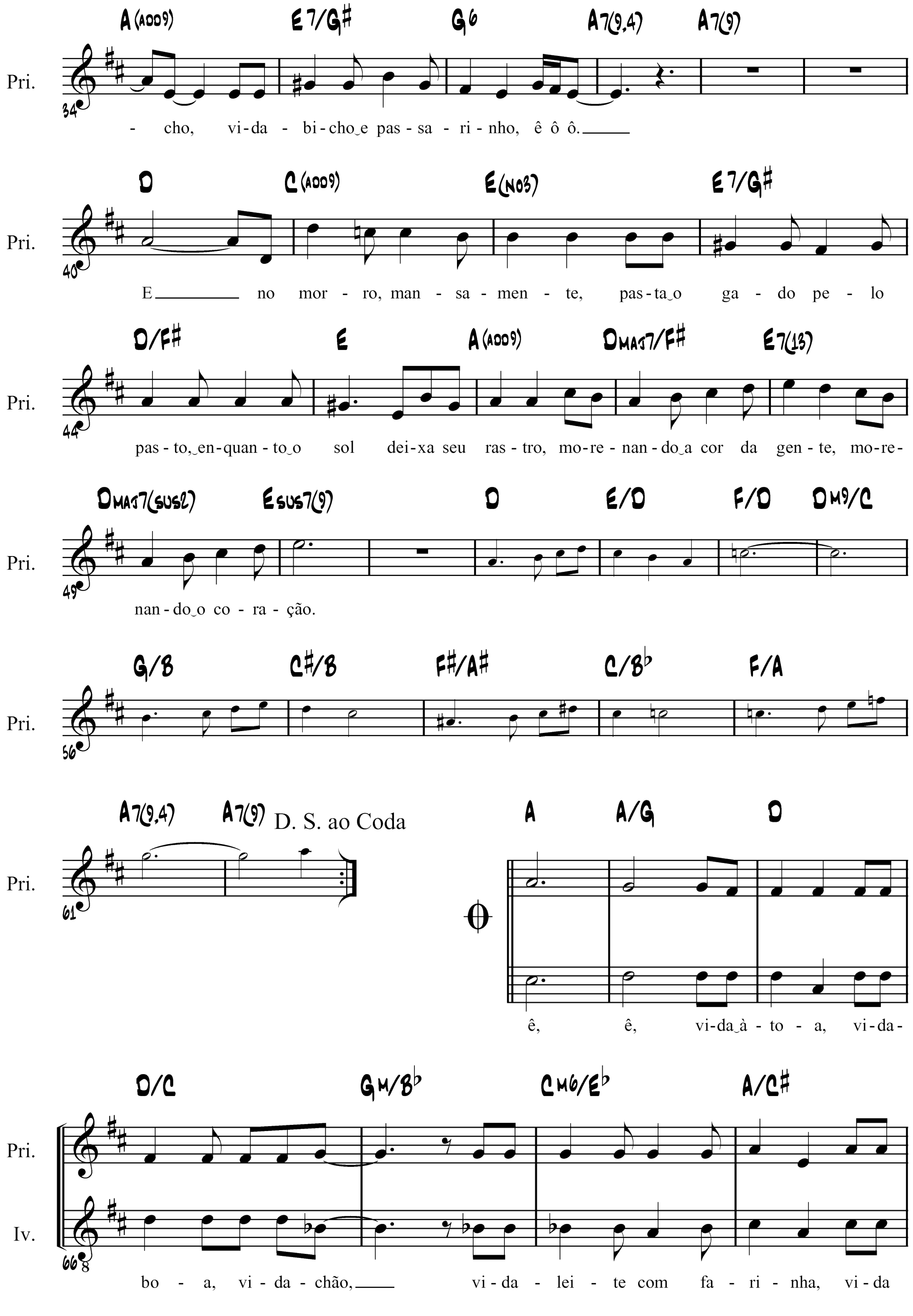
Minas | Diagrama de Acordes

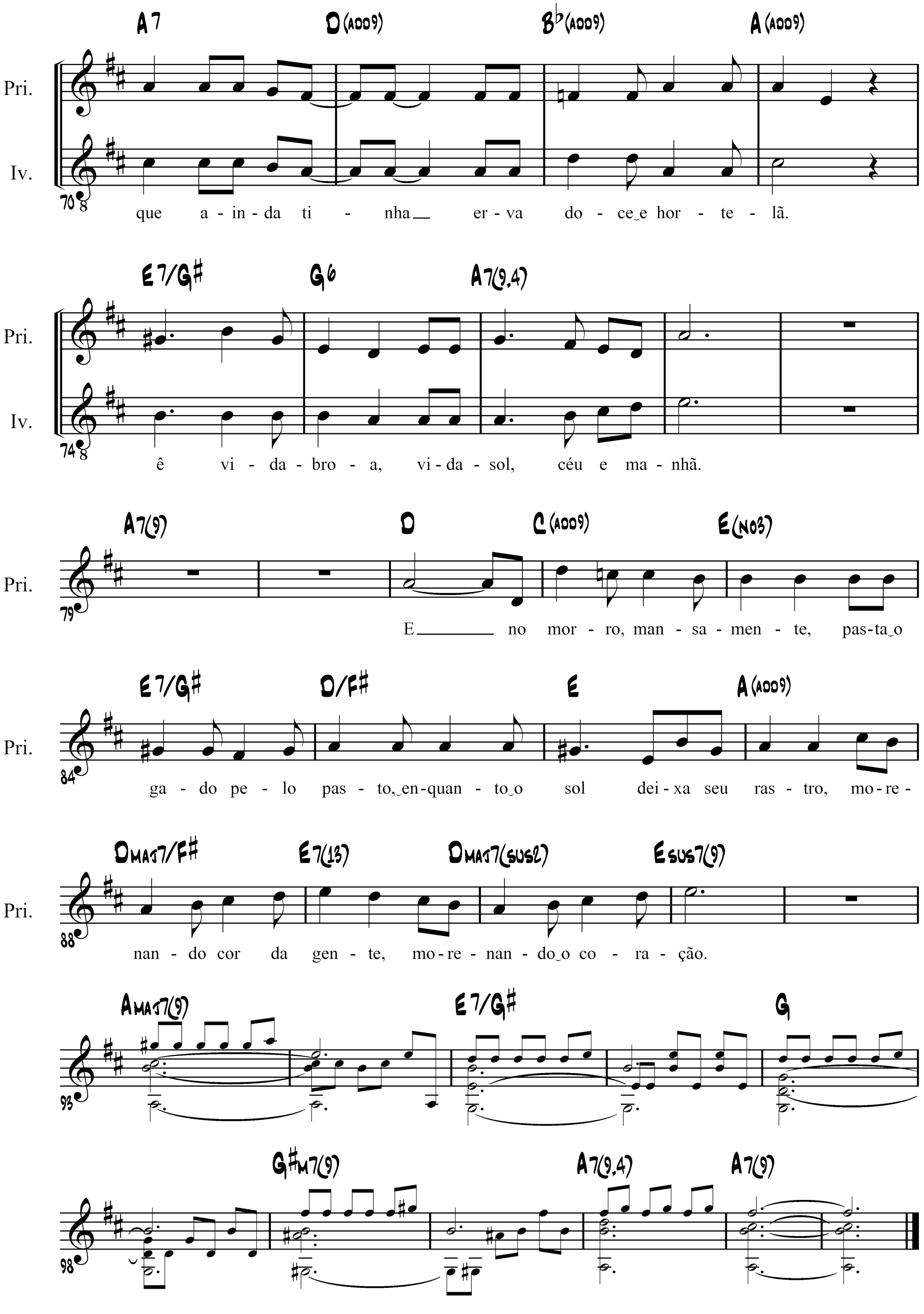


VIDA MANEIRA

Gildes Bezerra & Ivan Vilela




A(add9) E7/G# G6 A7(9,4) A7(9)
Pri.
34
- cho, vi-da - bi-cho‿e pas-sa - ri - nho, ê ô ô.
D C(add9) E(no3) E7/G#
Pri.
40
E no mor - ro, man - sa - men - te, pas-ta‿o ga - do pe - lo
D/F# E A(add9) Dmaj7/F# E7(13)
Pri.
44
pas - to,‿en-quan - to‿o sol dei-xa seu ras - tro, mo-re - nan - do‿a cor da gen - te, mo-re-
Dmaj7(sus2) Esus7(9) D E/D F/D Dm9/C
Pri.
49
nan - do‿o co - ra - ção.
G/B C#/B F#/A# C/B♭ F/A
Pri.
56
A7(9,4) A7(9) D. S. ao Coda
Pri.
61
A A/G D
ê, ê, vi-da‿à - to - a, vi-da-
D/C Gm/B♭ Cm6/E♭ A/C#
Pri.
Iv.
66
bo - a, vi - da - chão, vi-da - lei - te com fa - ri - nha, vi-da


A7 D(add9) B♭(add9) A(add9)
Pri.
Iv.
70
que a - in - da ti - nha erva do - ce e hor - te - lã.
E7/G# G6 A7(9,4)
Pri.
Iv.
74
ê vi - da - bro - a, vi - da - sol, céu e ma - nhã.
A7(9) D C(add9) E(no3)
Pri.
79
E no mor - ro, man - sa - men - te, pas-ta o
E7/G# D/F# E A(add9)
Pri.
84
ga - do pe - lo pas - to, en-quan - to o sol dei - xa seu ras - tro, mo-re -
Dmaj7/F# E7(13) Dmaj7(sus2) Esus7(9)
Pri.
88
nan - do cor da gen - te, mo - re - nan - do o co - ra - ção.
Amaj7(9) E7/G# G
93
G#m7(9) A7(9,4) A7(9)
98

Vida Maneira
(Arimatã Martins & Sérgio Mattos)

Introdução: | **Amaj7(9)** | | **E7/G#** | | **G** | | **G#m7(9)** | | **A7(9,4)** | **A7(9)** |

D A C(add9)
Minas tem moça bonita
A7/C# D9(sus4) D(add9)
Que se banha nos quintais,
Em7(9)/B Bbº
Sob as águas de monjolo,
Bm(b6) A7(13)
Sob os olhos dos meninos
E7(9)/G# G6
Que se escondem nos arbustos,
D/F# E
Entre susto e matagais.

A A/G D
Ê, ê, vida-menina
D/C
Vida-mansa,
Gm/Bb
Vida-minas,
Cm6/Eb A/C#
De lembrança e de colinas
A D(add9)
Que se deixam nos caminhos,
Bb(add9)
Vida-mato,
A(add9)
Carrapicho,
E7/G# G6 A7(9,4) A7(9)
Vida-bicho e passarinho, ê, ô.

D C(add9) E(no3)
E no morro, mansamente,
E7/G# D/F#
Pasta o gado pelo pasto,
E A(add9)
Enquanto o sol deixa seu rastro,
Dmaj7/F# E7(13)
Morenando a cor da gente,
Dmaj7(sus2) Esus7(9)
Morenando o coração.

Interlúdio: | **D** | **E/D** | **F/D** | **Dm9/C** |
G/B | **C#/B** | **F#/A#** | **C/Bb** | **F/A** |
A7(9,4) | **A7(9)** |

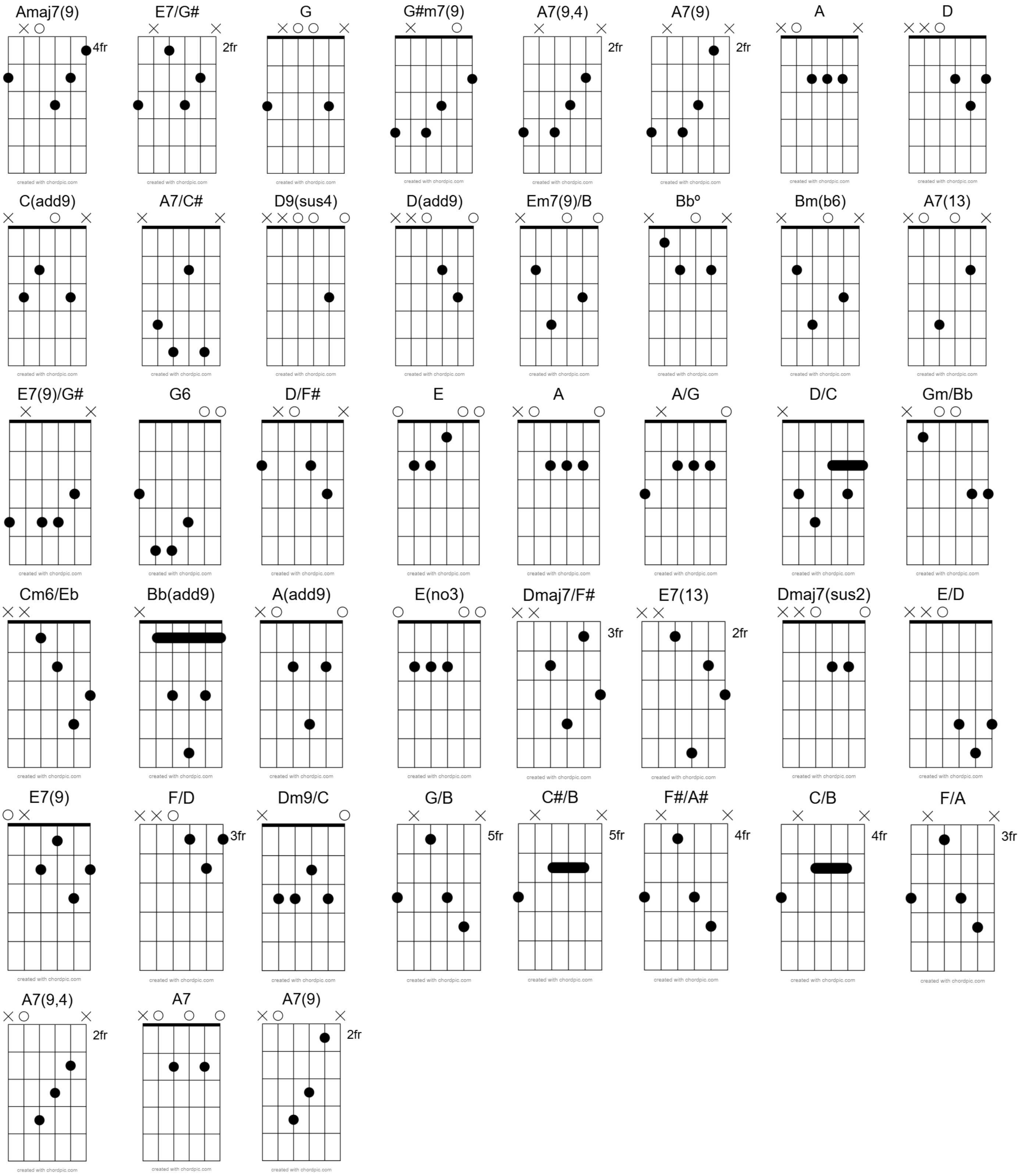
D A C(add9)
Minas tem moça bonita
A7/C# D9(sus4) D(add9)
Que se banha nos quintais,
Em7(9)/B Bbº
Sob as águas de monjolo,
Bm(b6) A7(13)
Sob os olhos dos meninos
E7(9)/G# G6
Que se escondem nos arbustos,
D/F# E
Entre susto e matagais.

A A/G
Ê, ê
D
Vida-à-toa,
D/C
Vida-boa,
Gm/Bb
Vida-chão,
Cm6/Eb A/C#
Vida-leite com farinha,
A7 D(add9)
Vida que ainda tinha
Bb(add9) A(add9)
Erva doce e hortelã.
E7/G# G6
Ê vida-broa,
A7(9,4) A7(9)
Vida-sol, céu e manhã.

D C(add9) E(no3)
E no morro, mansamente,
E7/G# D/F#
Pasta o gado pelo pasto,
E A(add9)
Enquanto o sol deixa seu rastro,
Dmaj7/F# E7(13)
Morenando a cor da gente,
Dmaj7(sus2) Esus7(9)
Morenando o coração.

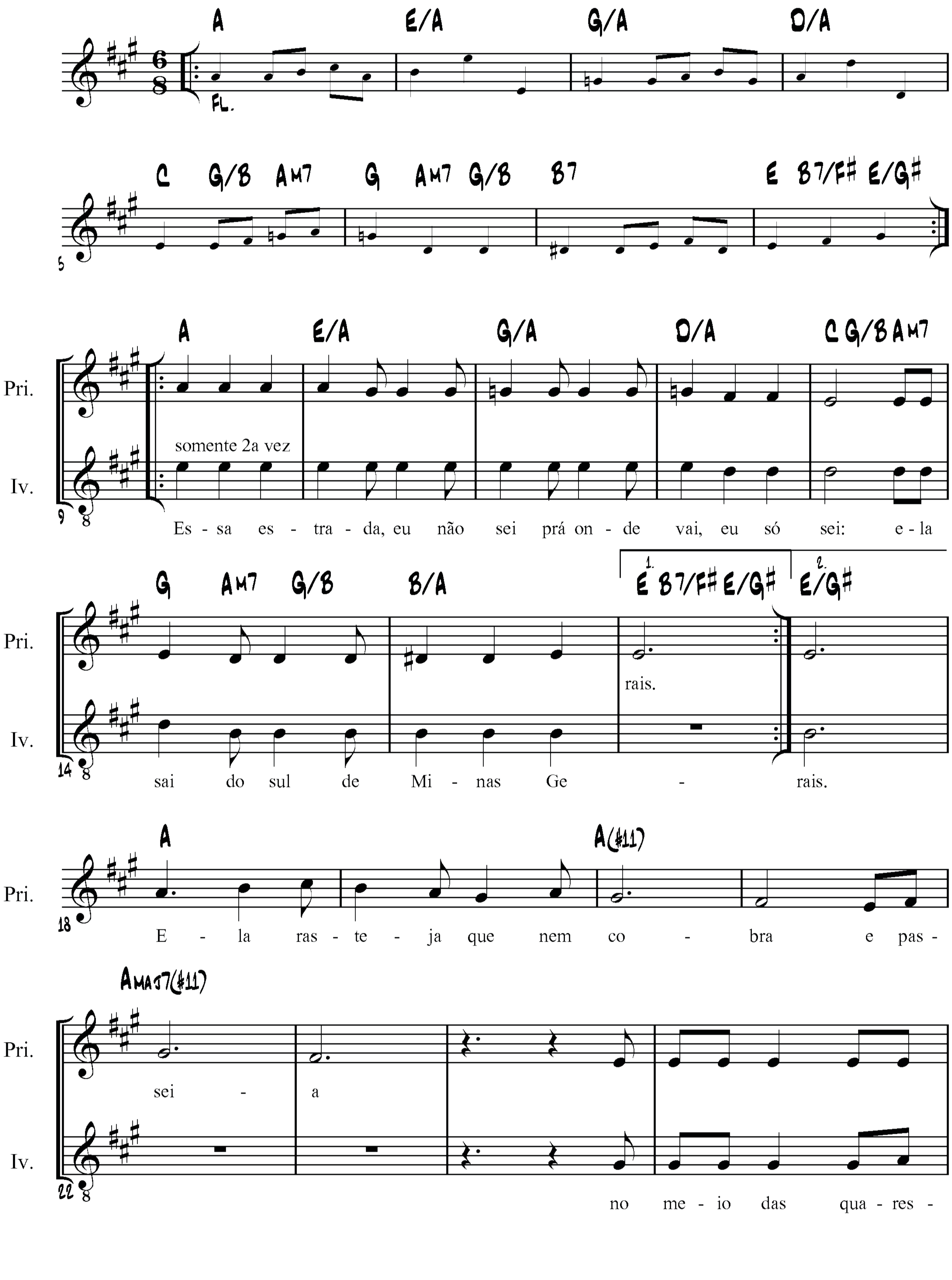
Final: | **Amaj7(9)** | | **E7/G#** | | **G** | |
| **G#m7(9)** | | **A7(9,4)** | **A7(9)** |

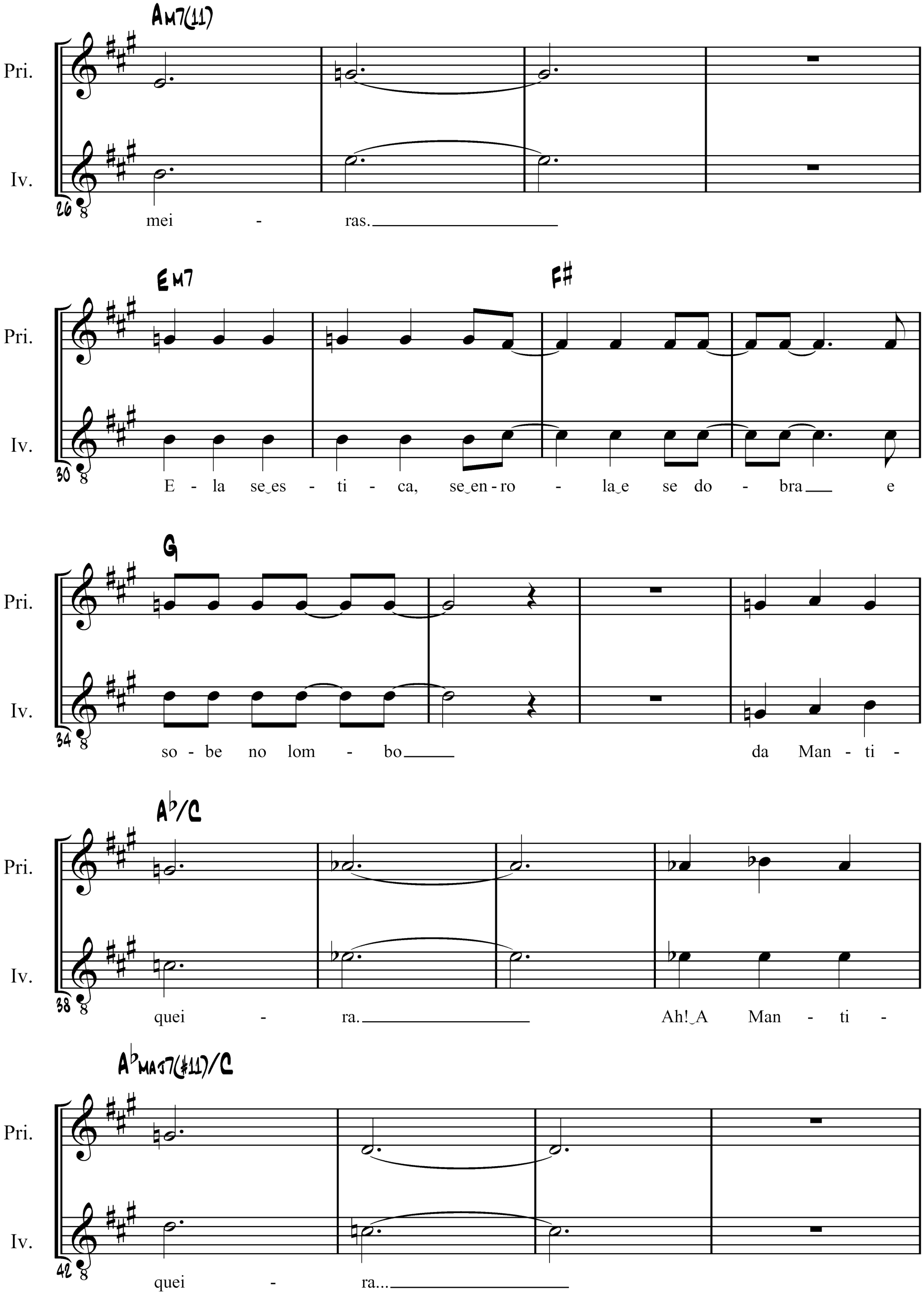
Vida Maneira | Diagrama de Acordes

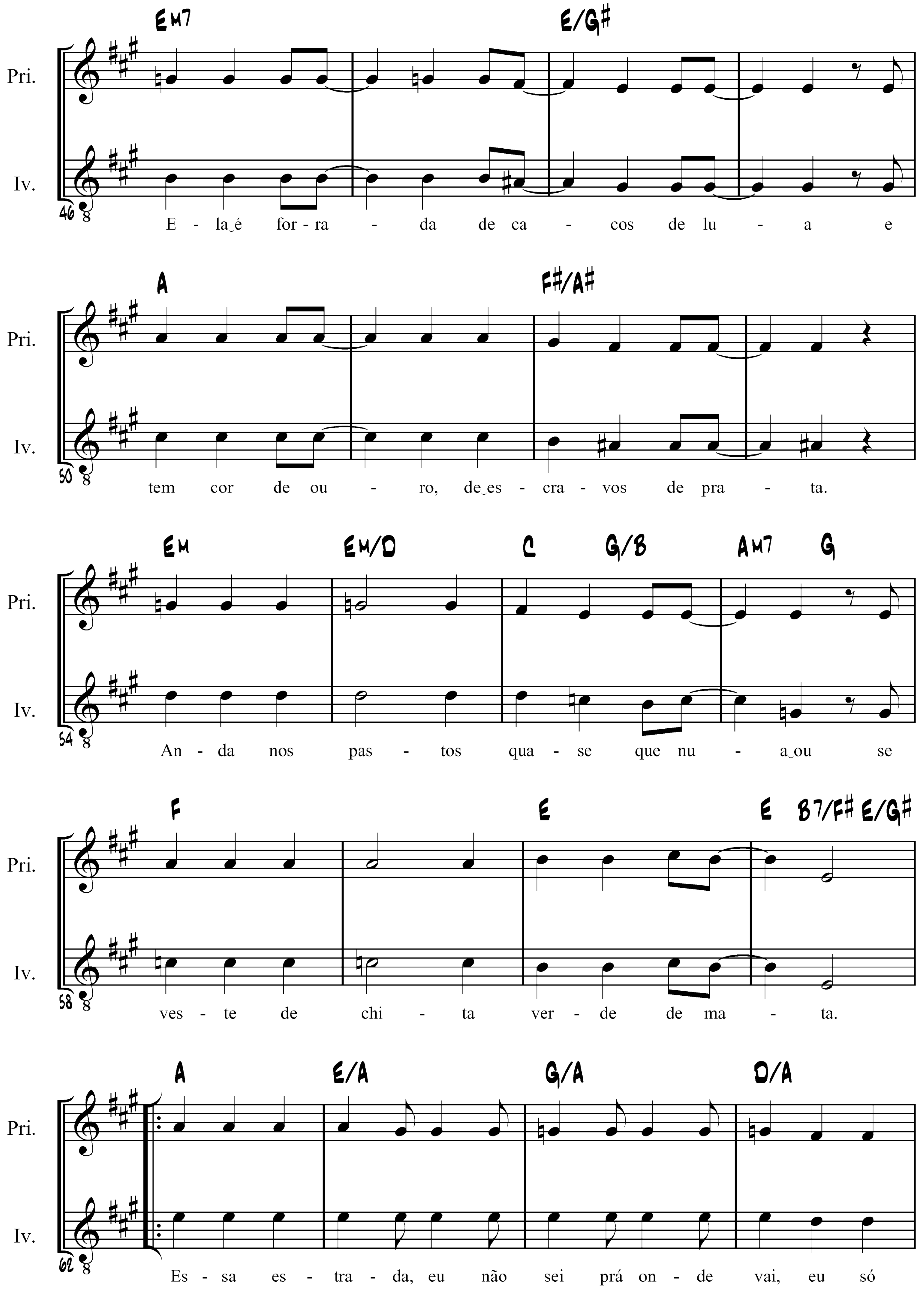


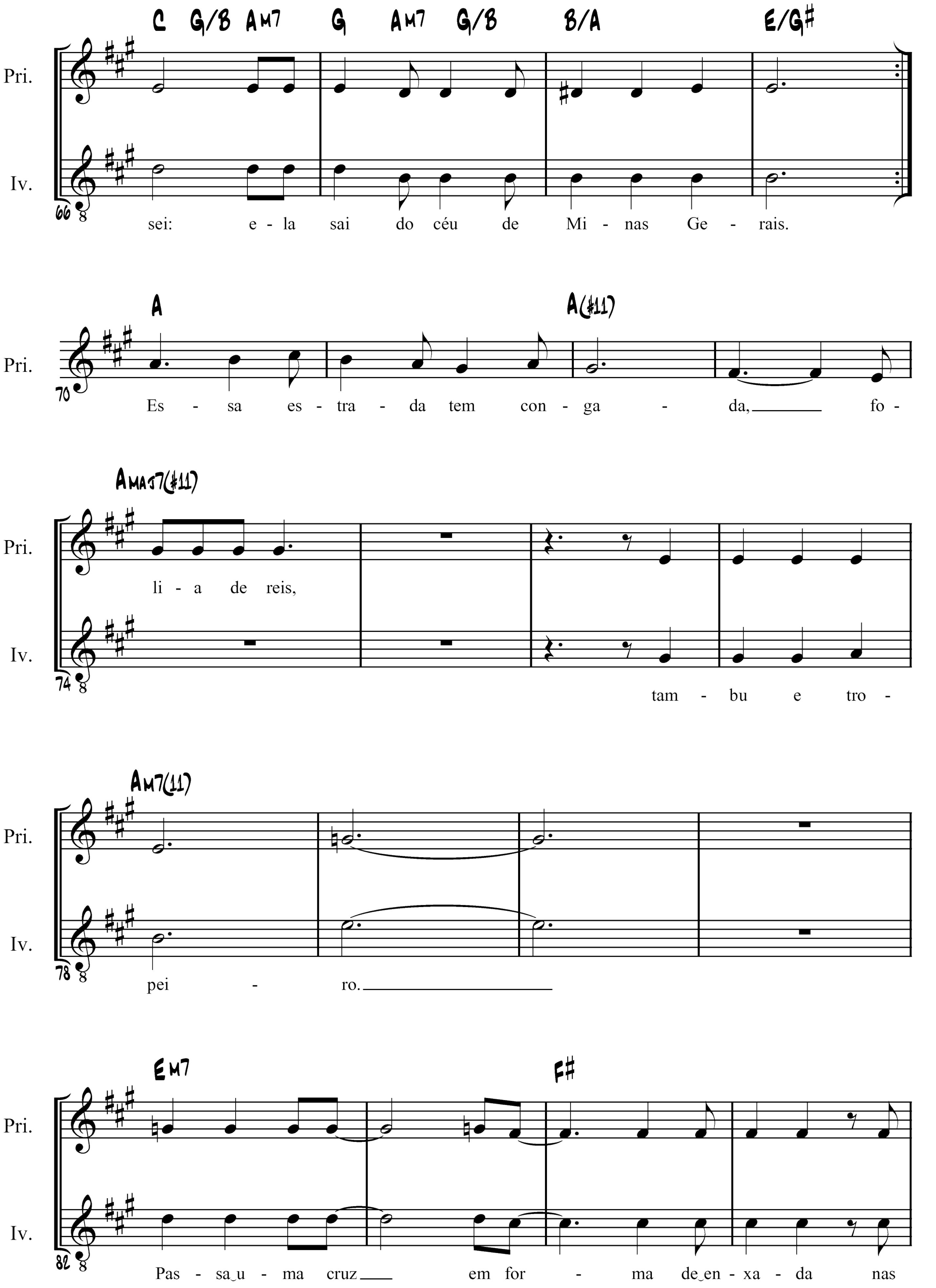
SUL DAS GERAIS

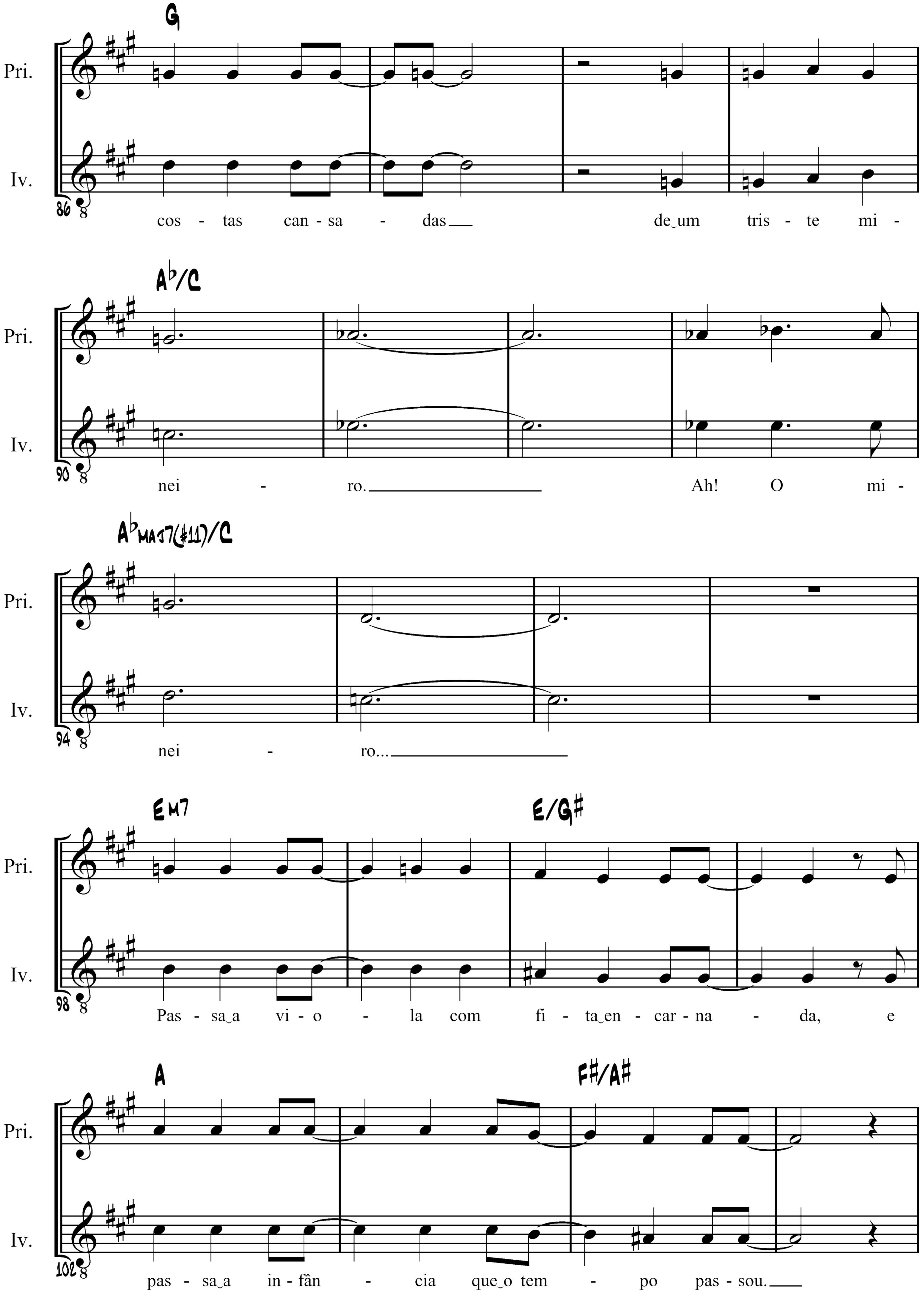
Gildes Bezerra & Luis Celso de Carvalho

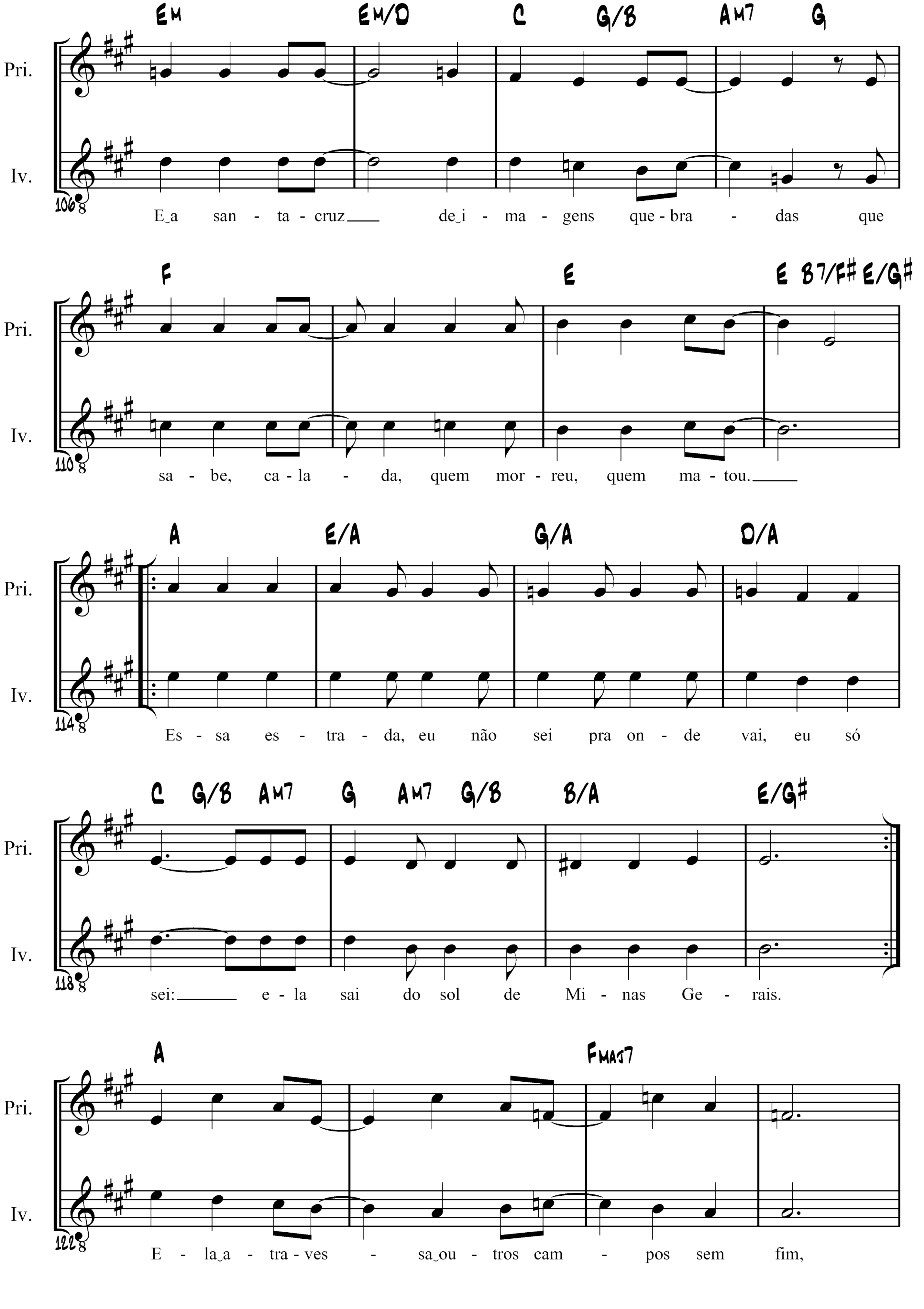



Am7(11)
Pri.
Iv.
26
mei - ras.
Em7
F#
Pri.
Iv.
30
E - la se‿es - ti - ca, se‿en - ro - la‿e se do - bra e
G
Pri.
Iv.
34
so - be no lom - bo da Man - ti -
A♭/C
Pri.
Iv.
38
quei - ra. Ah!‿A Man - ti -
A♭maj7(#11)/C
Pri.
Iv.
42
quei - ra...

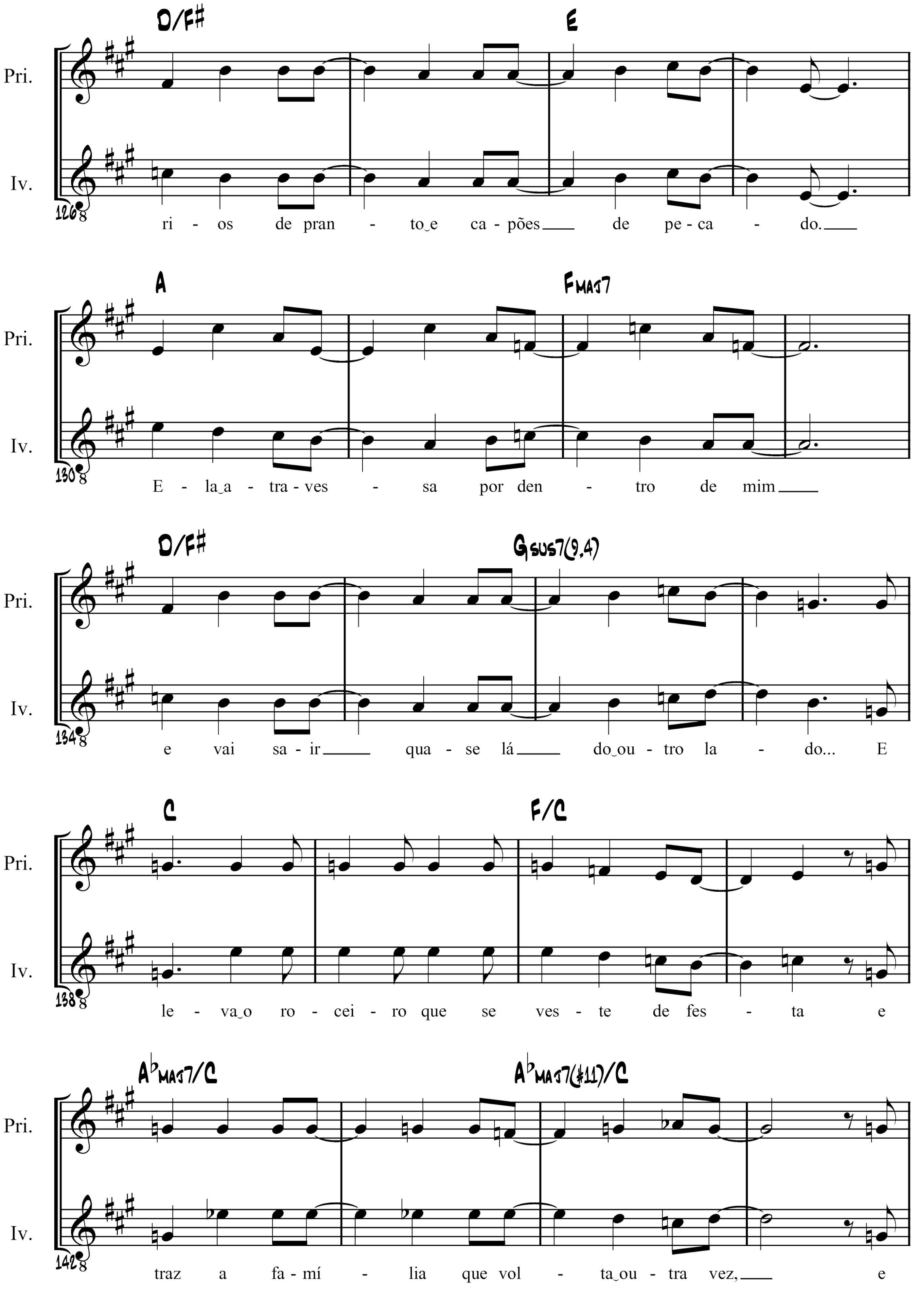

Pri.
Iv.
Em7 E/G#
46
E - la_é for - ra - da de ca - cos de lu - a e
A F#/A#
50
tem cor de ou - ro, de_es - cra - vos de pra - ta.
Em Em/D C G/B Am7 G
54
An - da nos pas - tos qua - se que nu - a_ou se
F E E B7/F# E/G#
58
ves - te de chi - ta ver - de de ma - ta.
A E/A G/A D/A
62
Es - sa es - tra - da, eu não sei prá on - de vai, eu só


C G/B Am7 G Am7 G/B B/A E/G#
Pri.
Iv.
66
sei: e - la sai do céu de Mi - nas Ge - rais.
A A(#11)
Pri.
70
Es - sa es - tra - da tem con - ga - da, fo -
Amaj7(#11)
Pri.
li - a de reis,
Iv.
74
tam - bu e tro -
Am7(11)
Pri.
Iv.
78
pei - ro.
Em7 F#
Pri.
Iv.
82
Pas - sa‿u - ma cruz em for - ma de‿en - xa - da nas

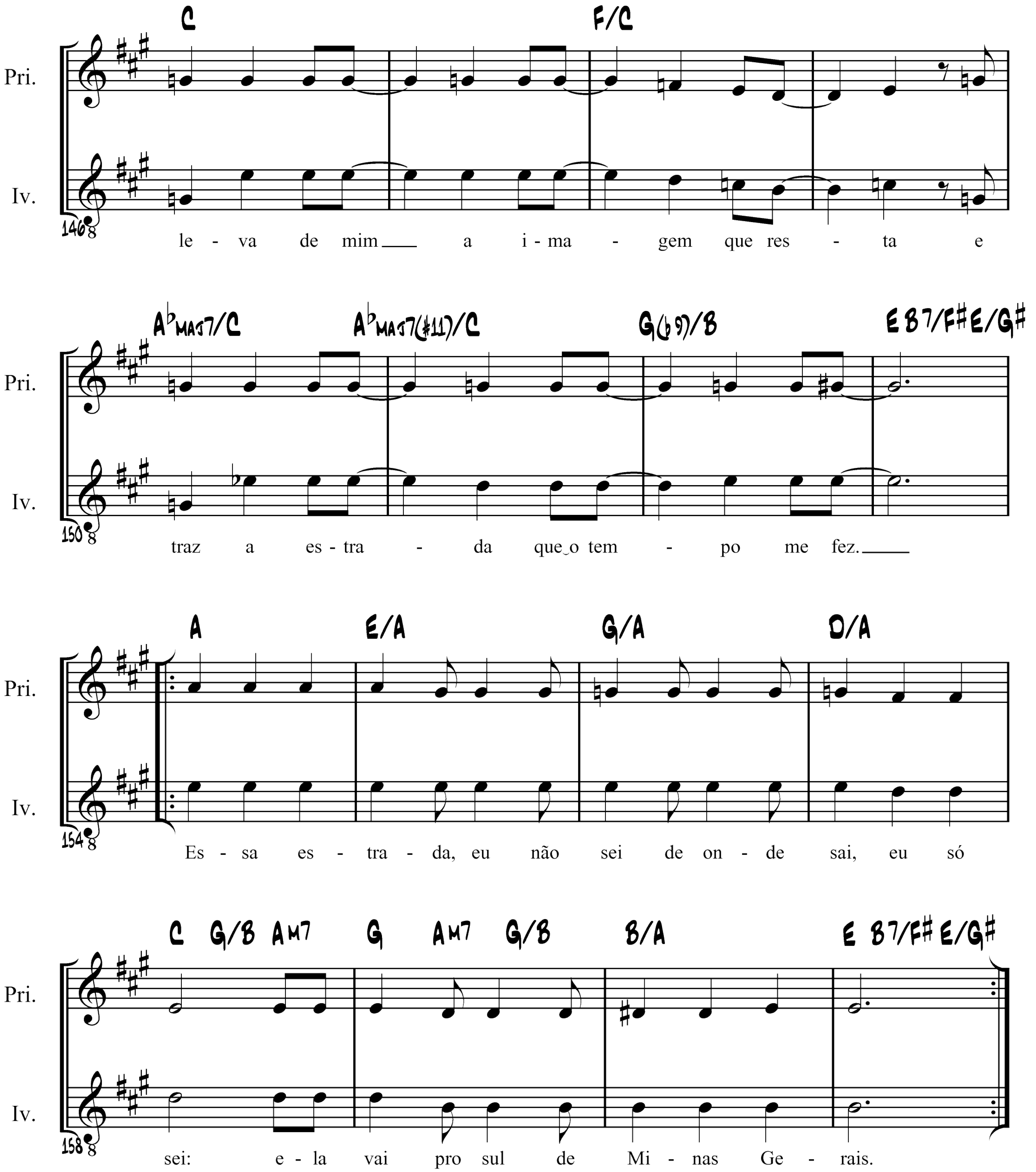

G
Pri.
Iv.
86
cos - tas can - sa - das de‿um tris - te mi -
A♭/C
90
nei - ro. Ah! O mi -
A♭maj7(♯11)/C
94
nei - ro...
Em7
E/G♯
98
Pas - sa‿a vi - o - la com fi - ta‿en - car - na - da, e
A
F♯/A♯
102
pas - sa‿a in - fân - cia que‿o tem - po pas - sou.



Em Em/D C G/B Am7 G
Pri.
Iv.
106
E͜a san - ta - cruz de͜i - ma - gens que - bra - das que
F E E B7/F# E/G#
110
sa - be, ca - la - da, quem mor - reu, quem ma - tou.
A E/A G/A D/A
114
Es - sa es - tra - da, eu não sei pra on - de vai, eu só
C G/B Am7 G Am7 G/B B/A E/G#
118
sei: e - la sai do sol de Mi - nas Ge - rais.
A Fmaj7
122
E - la͜a - tra - ves - sa͜ou - tros cam - pos sem fim,



D/F#
E
Pri.
Iv.
126
ri - os de pran - to‿e ca - pões de pe - ca - do.
A
Fmaj7
130
E - la‿a - tra - ves - sa por den - tro de mim
D/F#
Gsus7(9,4)
134
e vai sa - ir qua - se lá do‿ou - tro la - do... E
C
F/C
138
le - va‿o ro - cei - ro que se ves - te de fes - ta e
A♭maj7/C
A♭maj7(#11)/C
142
traz a fa - mí - lia que vol - ta‿ou - tra vez, e


C F/C
Pri.
Iv.
146
le - va de mim a i - ma - gem que res - ta e
A♭maj7/C A♭maj7(♯11)/C G(♭9)/B E B7/F♯ E/G♯
Pri.
Iv.
150
traz a es - tra - da que‿o tem - po me fez.
A E/A G/A D/A
Pri.
Iv.
154
Es - sa es - tra - da, eu não sei de on - de sai, eu só
C G/B Am7 G Am7 G/B B/A E B7/F♯ E/G♯
Pri.
Iv.
158
sei: e - la vai pro sul de Mi - nas Ge - rais.

Sul das Gerais

(Gildes Bezerra & Luis Celso de Carvalho)

Introdução: | **A** | **E/A** | **G/A** | **D/A** | **C G/B Am7** | **G Am7 G/B** | **B7** | **E7 B7/F# E/G#** | **(2X)**

```
A       E/A         G/A         D/A
Essa estrada, eu não sei prá onde vai
      C G/B Am7 G Am7 G/B    B7        E7  B7/F#
Eu só sei: ela sai do sul de Minas Gerais.
E/G#
```

```
A                    A(#11)    Amaj7(#11)
Ela rasteja que nem cobra e passeia
                  Am7(11)
No meio das quaresmeiras.
Em7             F#7(11)
Ela se estica, se rola e se dobra
  G6
E sobe no lombo
      Ab/C
Da Mantiqueira.
      Abmaj(#11)/C
Ah! Mantiqueira...
Em7               E/G#
Ela é forrada de cacos de lua
  A                       F#/A#
E tem cor de ouro, de escravo e de prata.
Em7     Em/D    C   G/B   Am7   G
Anda nos pastos quase que nua
   F                E         E  B7/F#  E/G#
Ou se veste de chita verde de mata.
```

```
A      E/A          G/A          D/A
Essa estrada, eu não sei prá onde vai,
     C G/B Am7 G Am7 G/B     B7          E7 B7/F# E/G#
Eu só sei: que ela sai do céu de Minas Gerais.
```

```
A                   A(#11)    Amaj7(#11)
Essa estrada tem congada, folia de reis,
          Am7(11)
Tambu e tropeiro.
Em7                F#7(11)
Passa uma cruz em forma de enxada
    G6
Nas costas cansadas
              Ab/C
De um triste mineiro.
    Abmaj(#11)/C
Ah! O mineiro...
Em7             E/G#
Passa a viola com fita encarnada,
  A                        F#/A#
Passa a infância que o tempo passou.
Em7      Em/D      C   G/B    Am7  G
E a santa-cruz de imagens quebradas
     F                    E              E B7/F# E/G#
Que sabe, calada, quem morreu, quem matou.
```

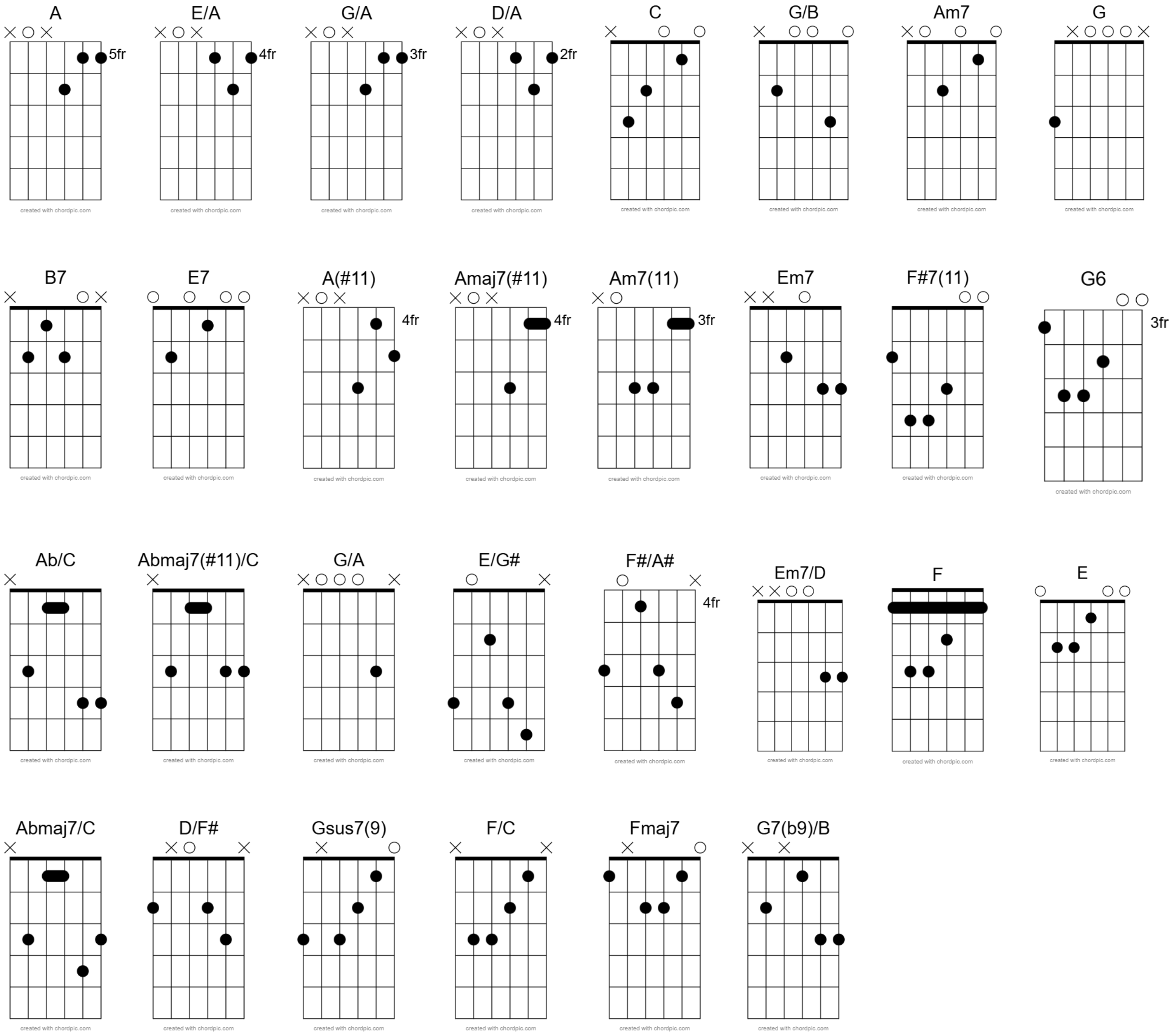
```
A      E/A          G/A          D/A
Essa estrada, eu não sei prá onde vai,
     C G/B Am7 G Am7 G/B     B7        E7 B7/F# E/G#
Eu só sei: que ela sai do sol de Minas Gerais.
```

```
A                          Fmaj7
Ela atravessa outros campos sem fim,
D/F#                     E
Rios de pranto e capões de pecado.
A                       Fmaj7
Ela atravessa por dentro de mim
D/F#             Gsus7(9)
E vai sair quase lá d'outro lado...
```

```
 C                           F/C
E leva o roceiro que se veste de festa
 Abmaj7/C             Abmaj7(#11)/C
E traz a família que volta outra vez,
 C                      F/C
E leva de mim a imagem que resta
Abmaj7/C  Abmaj7(#11)/C  G(b9)/B  E
E traz a estrada que o tempo me fez.

B7/F#  E/G#
```

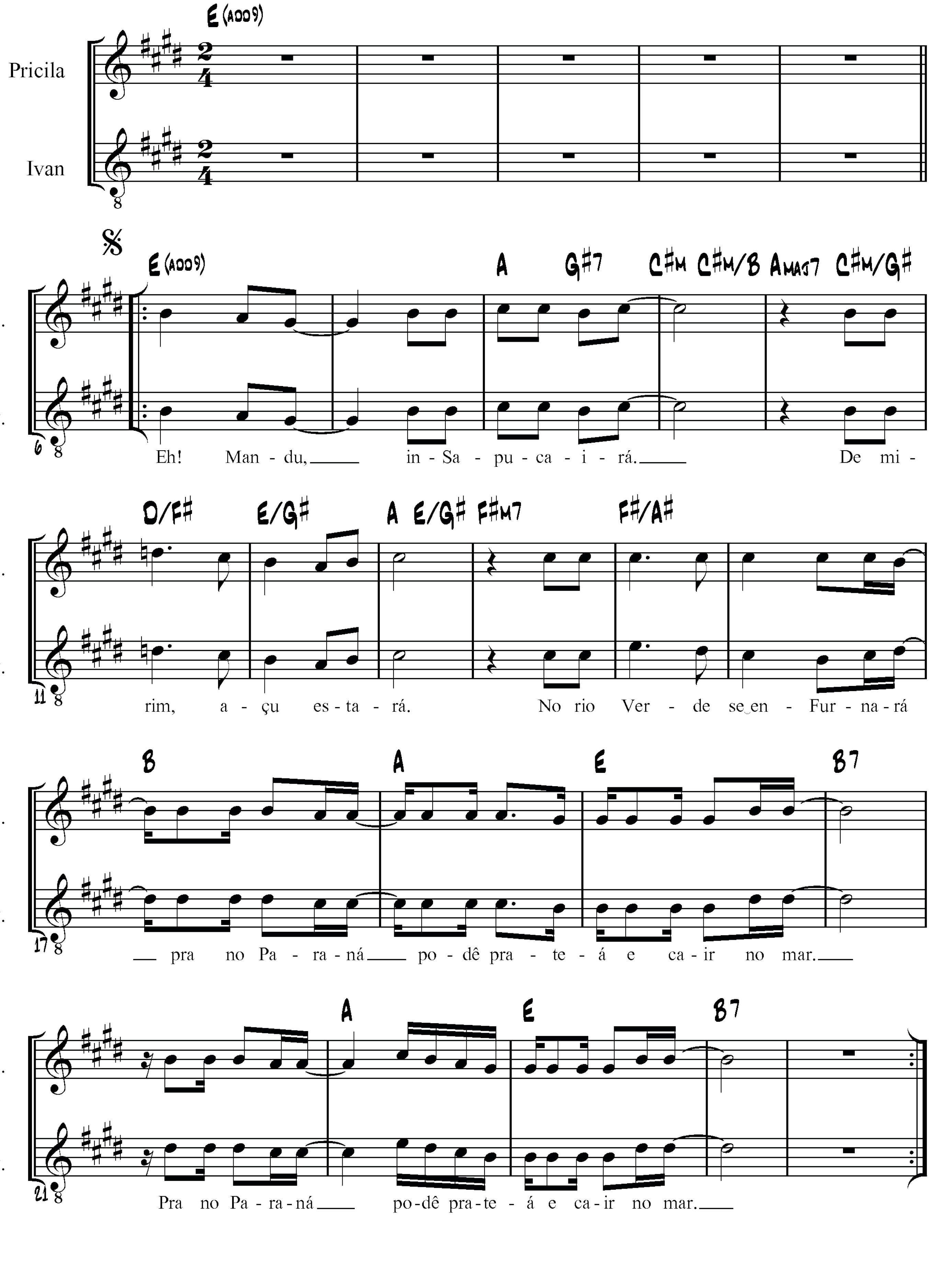
```
A       E/A          G/A          D/A
Essa estrada, eu não sei de onde sai,
      C G/B
Eu só sei:
Am7  G  Am7  G/B   B7       E7 B7/F# E/G#
ela vai pro sul de Minas Gerais.
```

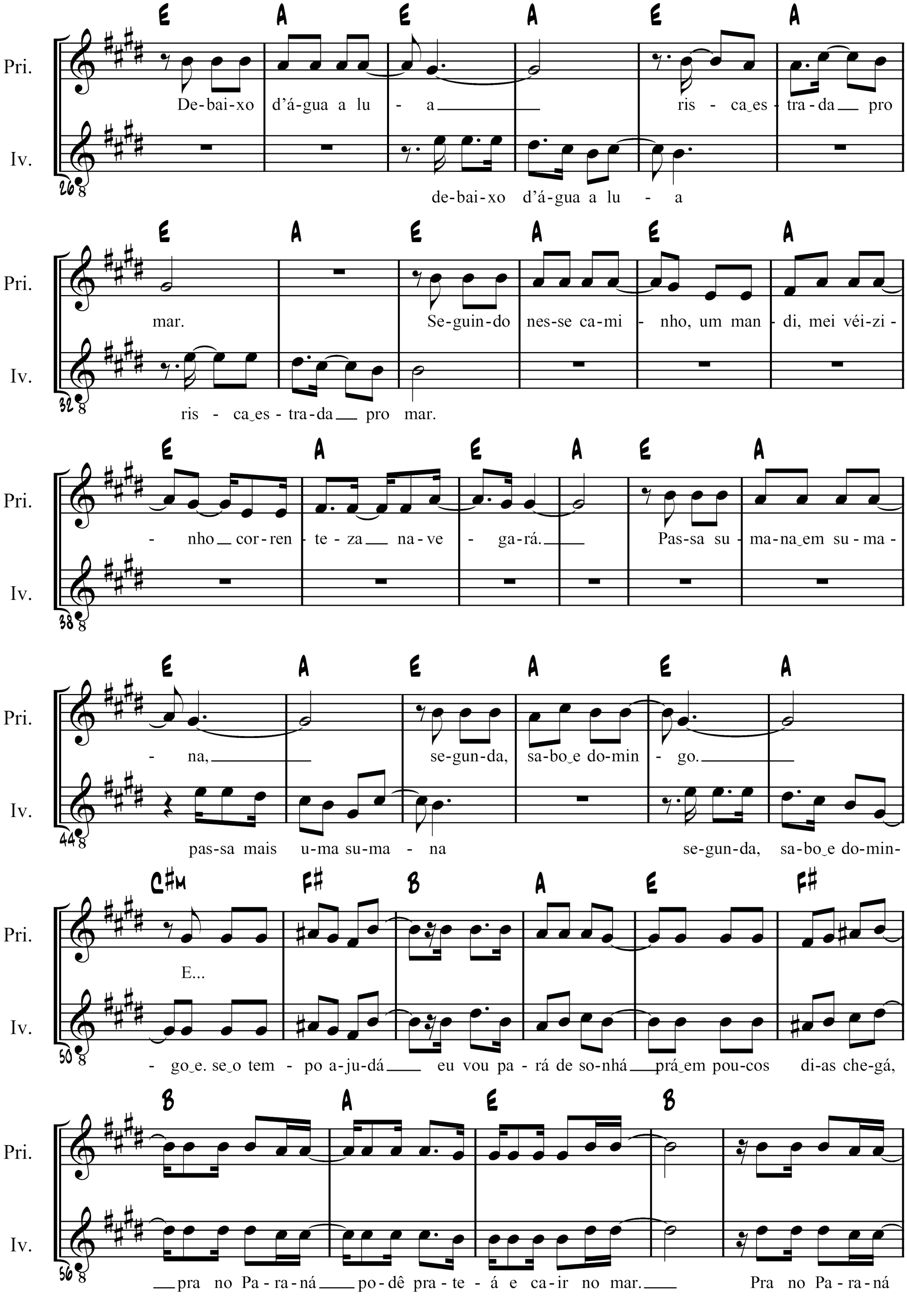
Sul das Gerais | Diagrama dos Acordes



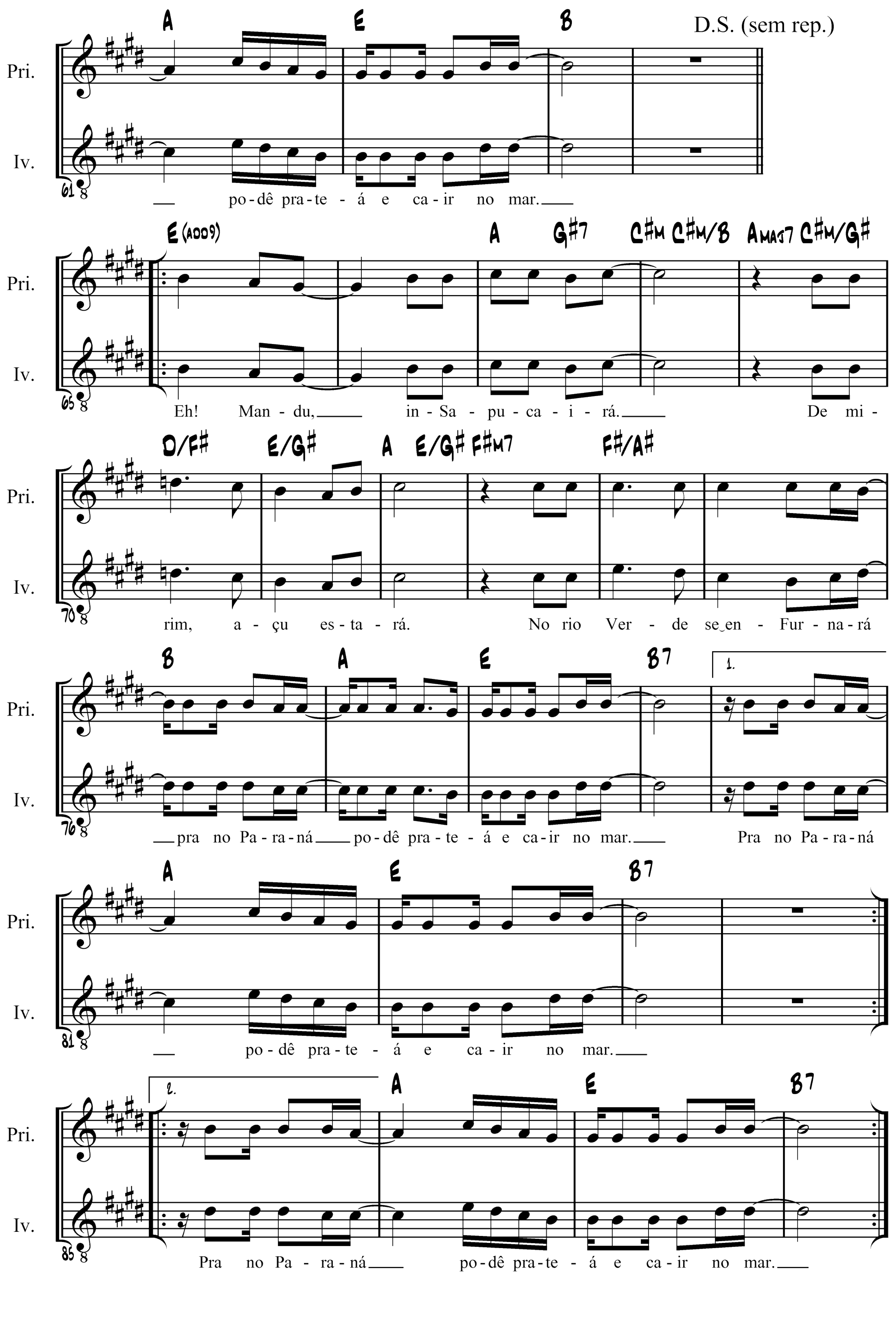
MANDU

Marcos Mesquita Filho





Pri.
Iv.
E A E A E A
De-bai-xo d'á-gua a lu - a ris - ca‿es - tra-da pro
de-bai-xo d'á-gua a lu - a
26
E A E A E A
mar. Se-guin-do nes-se ca-mi - nho, um man - di, mei véi-zi -
ris - ca‿es - tra-da pro mar.
32
E A E A E A
- nho cor-ren - te - za na-ve - ga-rá. Pas-sa su - ma-na‿em su-ma -
38
E A E A E A
- na, se-gun-da, sa-bo‿e do-min - go.
pas-sa mais u-ma su-ma - na se-gun-da, sa-bo‿e do-min-
44
C#m F# B A E F#
E...
- go‿e. se‿o tem - po a-ju-dá eu vou pa - rá de so-nhá prá‿em pou-cos di-as che-gá,
50
B A E B
pra no Pa - ra - ná po-dê pra - te - á e ca - ir no mar. Pra no Pa - ra - ná
56



D.S. (sem rep.)
A E B
Pri.
Iv.
61
— po-dê pra-te - á e ca-ir no mar.—
E(add9) A G#7 C#m C#m/B Amaj7 C#m/G#
65
Eh! Man - du,— in - Sa - pu - ca - i - rá.— De mi -
D/F# E/G# A E/G# F#m7 F#/A#
70
rim, a - çu es - ta - rá. No rio Ver - de se‿en - Fur - na - rá
B A E B7
1.
76
— pra no Pa - ra - ná — po - dê pra - te - á e ca - ir no mar.— Pra no Pa - ra - ná
A E B7
81
— po - dê pra - te - á e ca - ir no mar.—
2.
A E B7
85
Pra no Pa - ra - ná — po - dê pra - te - á e ca - ir no mar.—

Mandu

(Marcos Mesquita Filho)

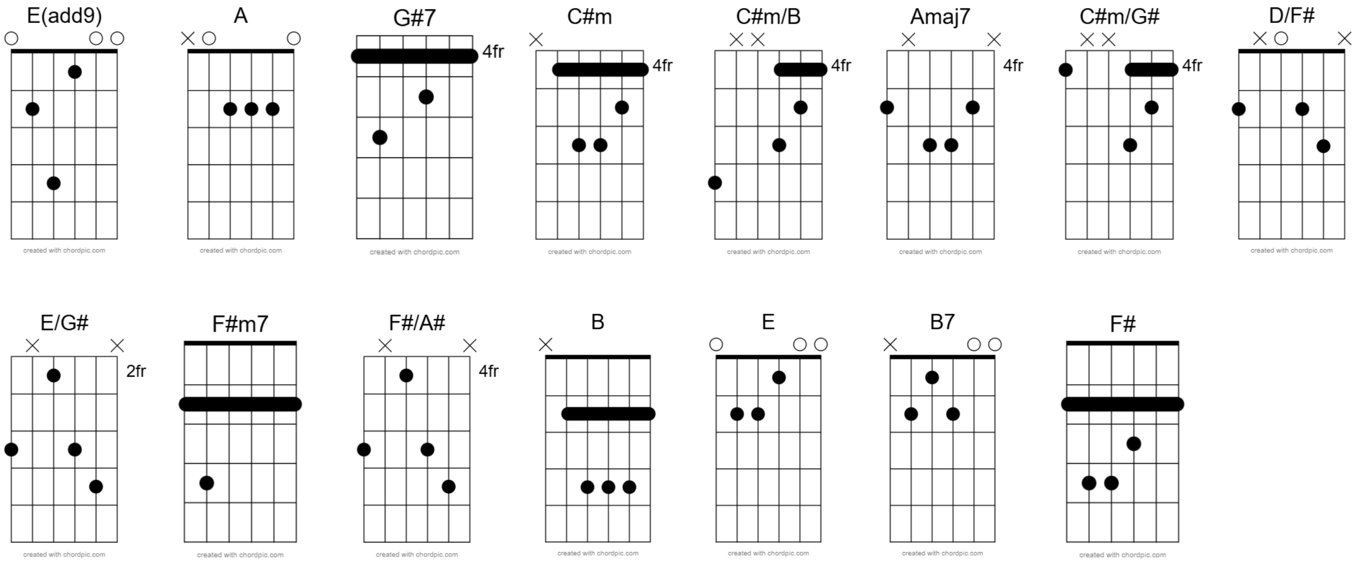
Introdução: | **E(add9)** | | | | |

E(add9)
Eh! Mandu,
A G#7 C#m C#m/B Amaj7
InSapucairá.
C#m/G# D/F# E/G# A E/G#
De mirim, açu estará.
F#m7 F#/A# B
No rio Verde se enFurnará
A
Pra no Paraná
E
Podê Prateá
B7
E cair no mar.
A
Pra no Paraná
E
Podê Prateá
B7
E cair no mar.

E A E
Debaixo d'água a lua
A E
Debaixo d'água a lua! + Ah, canoa, minha canoa
E A E
Risca estrada pro mar.
A E
Risca estrada pro mar!
E A E
Seguindo nesse caminho,
A E
Um mandi, mei véizinho,
A E A
Correnteza navegará.
E A E
Passa sumana em sumana,
A E
Passa mais uma sumana!
E A E
Segunda, sabo e domingo.
A C#m
Segunda, sabo e domingo!

F# B
E se o tempo ajudá
A E
Eu vou pará de sonhá
F# B
Prá em poucos dias chegá,
A
Pra no Paraná
E
Podê Prateá
B
E cair no mar.
A
Pra no Paraná
E
Podê Prateá
B
E cair no mar.

Mandu | Diagrama de Acordes



Apóie o artista independente
Hortelã
IVAN E PRICILA
"HORTELÃ"
CVE-50.027
(P) 1985
LADO A
ESTÉREO
1. PÉROLA (Fernando D'Andréa - Ivan Vilela) — 2. BEM (Marcellus Bezerra - Ivan Vilela) — 3. MANA (Marcellus Bezerra - Ivan Vilela) — 4. COLAR DE CAROLINA (Poema de Cecília Meireles musicado por Dércio Marques e Diana Pequeno) — 5. EM TRILHOS (Marcellus Bezerra - Luis Celso de Carvalho)
CGC 61.432753/0001-60
FABR. POR FERMATA IND. FONOGRAFICA LTDA. R. JOSEF KRYSS, 90 · C.G.C. 61.432.753 0001 60 · SÃO PAULO · SP · IND BRAS. MARCA REGISTRADA
RESERVADOS OS DIREITOS FONOGRAFICOS E DA OBRA GRAVADA. PROIBIDA A REPRODUÇÃO, EXECUÇÃO E RADIOTELEDIFUSÃO
recupere o sentido da beleza